

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARA
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DIVA RODRIGUES DALTRO BARRETO

**Luta por invisibilidade ou reconhecimento? Um estudo sobre a história
de vida de acompanhantes de luxo**

Fortaleza
2014

DIVA RODRIGUES DALTRO BARRETO

Luta por invisibilidade ou reconhecimento? Um estudo sobre a história de
vida de acompanhantes de luxo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Aluísio Ferreira de Lima

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Aluísio Ferreira de Lima (UFC)

Prof. Dr. Antônio da Costa Ciampa (PUC-SP)

Profª. Dra. Idilva Maria Pires Germano (UFC)

Profª. Dr. Francisca Denise Silva do Nascimento (UFC)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- B2611 Barreto, Diva Rodrigues Daltro.
Luta por invisibilidade ou reconhecimento? Um estudo sobre a história de vida de acompanhantes de luxo / Diva Rodrigues Daltro Barreto. – 2014.
134 f. , enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2014.
Área de Concentração: Psicologia.
Orientação: Prof. Dr. Aluísio Ferreira de Lima.
- 1.Prostituição – Fortaleza(CE). 2.Prostitutas – Fortaleza(CE) – Atitudes. 3.Identidade social.
4.Psicologia social. I. Título.

A Pablo Severiano
E ao vovô Barreto (em memória)

AGRADECIMENTOS

A Pablo Severiano, meu marido. Pelo amor a mim dedicado, pela força nos momentos mais difíceis, pelo incentivo nos momentos de incerteza. Obrigada por estar sempre ao meu lado e por não me deixar nunca desistir. Sem você nada disso seria possível; eu não seria possível.

Ao meu avô Barreto, que há 11 anos me enche de saudade. Obrigada por ter me amado, por sempre ter cuidado de mim, por sempre estar presente nos momentos em que mais precisei. Todas as minhas conquistas vão ser sempre dedicadas a você. Te amo eternamente.

A Márcia Rodrigues, minha mãe. Pelo apoio incondicional, por sempre estar ao meu lado, por sempre acreditar na minha capacidade, por sempre torcer pelo meu sucesso e minha felicidade. Obrigada por ter dedicado a sua vida a mim, eu dedico tudo o que sou a você.

A Aluísio Lima, que há quase 6 anos é mais que meu professor, é um amigo. Obrigada por tanto apoio, por tanta confiança, por tanto incentivo. Obrigada por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditava. É um privilégio imenso ter sido orientada por você.

A Barreto Júnior, meu pai. Por sempre ter me incentivado a estudar, por ficar tão feliz pelas minhas conquistas, por sentir tanto orgulho de mim. Obrigada por ter ficado ao meu lado no momento em que mais precisei, sem sua força talvez eu não estaria agora defendendo essa Dissertação.

A Adelaide Barreto, minha avó. Obrigada por ter sempre me apoiado, por ter sempre confiado em mim e nas minhas decisões. Sua força, sua coragem e sua firmeza me ajudam a tentar sempre ser uma pessoa melhor. Obrigada por fazer parte da minha vida.

Aos meus tios pelo carinho e apoio que sempre me dedicaram.

A Fatima Severiano e a Ireleno Benevides, meus sogros. Pelos conselhos, pelas ideias, pelas conversas, por me fazerem refletir. Obrigada por sempre estarem dispostos a me ajudar. Espero um dia ter tanto conhecimento e experiência acadêmica quanto vocês.

A Adriana Bessa, minha amiga. Por nunca ter me faltado, por me apoiar nos momentos mais difíceis, por estar sempre disposta a me ouvir mesmo quando não concorda comigo. Pelo afeto, pelo companheirismo, por fazer parte da minha vida há 17 anos.

À minha turma do mestrado em Psicologia, em especial ao Neto, Rafaela, Vinícios, Lorena, Juliana, Irvina e Luara. A alegria e os sorrisos de vocês deram leveza a essa longa caminhada.

A Diana, Marina, Albaneila, Thaís, e Emanuelle. Pela amizade, pela doçura, e por fazerem eu me sentir sempre uma pessoa especial.

Ao Diego (meu irmão), Amanda (minha irmã), e Ruth (minha cunhada). Obrigada pela torcida, pelo carinho, e por sentirem tanto orgulho de mim.

Ao Prof. Dr. Antônio da Costa Ciampa por ser, desde a graduação, minha fonte de inspiração.

À Profa. Dra. Idilva Maria Pires Germano. Por suas ricas contribuições ao meu texto, e por tê-las dito de uma forma tão leve que me acalmou o coração.

À Profa. Dra. Francisca Denise Silva do Nascimento por sua disponibilidade em participar dessa banca.

Ao Prof. Dr. Cristian Paiva. Por ter me inquietado, por te me instigado, por ter me feito repensar sobre os caminhos de minha Dissertação.

À CAPES, por financiar durante dois anos meus estudos. Seu apoio foi de fundamental importância para o bom andamento de minha pesquisa.

BARRETO, Diva Rodrigues Daltro. **Luta por invisibilidade ou reconhecimento?** Um estudo sobre a história de vida de acompanhantes de luxo. 126f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Psicologia, Fortaleza-CE, 2014.

RESUMO:

O objetivo dessa dissertação de mestrado foi realizar um estudo sobre a história de vida de duas acompanhantes de luxo, mulheres que encontraram no mercado do sexo o meio para ganharem dinheiro e assim administrar suas vidas. Para isso, analisamos as narrativas de história de vida de duas acompanhantes, Mara (nome fictício) e Letícia (nome de batismo), buscando a partir de suas narrativas, entender como foram suas vidas, quais os percalços que passaram até tornarem-se quem são nesse momento, como aconteceu o conflituoso processo de (re)construção de suas identidades, quais os personagens que representaram e representam em suas vidas, quais metamorfoses suas identidades sofreram. Arelada a essa investigação, buscou-se, a partir do referencial teórico de autores que discutem e dialogam com a proposta de uma Psicologia Social Crítica, analisar criticamente as histórias por elas contadas. Entre os principais autores utilizados destacam-se Ciampa (1987), com sua teoria da identidade-metamorfose, atualizada recentemente por Lima (2010); Honneth (2011, 2003), e sua discussão sobre Invisibilidade e Reconhecimento e Becker (2008). Nas análises das entrevistas ficou evidente que, embora ocupando um espaço social diferenciado frente as demais profissionais do sexo, essas mulheres ainda sofrem preconceito e estigmatização social por representarem a personagem acompanhante de luxo. Do mesmo modo, evidenciamos as diferentes representações dessa personagem para Mara e Letícia, a primeira vivendo a acompanhante de luxo de uma forma invisível, negociando esta com suas outras personagens e gerenciando sua vida na base do segredo, a segunda, por outro lado, representa a personagem acompanhante de luxo de uma forma explícita, de modo a articulá-la com suas outras personagens e lutar por reconhecimento de sua profissão. Letícia busca o reconhecimento da sua identidade e luta pelo direito de ser reconhecida dignamente como uma mulher trabalhadora, autônoma, que tem o direito de utilizar seu corpo da forma como bem quiser. As narrativas de história de vida de Mara e Letícia evidenciaram, além das dificuldades e alegrias de suas atuações enquanto acompanhantes de luxo, um mundo que embora seja muito lucrativo e mobilize mulheres, mercado de moda, gastronomia, viagens, cirurgias plásticas etc., ainda é pouco (re)conhecida na esfera pública. Do mesmo modo, as narrativas ensinam que embora possamos representar determinadas personagens que garantem nosso acesso a bens de consumo e estabilidade financeira isso não significa que desejemos o reconhecimento dessa representação e a integremos a nossa identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Social; Acompanhantes de Luxo; Identidade; Reconhecimento; Invisibilidade.

BARRETO, Diva Rodrigues Daltro. **Struggle for Invisibility or Recognition?** A study about the life story of a Luxurious Prostitute. 126f. Master's Dissertation – Federal University of Ceará, Psychology Department, Fortaleza-CE, 2014.

ABSTRACT:

The goal of this thesis is to perform a study about the life story of two luxurious prostitutes, women that found on the sex market the way to make money, making that a living. To understand it, we will need to analyze the narrative with the story of two escorts, Mara (fictitious name) and Leticia (real name), searching and trying to understand how their lives were, how things ended up happening how it did, what each characters represent in their lives, how their got back their identities and how much of a change their went through. Linked to this investigation, there was a pursue from the theoretical referential of authors that debate the proposal of the Criticism of a Social Psychology, reviewing the history told by it. Amongst the main authors used, the highlights are: Ciampa (1987), with the metamorphosis-identity theory, recently updated by Lima (2010); Honneth (2011, 2003), and the discussion about Invisibility and Acknowledgment Becker (2008). After analyzing the interviews, it was clear that, although, they luxurious prostitutes occupying a different social space, comparing to the non-luxurious ones, they were suffering with the prejudgment by the society in general for being prostitutes. In the very same way, we see the different representations of the character, for Mara and Leticia, the first one being a luxurious prostitute of an invisible form, negotiating with the the characters and managing her life secretly, the second one, on the other hand, represent a character as explicit prostitute, that wanted to fight for her rights as a professional, she wanted it to be recognized. Leticia looked for her rights and wanted her "profession" to be seeing as a self-employed and independent woman that could use her body whoever she pleased. The narrative of the story of the lives of Mara and Leticia shows that besides the difficulties and happiness of their acting while being luxurious prostitutes, a world that although it was very profitable, mobilize many women, the fashion world, gastronomy, trips, plastic surgery and etc., it wasn't recognized with good eyes by the society. In the same way, the story of their lives teach that, although it could represent certain character that guarantees our access to consumer goods and financial stability doesn't mean that we are willing the acknowledgement of this representation and add that to our identity.

KEYWORDS: Social Psychology; Luxurious Prostitutes; Identity; Acknowledgment; Invisibility.

SUMÁRIO

Introdução	p. 01
<i>Sobre a pesquisa e o percurso metodológico</i>	<i>p. 01</i>
<i>As narrativas e suas análises</i>	<i>p. 06</i>

PARTE I

Sobre o referencial teórico de análise	p. 11
<i>1.1 Alguns apontamentos sobre Escola de Frankfurt e Psicologia Social Crítica ..</i>	<i>p. 11</i>
<i>1.2 A teoria da identidade proposta por Antônio da Costa Ciampa e seu caráter eminentemente transformador</i>	<i>p. 16</i>
<i>1.3 A teoria do reconhecimento de Axel Honneth e a questão da invisibilidade</i>	<i>p. 23</i>
<i>1.4 Howard Becker e o problema dos Outsiders</i>	<i>p. 35</i>

PARTE II

Sobre a temática da prostituição e o mundo das acompanhantes de luxo	p. 41
<i>2.1 Os diversos olhares acerca da prostituição</i>	<i>p.41</i>
<i>2.2 Algumas palavras sobre a prostituição de luxo</i>	<i>p. 47</i>

PARTE III

Costurando as colchas de retalhos – A história de Mara e de Letícia	p. 51
<i>3.1 A história de Mara: os perigos de jogar com várias personagens e administrar a invisibilidade</i>	<i>p. 51</i>
<i>3.1.1 Quando a moça de família decide conhecer e atuar no universo da prostituição de luxo</i>	<i>p. 57</i>
<i>3.1.2 Os perigos de apresentar-se nos sites</i>	<i>p. 62</i>
<i>3.1.3 A saída da casa da mãe e a ressignificação da afetividade</i>	<i>p. 71</i>
<i>3.1.4 Os planos para o futuro</i>	<i>p. 76</i>
<i>3.2 A história de Letícia: a articulação da personagem acompanhante de luxo com outras personagens de sua identidade e sua luta por reconhecimento</i>	<i>p. 80</i>
<i>3.2.1 Em meio as dificuldades, o convite inusitado</i>	<i>p. 85</i>
<i>3.2.2 Uma nova forma de pensar os homens</i>	<i>p. 96</i>
<i>3.2.3 Planos para o futuro</i>	<i>p. 101</i>

PARTE IV

Análise das entrevistas – (des)montando o quebra-cabeças	p. 104
<i>4.1 Da relação entre o “pano de fundo” e as histórias de Mara e Letícia</i>	<i>p. 104</i>
<i>4.2 Da relação entre consumo, fetiche de mercadoria e capital</i>	<i>p. 107</i>
<i>4.3 As diferentes personagens, as diferentes representações, e a questão da invisibilidade</i>	<i>p. 111</i>
<i>4.4 A acompanhante de luxo como Outsider</i>	<i>p. 117</i>

CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 121
-----------------------------------	---------------

REFERÊNCIAS	p. 124
--------------------------	---------------

INTRODUÇÃO

Antes de apresentar a pesquisa propriamente dita, considerei importante situar o leitor no percurso que trilhei até agora enquanto estudiosa em Psicologia Social. Portanto, peço licença ao leitor para nesta primeira parte eu me valer de uma linguagem um pouco menos impessoal. Assim, nas linhas que seguem, descreverei como surgiu meu interesse pelo tema aqui pesquisado e o percurso metodológico que adotei no presente estudo. Logo na sequência, discorrerei brevemente sobre o método narrativo. Após essa contextualização, o leitor seguirá para o principal desta dissertação e seus resultados.

Sobre a pesquisa e o percurso metodológico

O interesse em estudar a temática da prostituição surgiu ainda na graduação em Psicologia, quando, juntamente com outros estudantes, fiz um trabalho de distribuição de preservativos nos cabarés da periferia da cidade de Sobral – CE. Esse contato inicial com garotas de programa pobres¹ me instigou a querer saber mais sobre elas, conhecer como vivem e quais seus dilemas, ou seja, saber como se configura o conflituoso processo de constituição de suas identidades, de que modo se reconhecem e acreditam que os outros as reconheçam. Esses estudos resultaram em meu trabalho de conclusão de curso – TCC –, que se intitulou “*Eu não esqueço, eu faço que esqueço*: um estudo acerca das narrativas de história de vida de prostitutas pobres”. Nele estudei as políticas de identidade (CIAMPA, 2002; LIMA, 2010) aplicadas às garotas de programa pobres e fui identificando, a partir das narrativas de suas histórias de vida, como essas políticas de identidade foram sendo absorvidas por essas mulheres. Desse modo, pude perceber como tal discurso tende a estigmatizar e a reduzir as infinitas possibilidades de representação de si mesmas a uma ínfima e desqualificada representação da personagem “garota de programa”.

Após as análises das histórias de vida das prostitutas pobres, ficaram claras algumas das razões que as faziam continuar se prostituindo: situação de vida precária,

¹ Importante destacar que durante esse projeto o termo que se refere à garota de programa foi utilizado de várias formas: prostitutas, profissionais do sexo, mulher da vida. Isso aconteceu com o objetivo de esclarecermos que nosso intuito aqui foi o de discutir qual a melhor nomenclatura a ser utilizada para se referir a essas mulheres, e sim, de mostrar que nos interessava analisar, a partir nas histórias de vida dessas mulheres, como se deu a constituição da identidade das mesmas, qual o processo que passaram até tornarem-se quem são.

exploração sexual infantil (ambas as entrevistadas no TCC sofreram algum tipo de violência sexual na infância) e o sonho de melhorar de vida. Percebi que embora a prostituição aparecesse num primeiro momento dos discursos como uma escolha autônoma, a profissão se apresentava como uma das únicas alternativas possíveis para elas continuarem sobrevivendo e assim poderem sustentar suas famílias.

Se por um lado o TCC apresentava algumas respostas, por outro gerou outras questões. Dentre elas, qual o porquê de mulheres jovens de classe média e alta de Fortaleza adentrarem no mundo da prostituição, algo que se comenta nos corredores das faculdades, mas que não se discute e pouco se conhece a respeito. Comecei a me perguntar coisas como: se essas mulheres têm um bom poder aquisitivo e são de famílias com boas condições financeiras, por que ainda assim escolheram o caminho da prostituição? O que está em jogo na escolha dessa profissão? O que as motivou a escolher a prostituição como fonte de renda e de manutenção de suas vidas?

Tentei encontrar algumas respostas em pesquisas já realizadas a respeito, em diferentes campos de conhecimento: ciências sociais, psicologia, psicanálise, epidemiologia, antropologia, saúde coletiva, educação, *etc.* Nesses trabalhos encontrei leituras que focavam a questão da vitimização da mulher prostituída (COSTA, 2005); e descrição das prostitutas do baixo meretrício (prostitutas pobres) (TEDESCO, 2008); os processos de estigmatização e preconceito (VALLE 2011); a escolha dessa profissão como única possibilidade possível (VALLE, 2011); o problema da exploração sexual (RODRIGUES, 2010); questões relativas à regulamentação da profissão (TEDESCO, 2008); *etc.* Não identifiquei, pois, nenhum que tenha se interessado em conhecer a história de vida das prostitutas de luxo, de modo a compreender as metamorfoses que elas viveram e as dificuldades que enfrentam em seu cotidiano.

Resolvi então levar minhas inquietações para o mestrado. Nesse sentido, continuei interessada em conhecer o mundo da prostituição feminina tal como na graduação, todavia, o objetivo da pesquisa se deslocou para a prostituição de luxo de Fortaleza, ou, como elas mesmas denominam: as acompanhantes de luxo. Entre os diferenciais que as caracterizam dentro do perfil de acompanhantes de luxo estão o valor cobrado por hora de programa (superior a R\$ 350,00), o cuidado excessivo com o corpo e padrão de beleza, o fato de serem ou terem sido universitárias, falarem no mínimo dois idiomas *etc.*

Continuei minhas investigações sob orientação do prof. Dr. Aluísio Ferreira de Lima no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará

– UFC – e, para embasar teórico e analiticamente meu trabalho, procurei aprofundar meus estudos da teoria de identidade e reconhecimento, tal como foi desenvolvido por Antonio Ciampa (1987) e tem sido ampliado por Aluísio Lima desde sua pesquisa de doutorado (LIMA, 2009; 2010).

Devido aos vários usos e maus usos da concepção de identidade em ciências humanas, vale adiantar aqui a forma como Ciampa (1987)² a compreende, posto que sua compreensão segue na contramão das teorias tradicionais de identidade e personalidade que tendem a encarar o desenvolvimento da identidade do sujeito como um processo natural e contínuo, que lhe conferia um caráter de estabilização, cristalização e paralisação, não vendo aí um processo repleto de mudanças construtivas e desconstrutivas.

Para Ciampa (1987), ao falarmos em identidade humana estamos falando de um processo incessante de construção de nós mesmos, no dia a dia de nosso convívio social e na multiplicidade das experiências que vivemos. Quando falamos em identidade, falamos em metamorfose. O autor traz ainda a ideia de que, para nós, é impossível viver sem assumir personagens. Cotidianamente, representamos nossos papéis de esposa(o), mãe, pai, filho(a), amigo(a), trabalhador(a), *etc.*, de modo que a junção e a articulação desses inúmeros e diferentes personagens constitui nossa identidade. Expressamos vários fragmentos de nós mesmos em nosso cotidiano, os quais, quando apresentados, negam nossa totalidade, muitas vezes dando a impressão de que somos apenas uma dessas representações para aqueles com quem nos relacionamos. Em outras palavras, os indivíduos, ao irem se metamorfoseando e constituindo sua identidade, sentem necessidade do reconhecimento social, e o problema se dá justamente pelas diversas formas de reconhecimento às quais os indivíduos são submetidos.

O caso das mulheres que vivem no mundo da prostituição é emblemático nesse sentido, visto que constantemente são reconhecidas apenas como garotas de programa, reduzindo as infinitas possibilidades de representação de personagens da mulher que trabalha como profissional do sexo à ínfima e desqualificada representação de prostituta, algo que fariam devido à sua “essência” ou à falta de “vergonha na cara”.

É importante assinalar que além desses dois autores, apropriei-me das ideias de outros pensadores do campo das ciências humanas que acredito poderem ser articulados

² Discutiremos com mais propriedade e profundidade a teoria de identidade na parte I, onde apresentaremos as categorias de análise das narrativas de história de vida.

com a proposta de uma Psicologia Social Crítica, tais como Honneth (2003), Ricoeur (2006) e Becker (2008).

No que se refere à metodologia, também segui o caminho iniciado anteriormente na pesquisa com as profissionais do sexo pobres, isto é, analisei narrativas de história de vida das acompanhantes de luxo, a fim de compreender as metamorfoses ocorridas durante a (re)construção de suas identidades e as formas de reconhecimento a que estão sujeitas.

Com esse intuito, inicialmente imaginávamos conseguir várias entrevistas, o que não ocorreu de fato. Inicialmente busquei fazer contato com as acompanhantes de luxo através de sites na internet, tais como o www.coelhinhasdobrasil.com.br e www.acompanhantesvip.com.br. Nesses sites de encontro, as garotas divulgam seu trabalho expondo fotos pessoais e demais dados como número de contato, peso, altura, opção sexual, idiomas falados, disponibilidade para viagens e grau de escolaridade. Através dos anúncios expostos nos sites, telefonamos para doze meninas para tentar marcar as entrevistas. Contudo, esse método de aproximação não rendeu bons resultados. Ao ligar para as meninas, expliquei o propósito da ligação, falei sobre minha pesquisa de Mestrado e perguntei se elas se disponibilizavam a conversar comigo. Apenas uma menina se disponibilizou a conversar, contudo, quando liguei em um momento posterior, como acordado, ela não atendeu mais a ligação. Enquanto eu explicava meu propósito com essa pesquisa algumas se mostraram simpáticas e me ouviram, mas ao final diziam que não gostavam de falar sobre suas vidas. Algumas nem me deixaram explicar e de imediato desligavam o telefone. Tentamos também aproximações a partir do convite de amizade em rede social³, pois havíamos percebido que muitas das acompanhantes tinham perfil⁴.

Após tentativas fracassadas de contato com as meninas através de telefone e nenhuma resposta frente às solicitações de amizade na rede social, resolvemos tentar uma aproximação mais direta com essas mulheres. Durante as pesquisas na *internet* descobrimos uma casa⁵ que funciona como “bar” e que serve de ponto de encontro entre acompanhantes de luxo e clientes.

³Facebook™

⁴ Uma das hipóteses sobre essa dificuldade em conseguir narrativas dessas mulheres está no fato de que a sua representação enquanto acompanhante de luxo muitas vezes é realizada de modo sigiloso, por meio de uma invisibilidade proposital. Isso deverá ficar mais claro quando discutirmos a lógica dos sites na história de Mara, uma das entrevistadas do presente estudo.

⁵ O nome da casa aqui colocado é fictício, visando preservar o anonimato do estabelecimento, profissionais do sexo e clientes que frequentam o lugar.

Fui à casa acompanhada do Prof. Aluísio Lima. Quando chegamos fomos recebidos pelo gerente do local, que nos recebeu amigavelmente. Explicamos para ele o propósito de estarmos lá e dissemos que queríamos conversar com alguma das meninas. Ele se mostrou solícito e ficou de falar com as meninas e ver se alguma poderia conversar conosco. Após algum tempo sentados, uma moça se aproximou, apresentou-se como Mara⁶ e nos disse que o gerente havia falado com ela e que ela poderia conversar conosco. Conversamos um pouco, explicamos sobre a pesquisa e o interesse em colher a narrativa de história de vida das acompanhantes de luxo. Ela concordou e marcamos a entrevista para o dia seguinte.

A entrevista foi realizada no gabinete do prof. Aluísio Ferreira de Lima, localizado no Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará e ocorreu de forma tranquila e sem nenhuma interrupção. Mara foi muito simpática e comunicativa.

Tal como é praxe em entrevistas que seguem essa vertente teórico-metodológica sobre identidade-metamorfose, fizemos perguntas norteadoras no decorrer da entrevista, tais como: “Quem é você?”, “Como você se vê?”, “Como você se reconhece e como você acredita que seja reconhecida pelos outros?”, “Como é sua vida como acompanhante de luxo?”. O intuito era que Mara narrasse sua história da maneira mais livre possível, contudo sem fugir do foco de investigação do trabalho. A entrevista foi gravada e transcrita para que assim não perdêssemos nenhum elemento que pudesse ser importante para a análise dos dados.

O contato com Letícia, nossa segunda entrevistada, ocorreu de uma forma não esperada. Como foi anteriormente falado, durante as tentativas de aproximação junto às acompanhantes de luxo, tentamos diversas formas de contato pelas redes sociais. Em certa ocasião, uma dessas acompanhantes aceitou a “solicitação de amizade” do prof. Aluísio, e imediatamente ele lhe enviou uma mensagem explicando o motivo da solicitação e os objetivos da pesquisa. Diferente das mulheres com quem conversamos anteriormente e que procuravam a todo custo manter sua condição de anonimato, esta, por sua vez, assumia o trabalho enquanto acompanhante de luxo sem “esconder o rosto”⁷. Letícia respondeu dizendo que estaria de passagem por Fortaleza na semana seguinte e que se fosse de nosso interesse poderia ser entrevistada. Na ocasião, eu estava em outro estado, não sendo possível retornar ao Ceará a tempo. Desta feita, meu

⁶ Nome Fictício escolhido pela entrevistada.

⁷ Como geralmente as garotas fazem para esconder suas identidades e para não serem reconhecidas.

orientador decidiu não perder a difícil oportunidade de conseguir tal entrevista, que enfim ocorreu em seu gabinete na semana seguinte à do contato inicial com Letícia.

A entrevista com Letícia também ocorreu sem nenhum problema, inclusive conseguimos a autorização da entrevistada para utilizar as várias formas de publicidade pessoal (site, revistas masculinas *etc.*) para exemplificar as formas como as profissionais de luxo têm se promovido socialmente. Letícia, ao contrário de Mara que mantém uma vida paralela, entende que seu trabalho não é vergonhoso e que a exposição de sua história pode ajudar a desmistificar o mundo em que vive.

As narrativas de história de vida e suas análises

Dadas as várias formas como a narrativa de história de vida é utilizada, parece oportuno discorrer um pouco sobre o modo como ela foi utilizada nesta pesquisa, bem como sobre as contribuições que acredito poder oferecer com seu uso. Para tanto, vale iniciar com a etimologia dos termos “narrar” e “história”.

“*Narrare*” significa algo assim como “arrastar para a frente”, e deriva também de “*gnarus*” que é, ao mesmo tempo, “o que se sabe” e “o que se viu”. E “o que viu” é o que significa também a expressão grega “*istor*” da qual vem “história” e “historiador”. (LARROSA, 2002, p.68).

Desta forma, as narrativas de história de vida constituirão uma circunstância de suma importância para o processo de construção das identidades dos sujeitos, o que parece ser sugerido por Larrosa (2002, p.69), tendo em vista que afirma: “o sentido de quem ele [o indivíduo] é para si mesmo é análogo ao que acontece com a construção de uma personagem em uma trama narrativa”.

Durante os exercícios de narração, à medida que falamos sobre nós mesmos e contamos nossa história, percebemos que o desdobramento dela implica tanto na compreensão de nossa própria vida, na compreensão de nós mesmos enquanto sujeitos detentores de uma história única, como também na compreensão de que o personagem principal dessa história é o sujeito narrador, sob o qual gravita toda a trama narrativa.

Ao contar sua história, o sujeito vai se construindo, desconstruindo e reconstruindo concomitantemente. Falar sobre si, transformar em palavras aquilo que estava guardado na memória, trazendo-o para o presente, pode ser considerado como um processo de transformação de si mesmo. E, à medida que esse sujeito se transforma,

novas possibilidades de se fazer uma história e de (re)construir sua identidade vão emergindo.

Não podemos falar em narrativas sem falarmos sobre a memória, peça fundamental nas construções e narrações de histórias de vida. Podemos falar em memórias lembradas, memórias perdidas, memórias faladas e memórias esquecidas. Nem sempre lembramos tudo o que aconteceu em nossas vidas, nem sempre falamos tudo o que lembramos e nem sempre queremos lembrar o que foi esquecido, muitas vezes com muito custo e sofrimento. Não por acaso, Kofes (2001, p. 12) assinala que “a memória se constrói no jogo entre lembranças e esquecimentos e, no plano dos agentes, no embate entre o que é lembrado e o que é esquecido, entre o narrável e o inenarrável”.

Gagnebin (2006), ao discorrer sobre os sobreviventes da Primeira Guerra Mundial e sobre suas dificuldades em se restabelecerem emocionalmente após a guerra, fala que eles voltaram das trincheiras sem conseguirem falar, sem conseguirem se expressar por meio de palavras – o que aconteceu pelo fato de eles não conseguirem transformar em palavras o que viveram no terror da guerra. Desta maneira, a autora fala em memória traumática e em experiência do choque, onde a linguagem se torna impossibilitada de atuar e onde o processo de narração se estanca devido à dificuldade que o sujeito encontra em assimilar, em falar sobre o que foi vivido. O choque, o trauma “(...) fere, separa, corta ao sujeito o acesso ao simbólico, em particular à linguagem” (GAGNEBIN, 2006, p. 51).

Diante disso, seria próprio de um sujeito que passou por uma experiência traumática tentar esquecer o que foi vivido. Contudo, essa tentativa se mostra falha em alguns aspectos, pois ao passo que fazemos um esforço para não lembrar de algo que nos faz sofrer, quanto mais tentamos apagar isso da memória, mais lembramos dela, e giramos em círculos, sempre na esperança de um dia quem sabe esquecer, ou pelo menos, fingir que foi esquecido. Para Gagnebin (2006), o primeiro esforço do sujeito no sentido de superar e tentar elaborar o trauma vivido seria tentar dizer o indizível, tentar elaborar simbolicamente o trauma, para dessa forma tentar continuar a viver.

Kofes (2001) trará uma interessante discussão sobre trajetória de vida, sobre itinerário. Estas noções se mostram relevantes quando falamos em narrativa de história de vida, já que é importante ao pesquisador ter entendimento do percurso que o sujeito teve ao longo de sua história, por quais caminhos esse sujeito passou, quais estradas ele percorreu e em que ponto de chegada ele se estabelece atualmente. Resta ao pesquisador, ao estar diante de uma narrativa, ao ouvi-la, ser capaz de compreender que

a estrada não é única, que aquilo que o sujeito narrador toma como ponto de partida poderá não mais tomar em outro contexto, bem como que o ponto atual de chegada não indicará um fechamento de sua história.

A análise acima deixa claro o caráter singular da vivência dos indivíduos. Cada história, cada experiência, cada ressignificação de vida é única, e o trajeto seguido nem sempre é linear, plano, contínuo; ao contrário, é passível de desvios, bifurcações, lacunas, penhascos e abismos, que não apenas servem de percalços no meio do caminho, mas ajudam a construir o “si mesmo” dos sujeitos.

Afinal, tal como Bourdieu (1996, p. 76) assinalou, “o real é descontínuo, formado por elementos justapostos sem razão, cada um é único, e tanto mais difíceis de entender porque surgem sempre de modo imprevisível, fora de propósito, de modo aleatório”. A narrativa de história de vida de um sujeito nem sempre é retilínea, cronológica, coerente, como uma sequência lógica de eventos significantes.

Na análise da narrativa de história de vida, todos os elementos que são contados na trama narrativa se tornam importantes: o que é dito, o que não é dito, a ordem em que a história é contada, as repetições, as contradições, os brancos, os buracos, os solavancos, cada parte tem um papel fundamental para o entendimento da história do sujeito. Pois como bem assinalou Bouilloud (2009), a narrativa que é escutada e apresentada publicamente serve para dar voz àqueles que são socialmente excluídos, que são discriminados e que não são ouvidos, de modo que, ao se fazerem ouvir, ao contarem suas histórias, entram em um movimento propício à emancipação.

Aqui, fica claro o papel assumido pelo pesquisador, que ao estar ali para ouvir, para colher a narrativa, deve assumir inevitavelmente o papel de testemunha frente ao sofrimento do outro e de intérprete que deve ser capaz de passar a experiência adiante.

No que se refere à interpretação, Foucault (2008), ancorado nas contribuições de Nietzsche, Marx e Freud, ensina que é preciso considerar dois grandes princípios para nortear essa atividade: a) a suspeita de que a linguagem não diz o que diz, que ela diz para além do seu dizer, ou que o sentido daquilo que ela diz passa por baixo do que aparece em seu dizer; e b) a suspeita de que há linguagem no silêncio, naquilo de que não se fala e nem se escreve para além da forma verbal. Em suma, trata-se de “supor que a linguagem quer dizer outra coisa do que ela diz, e de supor à linguagem para além da própria linguagem” (FOUCAULT, 2008, p. 41). Assim, o intérprete reassume a função de inscrever o sentido do texto a partir da prática perpetuamente aberta, inacabada e enigmática da interpretação.

Esse é um elemento importante para o trabalho do pesquisador. Não se está ali para ouvir tudo sobre todos os elementos da vida do entrevistado, o que seria uma tarefa decerto impossível. Claro é que nem mesmo o próprio indivíduo não dá conta e não tem controle de tudo o que se passa em sua vida, já que é permeado por relações outras, por outros eventos sociais que acontecem exteriores e independentes de si.

O que se coloca em primeiro plano ao se fazer análise de uma narrativa, não é tentar descobrir o verdadeiro relato, ou mesmo a verdadeira realidade que se esconde por trás do relato, mas sim perceber qual o sentido que aquele relato possui. Uma falha de qualquer pesquisador seria acreditar que chegaria à exaustão de uma narrativa, que se descobriria sua totalidade, dando conta de todas as significações que a trama possui. Os relatos dos indivíduos são sempre inesgotáveis, sempre passíveis de novas interpretações, dependendo do pesquisador que se proponha a investigá-lo.

Na medida em que fui seguindo esse percurso, onde as leituras, transcrições e análises seguiam de modo circular e atualizavam-se constantemente, consegui organizar esta dissertação, que foi dividido em quatro partes. Na primeira delas, apresento o referencial teórico de análise que orienta minha leitura e crítica frente ao tema, de modo que trouxe as discussões de autores que dialogam com a proposta de uma Psicologia Social Crítica. Assim, apresentei em um primeiro momento algumas considerações acerca da Escola de Frankfurt e da Teoria Crítica, abordando ainda a forma rápida como se deu a recepção das ideias dos autores frankfurtianos no Brasil. Na sequência, trago a teoria de identidade tal como formulada por Ciampa (1987) e Lima (2010), entendendo-a como metamorfose em busca de reconhecimento. Em seguida, apresento as contribuições de Honneth (2003) para falar sobre a teoria do reconhecimento e sobre invisibilidade social, finalizando com a apresentação da teoria do desvio de Becker (2008), especificamente sua discussão sobre os *outsiders*.

Na segunda parte me propus a apresentar o que chamo de um “panorama geral” acerca da temática da prostituição. Para isso, revisei algumas Teses e Dissertações produzidas nos últimos anos que abordam a temática da prostituição, para fazer uma análise acerca de como essa temática vem mais comumente sendo estudada e discutida nos mais diversos Programas de Pós-Graduação do país. Em seguida, faço uma explanação geral acerca da prostituição de luxo, de modo que procurei trazer algumas das características que circundam as mulheres que vivem dessa forma de comercializar o sexo.

A terceira parte desse trabalho é dedicada à apresentação das histórias de vida de nossas entrevistadas, Mara e Letícia, mulheres que experienciam a representação de si mesmas como acompanhantes de luxo. As histórias dessas mulheres possibilitam avançar para a quarta parte da dissertação, onde realizo uma análise crítica das suas narrativas, articulando as informações destas com o referencial teórico apresentado na primeira parte e com o panorama geral da segunda parte.

Finalmente, apresento as considerações finais com algumas reflexões e impressões apreendidas ao longo dessa pesquisa, um trabalho que não apenas me metamorfoseou, mas também abriu meus olhos para as várias possibilidades de viver, de ser e de estar no mundo.

PARTE I

1 SOBRE O REFERENCIAL TEÓRICO DE ANÁLISE

1.1 Alguns apontamentos sobre a Escola de Frankfurt e a Psicologia Social Crítica

O Instituto de Pesquisas Sociais foi fundado em Frankfurt, na Alemanha, em fevereiro de 1923, tendo como principais membros os criadores desse projeto, Marx Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Walter Benjamin. Esse instituto, que foi criado inicialmente com o propósito de estudar as temáticas marxistas, viu florescer a ideia de seu nascimento logo após a *Semana Marxista de Trabalho*, realizada no início da década de 20, e onde reuniu importantes intelectuais interessados nos estudos sobre Marxismo e Filosofia (LIMA, 2011).

No ano de 1930, o instituto esteve sob a orientação de Horkheimer e assumiu eminentemente um caráter de “Centro de Pesquisa”, demonstrando uma grande preocupação com as análises críticas referentes à influência do capitalismo na sociedade moderna. É nessa época também que os princípios norteadores da Teoria Crítica começaram a se delinear, um processo construído que assume a face que hoje conhecemos.

Horkheimer, em seu discurso de posse (24 de fevereiro de 1931) [...] -, termina por estabelecer o objeto principal da futura atividade de pesquisa do Instituto como sendo a relação entre a vida econômica da sociedade, o desenvolvimento psíquico dos indivíduos e as possíveis e inevitáveis mudanças culturais que daí adviriam. (SOARES, 2006, pp. 484-485).

Entretanto, com a ascensão de Hitler e com o avançar do nazismo, o Instituto é obrigado a sair da Alemanha, já que passa a ser considerado ilegal. Assim, as atividades do grupo são instaladas e desenvolvidas em outras cidades: em Genebra (1933), Paris (1933 a 1936), Londres (1933 a 1934), Nova York (1934) e Los Angeles (1941). É apenas na década de 50 que as atividades do Instituto voltam a ser desenvolvidas na Alemanha.

É certo afirmar que os autores ligados à Escola de Frankfurt não mantinham uma obediência teórica, ou seja, não tinham um eixo teórico único com o qual trabalhassem. Contudo, mesmo com esse caráter multifacetado de suas pesquisas, os estudiosos da Escola mantinham princípios teóricos que se articulavam e se coadunavam entre si. Tal

característica não diz apenas da trajetória da Escola nessas primeiras décadas do século XX, de modo que perdura até os dias atuais com autores que hoje são considerados teóricos críticos. Mesmo sem obedecerem a uma regra teórica, esses autores se influenciaram por trabalhos de importantes intelectuais ligados à Filosofia Moderna e Contemporânea, como Nietzsche, Kant, Hegel e, como já mencionado anteriormente, Marx.

Não apenas de pluralidade teórica se caracteriza a Teoria Crítica. No decorrer dos anos o programa filosófico-sociológico-psicológico-político da Escola de Frankfurt sofreu diversas reformulações teóricas. Dessa maneira, Soares (2006) menciona “três fases” ou “três gerações”, que singularizam os períodos de construção/produção de conhecimento da Escola. A primeira geração seria composta principalmente por Adorno, Marcuse, Benjamin e Horkheimer; a segunda por Habermas, Claus Offe, Albrecht Wellmer e Oscar Negt; e a terceira teria como principais representantes Axel Honneth, Nancy Fraser, dentre outros (SOARES, 2006).

Seja qual for o período ao qual estejamos nos referindo, ainda assim percebemos um traço peculiar que perpassa todas as gerações de pensadores da Escola, que é a preocupação em “(...) dar conta das inquietações do homem da modernidade tardia de nossa época” (SOARES, 2007, p. 478).

O programa acima mencionado é fruto de um esforço coletivo por parte dos intelectuais que simpatizavam com os princípios frankfurtianos e que tinham interesse em compreender a sociedade como um todo complexo, e não a partir de partes separadas que funcionariam independentes entre si. Atrelado a isso, reforçavam e defendiam uma perspectiva crítica de questionar o dado, questionar o que era socialmente construído e estabelecido como única possibilidade possível. Os frankfurtianos, ou teóricos críticos, queriam incomodar, queriam exercitar o pensamento, pensar o não-pensado ainda, como propôs Adorno em sua “Dialética Negativa”. Em outras palavras, rejeição ao existente, exercício crítico do pensamento humano, transformação social, vislumbre de novos caminhos futuros, preocupação com a construção da subjetividade dos sujeitos e emancipação humana, são algumas das características que delineiam os contornos das perspectivas da Teoria Crítica.

Vivemos em uma sociedade que se transforma a cada dia. Novos autores, novas formas de elaboração do pensamento, novos conceitos, novas discussões, tudo isso (re)constrói diariamente o meio social em que vivemos e, conseqüentemente, a nós mesmos. A partir dessa observação, é interessante perceber as movimentações diárias

que ocorrem em nós, ao nosso redor e em uma realidade marcada pelo constante *inconstante*. Os autores que trabalham com uma perspectiva crítica não deixaram que tal análise passasse despercebida e, a partir disso, preocuparam-se em estudar uma realidade “viva”, que está sempre em transformação. Assim, como bem assinala Soares (2006, p. 475),

(...) quando essa totalidade se move, termina por conduzir os indivíduos a reconstruírem sua contingência em direção à mudança, dando vida às situações sociais que, ao produzirem transformação, voltam ao cenário do pesquisador como ‘novos’ desafios. Isto explica o caráter ensaístico adotado pelos frankfurtianos, que caracterizou sua produção intelectual desde o início; ensaio que aponta na direção da incompletude, na direção de uma reflexão que se dispõe dialeticamente à reconstrução, atualizando suas problemáticas, derivadas dos novos tempos.

Um novo tempo pede uma nova problemática, e uma nova problemática pede um novo estudo, nova análise, nova interpretação de dados que ora foram construídos. E todos esses “novos” pedem também novas perspectivas, novos olhares, novos objetos de estudo, novas pesquisas e novos processos de construção do conhecimento. Com essas constantes mudanças cabe ao teórico crítico se adaptar e estar ciente de que novos tempos pedem novas reflexões.

Essas novas reflexões são ensaiadas pelos autores que trabalham com a perspectiva da Teoria Crítica. Esta, entendida como um campo teórico-epistemológico, e reforçando as ideias acima mencionadas no que diz respeito à sua relação com os princípios marxistas, deposita seus esforços em pensar uma sociedade que vislumbre e lute por sua emancipação. Assim sendo, ao mesmo tempo em que tal projeto é passível de ser realizado, impossibilita-se, ou seja, é barrado pelos “mecanismos de dominação presentes” (LIMA, 2011, p. 184).

A aproximação entre os intelectuais ligados à Escola de Frankfurt e os pensadores marxistas sempre se deu de forma singular, particular, não usual, já que os primeiros tomam o marxismo não como um princípio teórico único o qual devem seguir, e sim como um ponto de partida para se pensar e analisar os problemas sociais causados pelo capitalismo na sociedade moderna. Postura diferente, por exemplo, assumem os militantes marxistas, que possuíam teses rígidas e dogmáticas a respeito da história e da sociedade. Contudo, alguns de seus princípios foram utilizados pelos intelectuais ligados à Escola, principalmente no que concerne à “crítica do momento presente com a finalidade *emancipadora*, através essencialmente da ‘razão’, permitindo

demonstrar os mecanismos produtores de injustiça e de alienação” (SOARES, 2006, p. 494).

Um dos grandes pensadores da Teoria Crítica, Horkheimer, em sua obra de 1937 “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, ressalta a preocupação em se pensar, a partir de um viés crítico, sobre as problemáticas que assolam a Modernidade. Assim, explica a importância da saída da *menoridade*, ou seja, saída de um estado de concordância irrefletida do que é dado para então poder se utilizar de seu próprio entendimento.

Pensando em nossa realidade atual, sair de uma situação onde sempre há quem pense por nós mesmos: os livros de autoajuda que nos dizem o que fazer; os médicos que dizem o que devemos comer; consultores que nos dizem como devemos conduzir nossa carreira profissional, *etc.* Enfim, tentam nos negar a possibilidade de pensar por nós mesmos, de exercitarmos nossa própria racionalidade. E quem nos oferece essas (não) alternativas é o mercado, que estimula o movimento de “não me é forçoso pensar, quando posso simplesmente pagar; outros empreenderão por mim essa tarefa aborrecida” (KANT *apud* LIMA, 2011, p.184).

Lima (2011, pp. 184-185) complementa a discussão acima e argumenta no seguinte sentido: vivemos em um “momento histórico em que o próprio conhecimento e a técnica que deveriam libertar os indivíduos são invertidos em algemas que impedem a emancipação e que os próprios cientistas estão atrelados aos aparelhos ideológicos do Estado”. Este trabalha em prol de sua autopreservação, de sua manutenção e da reprodução da ordem social vigente (teoria tradicional – não refletida), desconsiderando os posicionamentos de outrem diante das problemáticas que assolam a sociedade moderna. Nesse sentido, o teórico crítico vem para propor uma transformação frente a uma realidade administrada e lutar em prol tanto da liberdade humana quanto das batalhas políticas relacionadas às classes oprimidas – caminho para a emancipação humana.

A razão foi um importante elemento colocado pelos autores da Escola de Frankfurt para promover a emancipação, porém o projeto libertador da razão virou-se ao contrário, de modo que uma racionalidade que serviria para libertar os sujeitos da condição de aprisionamento à mesmice social imposta pela concepção teórica tradicional, passou a servir justamente para aprisionar esse sujeito, e não para emancipá-lo. Os indivíduos não mais têm domínio sobre o produto de suas ações, mas sim é dominado por ele. Podemos perceber essa racionalidade “irracional” na sociedade moderna e identificá-la como elemento de análise importante para a Teoria Crítica.

Aliás, o interesse na superação da teoria tradicional vigente promove outro aspecto de singular valor para a Teoria Crítica: seu foco na supressão das injustiças sociais. Não por acaso a Teoria Crítica foi acolhida por teóricos dos países latino-americanos que se interessaram trabalhar com uma Psicologia Social que conseguisse refletir acerca das problemáticas vivenciadas por eles.

Na América Latina, a Psicologia Social Crítica continuou a se desenvolver seguindo as coordenadas dos intelectuais frankfurtianos, de modo que sua aversão à abordagem positivista e experimental tão utilizada na América do Norte perdurou. Areladas a essa discussão, outras críticas se fizeram presentes, como à neutralidade da ciência e aos aspectos individualistas utilizados para abordar os fenômenos psicossociais.

Monteiro e Montenegro (2006) assinalam que pensar uma Psicologia Social Crítica não se resume apenas a questionar e denunciar os problemas da sociedade, mas inclui também investigar tanto a legitimidade da produção de conhecimento quanto as práticas psicológicas. Assim, fica claro que ela está intimamente ligada a um caráter transformador, tão necessário para a construção das relações sociais. Além de tal transformação, também é de seu interesse que as pesquisas e intervenções referentes às problemáticas que assolam o país ganhem relevância e destaque, para que o assunto passe a ser amplamente conhecido, debatido e analisado.

No Brasil, as ideias frankfurtianas começaram a florescer entre as décadas de 1960 e 1970, ganhando força gradativamente no decorrer dos anos. Durante esse período, o ideário de análise da sociedade a partir de um viés crítico ainda era tímido e pouco conhecido pelos intelectuais brasileiros. Esse inicial desconhecimento sobre a Escola de Frankfurt e a Teoria Crítica ocorreu pelo fato de que muitas das obras chegavam sem tradução para o português, isto é, ainda em alemão. Isso influenciou diretamente na inexpressividade inicial das ideias frankfurtianas em nosso país. De acordo com Lima (2010), foi durante a década de 1970 que, com Sílvia Lane, as primeiras obras de Adorno e Horkheimer começaram a ser lidas e discutidas pelos psicólogos sociais, principalmente os que estavam envolvidos na construção de uma Psicologia Social Crítica brasileira na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP.

1.2 A teoria da identidade proposta por Antonio da Costa Ciampa e seu caráter eminentemente transformador

Em meados da década de 1970, a Psicologia Social no Brasil sofria um período de crise, sobretudo devido à ditadura militar, à ausência de abertura política e à repressão aos movimentos intelectuais. Tal crise repercutiu negativamente nas discussões e análises de temas como identidade, emancipação, desigualdades sociais, problemas sociais, dicotomia indivíduo e sociedade, *etc.*, que ao estarem diretamente ligados aos assuntos abordados pela Psicologia, adentraram no processo de turbulência vivido nesse período.

Antonio da Costa Ciampa, compartilhando sua preocupação com outros intelectuais, principalmente com Silvia Lane, se empenhou no sentido de contribuir com a construção de uma Psicologia Social que, para além de questionar o formato das discussões sobre Psicologia que eram desenvolvidas no Brasil, abordasse e espelhasse a realidade aqui vivenciada. Assim, a temática da identidade, ao se propor compreender os conflitos entre indivíduo e sociedade, ainda “poderia ajudar a explicar tanto como se dava a construção das desigualdades e dos problemas sociais quanto entender como se formavam as resistências individuais aos processos de massificação e as buscas emancipatórias” (LIMA, 2010, p. 138).

Ciampa (1987) se empenhou em desenvolver uma teoria da identidade humana que refletisse “a metamorfose de nossa sociedade e as dificuldades de emancipação” (LIMA, 2010, p. 136). Nesse sentido, abdicou do ideário de identidade e personalidade como algo estático, imutável, naturalmente dado e incapacitado de transformações. Atendo-nos às palavras de Kolyniak e Ciampa (1994, p. 9), identidade humana é “construção, reconstrução e desconstrução constantes, no dia a dia do convívio social, na multiplicidade das experiências vividas”.

Ciampa (1987) deu um passo a frente ao estudar a identidade a partir do viés da metamorfose, se opondo ao pensamento tradicional de identidade enquanto cristalização do ser; e para dar substancialidade às suas pesquisas, assumiu como referencial metodológico as narrativas de história de vida.

Ao assumir que identidade é metamorfose, vislumbramos dois apontamentos de extrema relevância para se pensar a identidade: o primeiro deles é que o reconhecimento está diretamente ligado ao processo de construção da identidade; e o segundo é que caso esse reconhecimento não se realize, ou se feito desumanamente, recairá sobre o

indivíduo a condição de se aprisionar à “mesmice”, seu personagem ficará preso a uma imagem fetichizada, o que impedirá o processo emancipatório de sua identidade.

O processo de construção da identidade dos indivíduos é contínuo e passível de inúmeros movimentos e transformações, e isso se dá quando admitimos que nossas identidades são constituídas a partir do momento em que nascemos, até o instante em que morremos. Até no último sopro de vida nossas possibilidades de ser vão emergindo e se metamorfoseando. Ciampa (1987) ainda complementa ao afirmar que a constituição da identidade pode ultrapassar os limites biológicos, visto que algumas figuras, mesmo após terem falecido, continuam a influenciar na construção da identidade de outras pessoas, como, por exemplo, Jesus Cristo e Elvis Presley, que mesmo já não estando mais vivos contribuem no processo de metamorfose das identidades.

É importante perceber que a identidade não se influencia, não se inspira, não se sugestiona a partir do contato com o meio social, e sim, ela é constitutivamente social, ou seja, sua construção está intimamente ligada aos processos de formação da sociedade e, dessa forma a identidade está vulnerável às transformações da própria sociedade que lhe dá forma.

Embasado por essa análise, Juracy Almeida (2005) sugere a superação de uma prerrogativa: a distinção entre identidade pessoal e identidade social. A primeira é tomada como características próprias do indivíduo, algo como relacionado à sua biografia; a segunda se refere aos papéis que os indivíduos representam em cada camada da sociedade. Dessa maneira percebemos que a utilização de ambos os termos supõem uma visão diferenciada de cada processo, visão superada dado o caráter recíproco com que os processos acontecem.

Ciampa (1987) complementa sua teoria de identidade ao nos propor o conceito de personagens. Para o autor, cada indivíduo se constitui de inúmeros personagens, representando-os cotidianamente, de modo que a articulação e a junção de todos esses personagens constituirá nossa identidade, nosso Eu. Estamos sempre representando, um personagem de cada vez, e no momento em que represento um personagem, oculto a existência dos outros, que vão se mostrando convenientemente a cada situação. Dessa maneira, é importante salientar que é impossível viver sem nossos personagens. Segundo as palavras do próprio autor: “Podemos dizer que as personagens são momentos da identidade, degraus que se sucedem, círculos que se voltam sobre si em um movimento, ao mesmo tempo, de progressão e de regressão” (CIAMPA, 1987, p. 198).

Um problema que se apresenta quando pensamos nas nuances constitutivas da identidade humana é a pressuposição de um personagem, que acontece quando fixamos a representação de um personagem em um único papel que ele desempenha. Percebemos isso com a seguinte citação de Ciampa (1987, p. 139): “Severino é lavrador, mas já não lavra: a personagem Severino-lavrador torna-se algo com poder sobre o indivíduo, mantendo e reproduzindo sua identidade, mesmo que ele esteja envolvido em outra atividade”. Dito de outra forma, a pressuposição de um personagem nega todas as outras várias possibilidades de ser de um indivíduo, de modo que ele passa a ser (re)conhecido a partir de sua identidade pressuposta. Tal fato cristaliza, impossibilita a expressão dos outros personagens que o Severino, como citado por Ciampa, poderia desempenhar, dificultando o caráter emancipatório de sua identidade.

A referida discussão sobre pressuposição de personagens nos leva a outro problema que pode recair no processo de construção da identidade, que é o perigo de uma identidade se transformar em fetiche. Pressupomos uma identidade e passamos a reconhecê-la apenas a partir de tal representação. Poderíamos citar como exemplo o próprio caso das garotas de programa, quando se reduzem as infinitas possibilidades de ser dessas mulheres em um único personagem, em uma única representação de si mesmas, a de garota de programa. Assim, tornam-se personagens estereotipadas, pressupostas, fetichizadas. Pressupostas porque sempre pressupomos o que elas são, e isso a partir da única representação que conhecemos delas.

A *fetichização da personagem* mascara e inviabiliza a real condição das identidades de se tornarem ser-para-si, negando ainda seu caráter metamórfico. Lima (2010, p. 151) complementa essa discussão ao colocar que

O fetiche da personagem é percebido como um aprisionamento no mundo da mesmice (da não mesmidade) e da má infinidade (a não superação das contradições), a atividade que engendra a personagem deixa de ser desempenhada, mas a representação da personagem persiste (...).

Mesmice é aqui entendida como um movimento da identidade que sugere a repetição, a constante reposição de uma representação. Já a mesmidade, ao contrário da mesmice, é vista como a possibilidade de várias representações de si mesma, é a alterização, ou seja, é a transformação da identidade.

À medida que as identidades vão se metamorfoseando, vão sentindo necessidade do reconhecimento social de seu ser, necessidade essa não biológica, mas histórica e psicossocial (LIMA, 2010). Nesse sentido, é importante salientar o quão prejudicial é

para o reconhecimento da identidade de um indivíduo que este seja feito apenas a partir da reposição, da manutenção de sua personagem pressuposta.

Cotidianamente desempenhamos diversos personagens, cada um deles com sua importância e singularidade, que ajudam na constituição das identidades. Tomar um único papel como representante da totalidade do sujeito é um problema que acarreta prejuízos na construção de si. A constante reposição da personagem, não admitindo sua alterização, sua transformação em outro personagem, caracteriza o movimento de aprisionamento à mesmice.

O processo de constituição do Eu deve ser pensado a partir do viés articulador entre o meio social e individual. A conjunção desses dois fatores exerce influência importante quando pensamos na construção das identidades. Dessa forma, ao passo que vivemos em uma sociedade desigual, desumana e exploradora, e que essa possui íntima relação na formação do Eu, admitimos que esse Eu sofre. Os sujeitos materializam os interesses do capital e conveniências que são estabelecidas não por eles mesmos, mas por um sistema controlador dominante, que estimula e tenta manter a ideia de uma identidade impossibilitada de mudanças (LIMA, 2010). Posto essa sociedade desigual e exploradora em que vivemos, e considerando que “a identidade se forma sempre com base na pressuposição, na reposição e na alterização, a ideia de que a identidade é metamorfose adquire seu pleno significado, ou seja, a luta por emancipação” (LIMA, 2010, p.153).

Nesse momento ressaltamos o quão íntima é a relação entre a teoria da identidade formulada por Ciampa (1987), e que é ressignificada por Lima (2010), com a proposta da Psicologia Social Crítica, que luta contra a opressão humana, contra a imposição de uma teoria tradicional não reflexiva sobre as problemáticas sociais e a favor da emancipação humana.

É importante que se tenha claro, entretanto, que não estamos aqui colocando o indivíduo apenas como um ser passivo, que absorve as predicções concernentes do mundo capitalista; mas que ele também reage a esse mundo, transforma e é transformado por ele. E esse movimento dialético contribui na formação de seu ser-em-si, confluindo ainda no processo construtivo de sua identidade.

Dessa forma, Ciampa (1987, p. 181) acredita na capacidade dos indivíduos de negarem a negação de sua identidade, de rejeitarem a pressuposição a que suas personagens são submetidas e conseqüentemente superaram a pressuposição de suas identidades. Segundo o autor, o movimento de negação da negação

(...) permite a expressão do outro *outro* que também sou eu: isso consiste na alterização de minha identidade, na eliminação de minha identidade pressuposta (que deixa de ser reposta) e no desenvolvimento de uma identidade posta como metamorfose constante, em que toda a humanidade contida em mim se concretiza. Isso permite me representar (1º sentido) sempre diferente de mim mesmo (deixar de presentificar uma representação de mim que foi cristalizada em momentos anteriores, deixar de repor a identidade pressuposta).

E essa é uma das principais preocupações de Ciampa, buscar compreender como acontece a alterização das identidades, e o que isso significa para os indivíduos, visto que somos incapazes de viver sem nossos personagens, mesmo que estes estejam apenas no processo de reposição das mesmas. Na medida em que a alterização dá suporte para trabalharmos com a mesmidade, ou seja, com a “(...) superação da personagem reposta pelo indivíduo” (Lima, 2010, p. 164), entendemos como essa nos possibilita pensar que não estamos com um *script* pressuposto do que seriam nossas identidades, nos munindo assim de uma competência crítica e criativa de construir, transformar e reinventar.

A capacidade inventiva assumida pelo indivíduo, a possibilidade de tornar-se todos os dias um novo Eu, a flexibilização de suas personagens e de seus papéis sociais, a aptidão de metamorfosear suas identidades, tudo isso potencializa o caráter eminentemente transformador da identidade, movimento esse que caminha em direção à emancipação, singularizando o processo referido pelo sintagma identidade-metamorfose-emancipação proposto e defendido por Ciampa.

Negar as várias possibilidades de ser de um indivíduo é dizer não à complexidade existente em todos nós. Não somos seres simples, homogeneizados, claros e passíveis de entendimento através de uma observação superficial de nossos comportamentos. Não somos seres robotizados, moldados por “fato x”, e que por isso nos tornamos “y”. Pelo contrário, somos capazes de nos tornar “x, y ou z”, e além, somos capazes de ser o “alfabeto inteiro” tamanha é a nossa capacidade performativa e metamórfica. Não levar tal perspectiva em consideração, ignorando-a, é não perceber o quão complexa é a vida do indivíduo, banhada de multiplicidades e identificações que são co-construídas diariamente, minuto após minuto, ao entrar em contato com o mundo que o cerca, com a sociedade que ele constrói e é concomitantemente construído.

Acredito que estejam claras as análises acima realizadas sobre o caráter constitutivo e transformador das identidades tal como proposto por Ciampa (1987). Acredito ainda que tenham ficado entendidas as considerações sobre a representação de

personagens que constituem nossas identidades, e que a (re)construção e articulação dessas são responsáveis pela formação de nossa identidade. Tendo essas características aqui explícitas, cabe a nós pensar e refletir: o que está no meio de todo esse jogo de construções identitárias? O que perpassa tais construções? Que forças agem e influenciam nesse processo?

Para pensarmos nesses questionamentos propomos um caminho que resumiremos em uma única palavra: sistema capitalista. Entretanto, a redução a um único nome não impossibilita os diversos caminhos que ele pode levar nem as diversas reflexões que emergem a partir dele. Pensar no capital como elemento transversal, que atravessa todas as relações da construção identitária, é levar em conta seu potencial formador e manipulador de construções sociais e conseqüentemente levar em conta que se mistura às formações identitárias.

Vivemos em uma sociedade capitalista em que as relações giram em torno do ter e do poder. O que o capital me proporciona ter, as significações que estabeleço entre ele e mim, dizem do meu estar no mundo, de como me apresento e me represento nele e a partir dele. Levar isso em consideração é admitir que sou também construída a partir das relações que estabeleço com o capital, e além disso, continuar a me apresentar ao mundo como um ser assim influenciado. Entretanto, a lógica capitalista não é um simples fator influente nesse processo, ao passo que ela reforça estereótipos, enquadra os indivíduos num “dever ser” comum. Utilizamos aqui o termo “dever ser” no sentido de um ser criado, proposto e imposto pela lógica capitalista, de modo que aquele que não se enquadra ao estabelecido se mostra como *anamorfose* (ALMEIDA, 2005), uma distorção de uma imagem idealizada.

Assim, ao passo que a sociedade capitalista propõe a manutenção de identidades que se apresentem como pontos fixos, estabelecendo e pressupondo um ideal do que os indivíduos deveriam seguir para serem reconhecidos como adaptados, as identidades anamórficas mostram-se como pontos de tensão, de resistência, tentando se reposicionarem para assim poderem construir novas identidades. Na perspectiva de uma sociedade capitalista, controladora e dominante, essas identidades representariam figuras aberrantes, “anormalidades, anamorfoses dos modelos pressupostos (...)” (LIMA, 2010, p. 199).

A nova identidade, desejada ou conquistada, expressa um reposicionamento dos sujeitos ante aquela a que se espera eles devem se conformar. Expressa, nesse sentido, um processo de metamorfose dotado de características

emancipatórias, pois as modificações identitárias representam, na busca da autonomia ante os preceitos dados, o assumir um lugar de sujeito do olhar, uma (re)colocação do sujeito ante as condições pessoais e sociais restritivas que lhe são impostas (vistas, sentidas por eles como anamorfoses, deformações de seus projetos). Representa um sujeito com capacidade de julgar, isto é, de considerar hipoteticamente e de fundar normas com base em princípios interiorizados, um sujeito que não mais se liga a papéis singulares e a normas preexistentes, que vê como problemática a ligação a papéis dados, pontos de cristalização da própria biografia. O que caracteriza tal identidade é a capacidade do sujeito conservá-la mesmo em situações de conflito, organizando a si mesmo e as suas interações de maneira autônoma e individualizada, numa biografia original e insubstituível. (ALMEIDA, 2005, p. 113)

Almeida (2005) chamou de anamorfose a representação de si que não se assemelha ao pré-estabelecido, aqueles que tentam resistir e não se enquadrar ao imposto pelos ditames do capital. Dessa maneira, passam a ser vistos como inadaptados, desordenados. Daí tender-se inevitavelmente a aplicar sobre eles a norma, o ajustamento, para assim poderem corresponder às exigências de uma sociedade capitalista desigual e controladora, e não serem mais reconhecidos como anamorfoses de si-mesmos, como anamorfoses da norma. Não por acaso, tanto Lima (2010) como Almeida (2005) defenderão que o fundamental para a alterização das identidades em metamorfose é o vislumbre de projetos de emancipação e de identidades pós-convencionais. Identidades pós-convencionais, segundo Almeida (2005, p. 201), “expressam a busca de um novo ponto de vista que permita aos indivíduos/grupos estabelecerem uma nova proporcionalidade entre as exigências dos papéis sociais e de reclamos de autonomia/realização”.

Partindo do pressuposto acima, as identidades anamórficas carregam consigo um espírito emancipatório, trazendo uma “nova proporcionalidade entre as exigências de reposição e os reclamos da alterização” (LIMA, 2010, p. 201). Essa nova proporcionalidade pode ser considerada um ponto de fuga frente aos ditames estabelecidos, uma distorção, uma anamorfose com sentido emancipatório⁸.

Para se pesquisar sobre identidade é de extrema relevância que se considere o sintagma identidade-metamorfose-emancipação, pois ele proporciona não apenas uma visão complexa e abrangente sobre o processo de construção do Eu, mas também porque a partir dele nos capacitamos a pensar sobre identidade humana considerando os vários aspectos que circundam a vida dos indivíduos (amoroso, afetivo, sexual, moral,

⁸ Para aprofundamento no tema, conferir: ALMEIDA, J. A. M. **Sobre a anamorfose: Identidade e Emancipação na velhice**. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2005.

comportamental *etc.*). Isso considerado, podemos admitir que “o indivíduo, à medida que vai adquirindo a capacidade de agir e de falar, vai também passando a se reconhecer e a ser reconhecido como alguém que pode afirmar ‘eu’ de si mesmo” (LIMA, 2010, p. 169).

Acreditamos que, a partir das considerações feitas acerca da teoria de identidade formulada por Ciampa, tenha ficado clara a ideia de metamorfose da mesma, assim como sua manifestação através das diversas personagens que podem ser representadas pelos indivíduos. Uma vez que identidade é metamorfose humana em busca por emancipação, é também uma luta por reconhecimento da dignidade humana, reconhecimento esse dependente de condições históricas e sociais.

De acordo com Lima (2010), falar em identidade e reconhecimento humano é considerar a mutualidade do processo de reconhecimento, fator importante e necessário para a construção de personagens e, por conseguinte, para a (re)construção da identidade dos indivíduos. O autor explica essa proposição ao colocar que:

A Identidade, portanto, é concretizada com base em um processo de significações estabelecidas com outros indivíduos, no jogo do reconhecimento. Isso nos leva a admitir que se identidade se manifesta a partir de uma pluralidade de personagens ou se ela se torna reduzida a uma personagem fetichizada, ainda assim é pela relação de reconhecimento que ela se mantém estruturada. (LIMA, 2010, p. 167)

Concordando com Lima (2010), percebemos, dessa maneira, a proximidade entre as considerações de Ciampa (1987) e Honneth (2003), de modo que nos parece ser imprescindível articular o estudo sobre identidade com o do reconhecimento para pensarmos sobre o processo de “construção de si” dos indivíduos e as nuances aí implicadas. Dessa maneira, nos aprofundaremos nas reflexões acerca do reconhecimento tal como pensado por Axel Honneth no tópico a seguir.

1.3 A teoria do reconhecimento de Axel Honneth e a questão da invisibilidade

Axel Honneth, que fora assistente de Jürgen Habermas, é amplamente conhecido atualmente como o intelectual responsável pela reatualização da teoria do reconhecimento, atribuindo à *luta por reconhecimento* a verdadeira gramática moral dos conflitos sociais. Unindo as proposições de Honneth (2003) sobre reconhecimento às de Ciampa (1987) sobre identidade, identificamos uma confluência em suas ideias à

medida que Honneth (2003) afirma que o estabelecimento da identidade é uma inevitável luta por reconhecimento; e não apenas isso, mas também reconhecemos em Honneth as proposições acerca da necessidade de reconhecimento da identidade.

Honneth (2003) queria propor sua própria teoria crítica da sociedade e desse modo delineou uma teoria social crítica que tomasse como objeto central de estudo o conflito social. Para o autor, a base da interação social é o conflito e sua gramática, a luta por reconhecimento. Como pano de fundo para seu projeto, Honneth contou com a atualização feita por Habermas da Teoria Crítica. Contudo, Honneth não se utiliza apenas das proposições habermasianas, mas, sobretudo, propõe uma reatualização da mesma, de modo que percebemos nitidamente momentos de aproximação e de distanciamento entre o pensamento dos autores. A importância dada por Habermas aos processos de construção intersubjetiva da política e da moral, a ênfase em que os processos dialógicos são fundamentais para formações identitárias, o estabelecimento de referências culturais e a criação de regras que institucionalizam e padronizam modos de interação, são assuntos perpassados, e alguns atualizados, pela discussão de Honneth.

Era de comum interesse dos autores frankfurtianos, ao propor novas perspectivas de análise da sociedade hodierna (moderna), “não se limitar a descrever o funcionamento da sociedade, mas pretender compreendê-la à luz de uma emancipação ao mesmo tempo possível e bloqueada pela lógica própria da organização social vigente” (NOBRE, 2003, p. 09).

De acordo com Mendonça (2007), na sua proposta de reatualizar a Teoria Crítica, Habermas coloca a linguagem no cerne das discussões e afirma que é através dela que o potencial emancipatório da modernidade é possível de ser alcançado. Segundo o autor, Habermas afirma que é através da racionalidade comunicativa, focada no entendimento mútuo, que os sujeitos tornam-se capazes de reatualizar e assim transformar o mundo em que vivem.

Para Habermas (1983), também é através da linguagem que a normatividade social é construída. De acordo com ele, é a partir de debates e pronunciamentos públicos isentos de contenção que as normas e valores sociais seriam construídos, de modo que permaneceriam ou não em vigor dependendo das interações intersubjetivas travadas. Essa postura não é assumida pelos primeiros intelectuais frankfurtianos, o que demonstra uma guinada no projeto moderno habermasiano de reatualização da Teoria Crítica.

Mendonça (2007) coloca que Habermas propôs uma divisão analítica para pensar a forma como a sociedade deveria ser compreendida, tornando a distinção entre *sistemas funcionais* e *mundo da vida* uma pauta a ser discutida. Sobre o entendimento dessa premissa, nos atemos às palavras do autor:

Enquanto aqueles [sistemas funcionais] são regidos por códigos e procedimentos específicos cuja validade só pode ser avaliada no interior de cada sistema, o mundo da vida compõe a trama de significados tácitos e tidos como certos, atualizada no uso comunicativo da linguagem. O mundo serve como pano de fundo às ações comunicativas: interações simbolicamente mediadas que visam ao entendimento mútuo. (MENDONÇA, 2007, p. 178).

As interações que ocorreriam *no mundo da vida* não seriam marcadas pelo poder coercitivo da linguagem, ou seja, a linguagem utilizada para essa interação não se caracterizaria por tentar estabelecer comportamentos ditos desejáveis. Ao contrário disso, a intenção residiria na não coerção de comportamentos e no favorecimento das relações intersubjetivas.

Habermas, contrariando os teóricos da primeira geração da Escola de Frankfurt, tirou do foco dos debates a questão da prática laboral como o meio social para se alcançar a emancipação. Dessa forma, seu viés repousou em um modelo caracterizado pela ação linguisticamente mediada, onde os sujeitos seriam capazes de transformar não apenas aspectos da realidade social, mas também das próprias identidades, utilizando-se do diálogo, da reflexão e das trocas intersubjetivas.

É na ação comunicativa – na livre troca de argumentos voltados para o entendimento – que se atualizam e se alteram sentidos sobre o mundo em suas múltiplas dimensões, podendo a realidade ser construída de forma não opressora. (MENDONÇA, 2007, p. 178).

Para os teóricos do reconhecimento é necessário que se pense uma Teoria Crítica levando-se em consideração o viés moral e intersubjetivo inerente aos aspectos políticos. Assim, buscam identificar as mazelas sociais que assolam a sociedade moderna, relacionando-se inevitavelmente às questões ligadas ao binarismo dominação x emancipação. Segundo afirma Mendonça (2007), Honneth refere-se a tais mazelas em termos de *desrespeito*, ao passo que Fraser⁹ faz referência ao termo *injustiça*, sugerindo então, para a superação de ambas, o usufruto de uma gramática moral.

⁹ Teórica do Reconhecimento ligada à Teoria Crítica.

Para pensadores como Habermas, Hegel, Honneth e Fraser, a política não assumia apenas um papel representativo de lutas pela defesa de interesses, mas também assumia um caráter normativo no qual os sujeitos se embasavam. As leis e normas criadas socialmente estão no cerne das discussões sobre opressão e desrespeito, de modo que o atrito entre elas deixa transparecer a “facticidade da vida social e sua normatividade (...)” (MENDONÇA, 2007, p. 178).

Honneth (2003), como já dito anteriormente, utiliza o projeto habermasiano de reatualização da Teoria Crítica para pensar seu próprio projeto de transformação da sociedade hodierna. Entretanto, Honneth não coaduna impreterivelmente com toda a teoria desenvolvida por Habermas, reelaborando, inclusive, alguns aspectos do pensamento do autor. A primeira delas é não aceitar a troca argumentativa, a interação linguística, como fator primordial para se conseguir uma mudança política. Entretanto, segue a linha de pensamento de Habermas quando esse aponta para o potencial emancipatório inerente aos sujeitos no convívio cotidiano em sociedade, assim como concorda com o aspecto constitutivo das relações intersubjetivas que permeiam a vida dos sujeitos e são responsáveis pelo processo de estabelecimento de padrões culturais e construção de regras sociais.

De acordo com Habermas, a livre participação pública e a possibilidade de se relacionar dialogicamente com os demais membros da sociedade serviriam indubitavelmente para que os sujeitos suprissem as necessidades de reconhecimento de suas identidades (ROSENFELD; SAAVEDRA, 2013). Honneth discorda de Habermas nesse ponto, argumentando no sentido de que as relações de reconhecimento recíproco são construídas com base em elementos éticos e morais que não foram devidamente considerados nas análises feitas por Habermas.

Outra crítica feita por Honneth às considerações de Habermas se refere à distinção entre “sistema” e “mundo da vida” proposta por ele. De acordo com Lima e Lima (2012), tal diferenciação se mostra arbitrária e não daria conta de uma análise aprofundada das estruturas e relações constitutivas das sociedades modernas. A passagem de uma concepção a outra se traduz de forma não apenas superficial, mas sugere uma mecanização e uma robotização marcada demasiadamente pela inconcretude e pela sugestão, mesmo que não intencional, da existência distinta de dois mundos. Dessa maneira, seguindo a análise de Lima e Lima (2012, p. 55), “o modelo de Habermas consegue explicar como o mundo da vida pode ser colonizado pelos

imperativos sistêmicos, entretanto, não consegue explicar como isso reflete nas experiências dos indivíduos”.

Honneth acusa Habermas de não ter dado a devida importância à dimensão do conflito e ao potencial transformador inerente aos movimentos sociais, fatores esses indispensáveis para se pensar sobre o projeto de (re)elaboração da sociedade moderna, o que ocasionou em um déficit sociológico. Porém, Honneth propõe como solução para esse impasse reconsiderar questões que haviam sido deixadas em segundo plano, e assim admitiu a ideia de

desenvolver o paradigma da comunicação mais em direção aos pressupostos sociológicos ligados à teoria da intersubjetividade, no sentido de explicitar as expectativas morais de reconhecimento inseridas nos processos cotidianos de socialização, de construção da identidade, interação social e reprodução cultural. Portanto, o paradigma da comunicação, para Honneth, teria de ser desenvolvido não nos termos de uma teoria da linguagem, mas a partir das relações de reconhecimento formadoras de identidade. A dinâmica da reprodução social, os conflitos e a transformação da sociedade poderiam ser mais bem explicados a partir das pretensões de identidade individual e coletiva. (WERLE; MELO, 2003, pp. 12-13).

Ao se levar em consideração tais argumentos, torna-se inviável para Honneth (2003) sustentar as proposições da Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, de modo que a necessidade de alterá-la consolida-se inevitavelmente. Nesse sentido, Honneth defende que é essencial uma mudança de paradigma, no qual a linguagem seria a finalidade do entendimento, para a consideração de que na verdade a linguagem é a finalidade das relações de reconhecimento. Assim, ao analisar as proposições referentes à colonização do mundo da vida, é imprescindível que se considere a importância de refletir acerca das atuais condições de reconhecimento presentes na sociedade capitalista.

Honneth (2003) também acredita que as patologias modernas não se alicerçam no fato de a linguagem sofrer repressões e impedimentos em sua expressão. Quanto a isso, ele defende que a importância reside na compreensão das formações identitárias construídas a partir das relações de reconhecimento intersubjetivo, sendo esse o seio no qual se originam as patologias da sociedade moderna (LIMA; LIMA, 2012). Tais patologias remetem ao entendimento de que existiria uma sociedade “normal”, que garantiria a seus membros uma “vida boa” pautada na possibilidade de autorrealização e autonomia. Esse “normal” e essa concepção de viverem uma “boa vida” seria resultado de uma obediência moral, de modo que há regras pré-estabelecidas que devem ser

seguidas para que os sujeitos adquiram tal *status*. Rosenfield e Saavedra (2013, p. 33) complementam essa discussão afirmando que “as patologias sociais são deficiências sociais que resultam em atentados às condições sociais de autorrealização individual”.

As proposições acima evidenciam uma problemática que já tinha sido colocada pelo jovem Hegel e que também aparece na Psicologia Social de George Herbert Mead – o reconhecimento. Segundo Honneth (2003), é a reatualização do conceito de reconhecimento que proporcionaria uma guinada na Teoria Crítica e no entendimento de que é através das lutas morais que os sujeitos reivindicam o reconhecimento de suas capacidades e de sua identidade.

Ao colocar o problema do reconhecimento no cerne das discussões sobre uma Teoria Crítica da sociedade, Honneth abre o precedente para pensarmos sobre outros pontos importantes no que se refere ao entendimento da problemática que assola as sociedades modernas. Dessa forma, o reconhecimento é utilizado como

...conceito central que possibilita potencializar a Teoria Crítica e redirecioná-la para o entendimento das mudanças sociais proporcionadas pela imposição do capital, em que mercado e Estado fomentam as instituições sociais que são cristalizações dos processos de aprendizado moral. (LIMA; LIMA, 2012, p. 56).

A Teoria da Ação Comunicativa desenvolvida por Habermas não coloca a dimensão do conflito como aspecto primordial para pensar a Teoria Crítica. Esse fato fez Honneth procurar nos escritos do próprio Habermas o que havia levado a não reconhecer que a verdadeira gramática moral dos conflitos sociais é a luta por reconhecimento.

Dessa maneira fica claro o objetivo de Honneth (2003) de colocar o reconhecimento no cerne da Teoria Crítica, já que ele entende que é a partir de seus desdobramentos e de suas reflexões que se torna possível o vislumbre de pensar projetos de emancipação humana, criticando ainda a forma tradicional com que a sociedade costumeiramente é pensada, com base na não reflexão e na imposição. Em outras palavras, Honneth acredita ser através das lutas por reconhecimento que o sujeito torna-se capacitado para questionar o conhecimento (re)produzido e a sociedade da qual ele faz parte.

Em *Luta por reconhecimento*, Honneth (2003) procura desenvolver uma teoria social com teor normativo, ou seja, busca fundamentar uma teoria da sociedade que leve em conta que vivemos em uma realidade social permeada por questões morais e regida

por normas e regras. Esse posicionamento de Honneth contraria o discurso de neutralidade que outras abordagens diziam assumir, colocando o sujeito como ser social com potencial à transformação. Isso torna-se claro quando percebemos o interesse de Honneth em compreender de que forma o reconhecimento dá meios para que o sujeito se insira (ou não) na esfera pública, tornando-se então inevitável que se discuta a relação reconhecimento-sujeito-normas.

Honneth (2003) parte do conceito hegeliano de uma “luta por reconhecimento” para embasar sua ideia de uma teoria social de caráter normativo. Nos escritos de juventude de Hegel, principalmente nos do período de Jena, Honneth vai encontrar elementos que irão aproximá-lo da “gramática moral dos conflitos sociais”. Uma das bases utilizadas por Honneth para se aproximar dos escritos do jovem Hegel consiste na ideia hegeliana da capacidade dos sujeitos de buscarem sua autorrealização pessoal, sendo essa conquistada através de uma eticidade formal bem construída. Honneth desenvolve essa ideia e afirma que “uma concepção formal de ética contém as condições qualitativas para a autorrealização e difere da pluralidade de formas específicas de vida ao construir as pré-condições gerais para a integridade pessoal dos sujeitos” (HONNETH, 2011, p. 51).

O desenvolvimento teórico de Hegel sobre “luta por reconhecimento” traz consigo perspectivas que vão além da premissa de que são as instituições sociais as responsáveis pela administração das normas que devem ser seguidas pelos indivíduos. O interesse principal consiste em compreender o forte teor normativo presente na perspectiva teórica de que é através do conflito e da luta social que os sujeitos podem alcançar seus anseios por reconhecimento. Entretanto, o entendimento dessa prerrogativa leva-nos a identificar três problemas, que posteriormente serão resolvidos através da Psicologia Social de George H. Mead. São eles:

- a) explicar como se dá a constituição de um Eu que depende de um reconhecimento recíproco para assim poder se colocar como autonomamente agente e individuado; b) partindo das premissas da teoria da intersubjetividade, assinalar como as diversas formas de reconhecimento recíproco distinguem-se umas das outras segundo o grau de autonomia possibilitando a ação política, sendo necessárias e inerentes ao aumento do desenvolvimento capitalista; e c) demonstrar como no curso da formação identitária, mediada pelas etapas de uma luta moral, os sujeitos são compelidos a entrar num conflito intersubjetivo, cuja pretensão é o reconhecimento de sua pretensão de autonomia, até então não confirmada socialmente. (LIMA, 2010, pp. 219-220).

Para reatualizar as ideias de Hegel, Honneth recorre à Psicologia Social de George H. Mead, utilizando os preceitos subjetivistas da teoria deste para justificar empiricamente as proposições de que o conflito está diretamente relacionado ao reconhecimento social das identidades e ao florescimento da autorrealização dos sujeitos. Atendo-se ao pensamento desenvolvido por Mead, Mendonça (2007, p. 172) explica que:

Assim como Hegel, o psicólogo norte-americano defende a gênese social da identidade e vê a evolução moral da sociedade na luta por reconhecimento. Mead (1993) aprofunda o olhar intersubjetivista, defendendo a existência de um diálogo interno (entre impulsos individuais e a cultura internalizada), e investiga a importância das normas morais nas relações humanas. De acordo com ele, nas interações sociais, ocorrem conflitos entre o 'eu', a 'cultura' e os 'outros', por meio do qual indivíduos e sociedade desenvolver-se-iam moralmente.

Dessa forma, Lima (2010) esclarece que os três problemas acima mencionados ganharam comprovação através do empirismo presente na Psicologia Social de Mead. O primeiro deles consiste no preceito básico do que entendemos como *luta por reconhecimento*, no qual o processo de constituição do Eu é perpassado pela necessidade de ser reconhecido. Tal reconhecimento se tornaria possível a partir dos conflitos sociais mobilizados pelos indivíduos. Contudo, o interesse desses não repousa apenas em querer potencializar poder perante a massa ou nas situações de conflito, nem mesmo em preservar a si própria e a sua imagem, mas vai além, de modo que o objetivo principal se concretiza no reconhecimento de sua individualidade.

O segundo apontamento consiste na ideia de que na modernidade existem várias formas de reconhecer os indivíduos, cada forma diferenciando-se necessariamente uma da outra, de acordo com o grau de autonomia que cada uma acarreta. Dessas várias formas de reconhecimento citadas, Honneth (2003), embasando-se em Hegel, reconhece ao menos três: o amor (autoconfiança), o direito (autorrespeito) e a estima social (autoestima).

O amor consiste na primeira forma de reconhecimento, sendo a responsável pelo surgimento do sentimento de autoconfiança dos indivíduos. Honneth apoiou-se nos preceitos de D. W. Winnicott para analisar a relação entre mãe e filho. A partir desse estudo ficou explícita a transformação que mães e filhos passam, que vai da total dependência à dependência relativa. Eles aprendem a se diferenciar um do outro e se perceberem como sujeitos autônomos – ainda que um esteja ligado ao outro por uma

relação de dependência, há a possibilidade de viverem sozinhos. A confiança em si surgirá nos indivíduos a partir dessa fusão originária, resultando ainda na fundamentação para as relações sociais posteriores estabelecidas entre os adultos. É importante deixar claro que essa forma primeira de reconhecimento não leva a lutas morais nem a conflitos sociais, visto que esses só ocorrem quando “há o desrespeito, ou seja, o não reconhecimento de determinadas pretensões de autonomia do sujeito” (LIMA; LIMA, 2012, p. 60).

A segunda forma de reconhecimento, o direito, consiste nas pretensões universais de uma jurisdição que proporcione condições iguais de direito a todos os membros da sociedade, não constando em seu aparato formas privilegiadas de benefícios a determinadas pessoas em detrimento de outras. O igualitarismo proporciona nos indivíduos o poder de desenvolver o sentimento de autorrespeito, visto que ele consegue se respeitar porque é merecedor do respeito de seus pares (HONNETH, 2003). A modernidade é caracterizada pelos princípios generalizáveis de direitos, contudo essa premissa de ‘seres humanos iguais’ possui fundamentos construídos historicamente.

A terceira e última forma de reconhecimento, a estima social, está relacionada à construção de valores morais da sociedade. Por fim, o terceiro problema colocado por Honneth consistiria justamente em compreender que as formas de reconhecimento acima mencionadas resultam em conflitos morais, que por sua vez coadunam com o desenrolar moral da sociedade e com o desenvolvimento da capacidade de autonomia dos sujeitos (LIMA; LIMA, 2012).

A segunda e a terceira forma de reconhecimento (o direito e a estima social) são os responsáveis pelo desenvolvimento das lutas sociais e dos conflitos morais, visto que suas dimensões circundam em torno de critérios que são socialmente construídos e moralmente universalizados.

Honneth (2003) associa às três formas de reconhecimento três formas de desrespeito, que ocorrem quando os sujeitos não se sentem reconhecidos nos âmbitos acima mencionados, desvalorizando suas capacidades e suas singularidades. As três formas de desrespeito são: violação, privação de direitos e degradação.

A primeira forma de desrespeito, nomeada *violação*, corresponde à forma do reconhecimento do amor. Nessa forma de desrespeito, a integridade pessoal do sujeito é abalada, afetando assim sua autoconfiança. O autorrespeito corporal do sujeito sofre com essa forma de desrespeito, que possui os *maus tratos* como elemento de sua

constituição. O processo de formação do autorrespeito corporal dos indivíduos é originário das relações intersubjetivas construídas a partir da dedicação afetiva.

A segunda forma de desrespeito, *privação de direito*, que se refere à forma de reconhecimento do direito, caracteriza-se por ameaçar a integridade social dos indivíduos. A relação de autorrespeito moral é abalada, infligindo no sujeito “o sentimento de não possuir o *status* de igualdade” (MENDONÇA, 2007, p. 173). Vivemos em uma sociedade que é regida por normas e valores, que devem ser aplicadas a todos os indivíduos igualmente. Se isso não acontece, se sob um indivíduo não é aplicada a mesma imputabilidade moral que seria aplicada a um outro, emerge no indivíduo o sentimento de perda do autorrespeito, ocasionado pela experiência de denegação de direito.

A *degradação* é a terceira forma de desrespeito que se refere à forma de reconhecimento da solidariedade. Conota aos indivíduos uma valoração negativa de suas atribuições individuais, afetando assim sua autoestima. O indivíduo, sofrendo com a degradação moral e com a injúria, não consegue fortalecer valores positivos sobre si mesmo. Como citam Rosenfield e Saavedra (2013, p. 24), “ao contrário da esfera do reconhecimento do amor, tanto esta esfera quanto aquela do direito dependem de uma estrutura social que muda e evolui historicamente”.

A experiência do desrespeito, ao passo que compromete a integridade dos indivíduos e ameaça suas realizações enquanto sujeitos portadores de dignidade, direitos e valorização social, também serve como elemento impulsionador das lutas sociais por reconhecimento. De acordo com Honneth (2003, p. 224),

Toda reação emocional negativa que vai de par com a experiência de um desrespeito de pretensões de reconhecimento contém novamente em si a possibilidade de que a injustiça infligida ao sujeito se lhe revele em termos cognitivos e se torne o motivo da resistência política.

O autor acredita que quando o sujeito se sente desrespeitado em suas experiências cotidianas, potencializa nele uma necessidade de reconhecimento de suas capacidades e de suas realizações, reconhecimento que será alcançado através dos conflitos intersubjetivos habitualmente travados. Desses conflitos também irá emergir um desenvolvimento moral não apenas dos sujeitos como também da sociedade. Isso fica claro quando pensamos que se determinados valores sociais são impostos na sociedade, e se esses valores pressupostos são infringidos porque outros o nomearam como válidos, conseqüentemente emergirão conflitos morais no meio social. As lutas

por reconhecimento são responsáveis pela transformação da sociedade, pois ao mesmo tempo que batalham em prol de novos padrões de relações sociais, confluem para uma melhoria das condições de autorrealização dos sujeitos.

Nessa perspectiva, entendemos que o reconhecimento não é algo dado, transferível, de fácil acesso, mas é um processo árduo de luta cotidiana, batalhada incessantemente. O reconhecimento não pode ser restrito a uma única ordem, como puramente política ou social, ele deve ocorrer de forma mais globalizada, com múltiplas facetas e interfaces, as quais perpassam os vários aspectos da vida dos indivíduos e da sociedade. Através de uma luta por reconhecimento, diversos padrões anteriormente impostos ou dados como “certos” são criticados e banhados de uma reflexividade que tende a ampliar os padrões morais concernentes às sociedades e aos sujeitos modernos.

O reconhecimento não é algo que se conquista de uma vez por todas, nem um bem a ser distribuído. Conflitos acerca de reconhecimento não podem ser resolvidos, por exemplo, apenas com políticas estatais que valorizem minorias. Lutas por reconhecimento fazem parte da própria ação democrática, devendo ser permanentes e abertas. (MENDONÇA, 2009, p. 148)

Pensar em reconhecimento é pensar em lutas intersubjetivas e é necessariamente considerar que elas dependem da interação com outros indivíduos para se efetuar. Refletir acerca das lutas intersubjetivas por reconhecimento é igualmente considerar o caráter intrínseco das relações dos indivíduos que lutam em prol do reconhecimento de suas identidades e de sua dignidade humana; e é ainda considerar que as identidades não podem ser pensadas como algo previamente dado, mas sim construídas a partir das inter-relações que acontecem entre sociedade e sujeitos, estes buscando sempre o reconhecimento de sua autonomia e de sua capacidade à autorrealização,

Mais do que buscar consenso, cabem às lutas sociais por reconhecimento exteriorizar a tensão moral implícita nas relações complexas que estabelecem com o Estado, o espaço público, mercado, a indústria da cultura, os partidos políticos e os movimentos sociais. E na medida em que a Teoria Crítica for capaz de articular as diversas manifestações dessas experiências, ela terá cumprido uma força normativa de revelar possibilidades de expressão de lutas cujos enunciados emancipatórios circulam, ainda que invisivelmente. (VENTURA, 2011, p. 169).

Outra contribuição importante apresentada por Honneth diz respeito à compreensão dos processos de visibilidade e invisibilidade social em que os sujeitos

estariam implicados, observando que se instituem dentro de uma comunidade moral regida por regras e valores sociais.

A invisibilidade se faz, segundo o autor, quando desprezamos a presença de um sujeito que se encontra ali presente. Esse desprezo não se dá necessariamente pela não percepção física da pessoa implicada, mas substancialmente por ignorá-lo propositalmente, tornando aquele ser invisível. Nesse sentido, a invisibilidade poderia variar em graus, passando pelo simples esquecimento (distração), a situações de desprezo e humilhação. Ao tratar o outro como um ser invisível, é como se olhássemos *através dele*, ou seja, é como se o olhar transpassasse aquele ser, não o vendo. Esses apontamentos nos ajudam a clarificar a distinção, feita pelo autor, do sentido literal e do sentido figurado do termo “invisibilidade”, em que o primeiro sentido seria o de não percepção física e o segundo consistiria justamente no *olhar através* do sujeito tomado como invisível.

Honneth (2011) passa da invisibilidade para seu correspondente positivo – a visibilidade, que teria na visibilidade física a forma primária de conhecer. Entretanto, para um sujeito se fazer visível não é preciso apenas sua presença física mas também atribuir a ele identificações que o tornem reconhecível. Os gestos, as ações, as mímicas, são formas de expressão socialmente identificáveis que serviriam para demonstrar que tal sujeito se fez visível. Essa visibilidade implica ainda o reconhecimento de que o sujeito em questão está localizado temporalmente em uma realidade social instituída.

A invisibilidade, entretanto, pressupõe necessariamente que um determinado sujeito tenha antes sido visto, no sentido literal do termo, posto que apenas é possível ignorar uma pessoa e assim torná-la invisível se antes tivermos percebido ela. Não tem como “invisibilizar” (desprezar) alguém sem antes tê-lo identificado.

Atrelada à discussão sobre visibilidade, sobre o tornar-se visível, o autor propõe a distinção de duas prerrogativas: o conhecimento e o reconhecimento. Para Honneth (2011), o conhecimento consiste na identificação do sujeito, ato esse cognitivo e não público; já o reconhecimento produz o sentido positivo de apreciação do sujeito, é a expressão valorativa de suas qualidades e singularidades. Assim, a visibilidade implica essencialmente em elementos de reconhecimento.

Ao pensar acerca das relações de reconhecimento, é imprescindível que se destaque que essas estão relacionadas tanto a um caráter moral como a uma história individual e coletiva construída no seio de relações intersubjetivas e culturais. Ainda segundo o autor, ao reconhecer alguém nos descentramos de nós mesmos, suspendemos

nosso amor próprio em prol da atribuição de valor ao outro, o que servirá de motivação para suas legítimas reivindicações futuras.

Com base nessa análise, nós aqui propomos distinguir duas formas de invisibilidade: a atribuída e a desejada. Na primeira, como o nome já sugere, a invisibilidade seria atribuída a um sujeito, de modo que esse reagiria (ou não), a tal condição tentando se fazer visível perante os demais membros de sua comunidade; já na invisibilidade desejada o sujeito teria uma participação ativa para se manter despercebido perante os demais. Se pararmos para pensar que vivemos na “sociedade do espetáculo”, onde estamos a todo momento nos mostrando, e que cada vez mais está mais difícil manter privacidade na vida pessoal, esse anonimato, essa clandestinidade, surge como movimento de resistência frente a uma sociedade sufocante e repressiva.

1.4 Howard Becker e o problema dos *Outsiders*

Antes de finalizar esse capítulo, pretendemos tecer algumas considerações acerca da teoria do desvio – dos *outsiders* –, proposta por Howard S. Becker (2008), pois essa discussão irá somar às contribuições de Ciampa (1987), Lima (2010) e Honneth (2003).

Mesmo não sendo considerado um pensador da Teoria Crítica, acreditamos que Becker (2008) apresenta importantes contribuições ao expor seu pensamento crítico acerca da vigência de uma teoria tradicional, que tende a rotular e a impor aos seus membros formas de ser, de pensar e de agir. Com efeito, a leitura sobre a teoria do desvio, assim como o estudo acerca da identidade e do reconhecimento, irá nos propiciar embasamento e sustentação para a realização das análises das histórias de vida das garotas de programa de alto luxo. Dessa maneira, por ora, partiremos para as considerações elaboradas por Becker (2008) no ensaio: “*Outsiders: estudos de sociologia do desvio*”.

Na referida obra, o autor disserta acerca da criação de regras sociais e da tentativa de impô-las a membros de determinados grupos sociais. Dessa maneira, a partir do instante em que essas regras são criadas e instauradas, acaba-se por supor um modelo de comportamento que deve ser seguido, de modo que aqueles que divergem ou não do pré-estabelecido carregam consigo o *status* de estarem socialmente ou “errados” ou “certo”. E é justamente nesse instante que começa a se delinear a figura do *outsider*, como aquele que não se enquadra ao previamente estabelecido, àquele que foge às

regras socialmente criadas e impostas. Em outras palavras, podemos dizer que o *outsider* é o diferente.

Segundo o autor, o sujeito que é rotulado de *outsider* pode não se considerar como aquele que burla e desobedece as regras; pode ainda não tomar como legítimas as regras que foram impostas a ele, ou por discordar, ou por não se sentir sujeito participativo no processo de criação e implementação das mesmas. A partir disso, percebemos que emerge um segundo movimento no que se refere ao indivíduo qualificado como *outsider*: ele pode considerar que diferente é aquele que o julgou, tornando-o o “verdadeiro” *outsider*.

Percebe-se aqui como é complexo tentar enquadrar uma pessoa como *outsider*; quão perigoso pode ser tentar rotular aquele que demonstra comportamento diferente ao que é socialmente imposto e tomado como o “normal”. O que seria um comportamento dito “normal”? Por que determinado modo de ser e agir é considerado certo ou errado? Quais os parâmetros utilizados para qualificar comportamentos? E quem são esses que se utilizam de tal poder para fazer este julgamento? Ao que parece, essas questões podem ser previamente solucionadas quando recorreremos aos pressupostos da Teoria Crítica, que esclarece que vivemos em uma sociedade capitalista que tenta a todo instante reger normas e regras as quais os indivíduos devem seguir, independentemente de sentirem-se participativos ou não no processo de sua construção, ou mesmo de concordarem ou não com sua aplicação. Importante que fique claro que tais conceitos são construídos e não naturalmente dados, ficando a cargo de uma minoria tal construção. Esse fato torna-se um grande impulsionador para que alguns grupos não se identifiquem com determinadas normas ou regras alheias a eles. Dessa maneira vemos surgir a figura do *outsider*, aquele que escapa, que não se enquadra ao previamente aceito, que demonstra comportamentos qualificados como socialmente desviantes.

Becker (2008) sugere algumas distinções sobre como as regras são estabelecidas e vivenciadas pelos membros de uma sociedade. Primeiramente disserta sobre as que são formalmente instauradas, recebendo assim o nome de lei e ficando a cargo do Estado a responsabilidade por sua manutenção. Há também aquelas regras que se sustentam através de um processo histórico de tradição, através do tempo, tendo como seu maior aliado os antecessores que assim já o faziam – essas são tomadas como informais. Decerto, tanto uma quanto outra corre o risco de não ser cumprida, caindo assim no esquecimento. Tanto as regras com força de lei como aquelas construídas tradicionalmente podem, em dado momento, deixar de serem cumpridas por falta de

uma figura que represente o papel de impô-las. Contudo, o interesse do autor gravita em torno justamente daquelas que sobrevivem através dos esforços em aplicá-las.

O autor em questão argumenta que existem níveis diferentes de “quão *outsider*” determinada pessoa pode ser. Ou seja, alguns possuem comportamentos mais desviantes do que outros, que também são taxados como *outsider*. Um exemplo seria que se um sujeito provoca uma briga com outro, seu “grau” de *outsider* não seria tão alto, já que são atitudes que nós nos identificamos como se possivelmente pudéssemos adotá-las em algum dia ou em alguma ocasião de nossas vidas; porém, se alguém assume uma atitude mais brusca, intensa e mais moralmente condenável, como assassinar outra pessoa, esse sujeito já assumiria um nível mais alto de rejeição social, passando então a ser considerado como um legítimo *outsider*.

É interessante frisar, contudo, que não é porque um sujeito infringiu determinada regra que ele não vá apoiá-la e defendê-la – não significa que ele seja contrário a determinada regra apenas porque a desobedeceu. Uma pessoa que provoca uma briga com outra sem motivos relevantes pode ser contra a violência. Da mesma forma, pode-se assumir nesse sujeito também um sentimento de ambivalência, ao passo que o mesmo pode não perceber-se como transgressor, como alguém que tomou uma atitude violenta e, assim, desviante. Nesse sentido, pode ainda elaborar explicações que justifiquem seu comportamento, transferindo para os que o julgam o papel de equivocados, de errados.

Becker (2008) explica que há algumas definições que se propõem a falar sobre a temática do desvio, todavia ele chama a atenção para os perigos que podem estar presentes em determinadas compreensões do fenômeno. A primeira delas seria uma compreensão a partir de princípios do senso comum, ou seja, o que é popularmente conhecido, de modo que muitas vezes tal análise pode estar isenta de um teor crítico e reflexivo. Essa premissa toma atitudes desviantes como algo inerente ao sujeito que comete o ato, tornando inevitável que o sujeito não o cometesse. Essa forma de encarar os atos infratores acaba por excluir elementos que são importantes para um processo de análise. O primeiro deles seria não considerar que diversos grupos sociais podem ter diversos elementos diferentes que consideram desviantes, assim, o que é um ato infrator para um grupo, pode não mais o ser para outro – isso diz também dos processos que envolvem o julgamento (situações específicas e pessoas envolvidas). Na medida em que o senso comum não leva em consideração as circunstâncias em que o ato ocorreu, nem o caráter variável dos processos de julgamento, ele está sendo inflexível e

inviabilizando as diversas compreensões possíveis sobre o fenômeno do desvio e suas implicações nos grupos sociais.

Decerto Becker (2008) se afina com ideias que refletem o caráter ambíguo e reflexivo do processo de julgamento e caracterização de atitudes ditas desviantes. Não podemos tomar esses atos como dados, como naturais, nem como imutáveis. Cada grupo social possui suas regras, e um mesmo indivíduo pode pertencer a diversos grupos distintos. Dessa maneira, como julgar um ato como desviante visto que determinado sujeito não está atrelado a apenas uma esfera de regras de comportamentos sociais? Pensando dessa maneira, uma pessoa pode ser vista como desviante pelo grupo 'x', mas pelo grupo 'y' não. Essa premissa mostra claramente o caráter ambíguo das definições de desvio, principalmente porque é uma tarefa quase impossível (re)conhecer uma regra que seja aceita e perpasse os mais diversos e distintos grupos sociais.

Como já citado, o desvio não é algo naturalmente dado; não é algo que nasce com os indivíduos; não é algo homogêneo, onde poderíamos dizer que todos que cometem atos desviantes estariam inseridos em um mesmo grupo. A natureza do desvio para Becker (2008) não está nos fatores sociais que supostamente incitariam para determinado ato desviante acontecer; não estaria caracterizado a partir de uma situação de vida do sujeito que o cometeu. Muito pelo contrário, já que para o autor o ato desviante só existe porque alguém o caracterizou como atitude desviante; o desvio é algo socialmente criado.

Dessa maneira, quando alguém é rotulado como *outsider*, carrega consigo o peso da infração, contudo, tal pessoa nada mais é do que o sujeito ao qual a rotulação foi aplicada com êxito. Em outras palavras, não necessariamente esse sujeito é um infrator em si, cometeu uma atitude desviante, foi contrário às regras, mas sim, recebeu um rótulo socialmente construído, inventado, que se sustenta substancialmente porque o indivíduo foi vestido com ela.

Desse ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um "infrator". O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal. (BECKER, 2008, p.22).

Seria uma tarefa certamente fadada ao fracasso tentar procurar homogeneidade entre as pessoas rotuladas de *outsiders*. Dificilmente encontraríamos traços em comum entre as histórias dos sujeitos com atitudes desviantes que justificariam o fato de essas

peças terem cometido determinado desvio. Não há uma classe comum, uma característica comum que os rotulariam como tal. Certamente, o que essas pessoas partilham é o fato de possuírem a rotulação de *outsider*. Não poderíamos nem mesmo afirmar que têm em comum o fato de serem infratoras de regras, pois devemos levar em consideração que muitos recebem esse rótulo sem terem cometido qualquer atividade dita desviante, ou mesmo por considerar que alguns que cometem escapam ao rótulo e passam despercebidos pelos olhos julgadores de seu grupo social.

O fato de alguém ter ou não cometido um comportamento desviante dependerá desses olhos julgadores. Pode acontecer de uma pessoa infringir uma regra, mas não sofrer uma repulsa social por isso, passando então quase que despercebida pelo seu grupo. De outro modo, pode acontecer de alguém não ter quebrado nenhuma regra, mas ser tratada socialmente como se isso tivesse acontecido, acabando por sofrer as sanções e punições impostas. Visto isso, fica claro o poder dos membros dos grupos sobre a vida dos indivíduos – o poder de criar doutrinas, leis, regras, rotulações que taxam o que é certo, o que é errado, o que se deve e o que não se deve fazer.

O olhar da sociedade sobre os atos dos ditos infratores está diretamente associado a quem cometeu a infração. Determinadas pessoas estão mais suscetíveis do que outras a sofrer punição porque se desviaram da regra imposta, o que mostra que “regras tendem a ser mais aplicadas a algumas pessoas do que a outras” (BECKER, 2008, p. 25). Pegando como exemplo um ex-presidiário, é bem mais recorrente que esse vá preso por algum ato ilícito que tenha cometido, do que alguém de classe média (que muitas vezes pode ter cometido o mesmo tipo de crime) que tenha boas condições financeiras para pagar um advogado, uma fiança *etc.* Outro exemplo é que se por acaso houvesse uma pessoa condenada por estupro (mesmo esse já tendo pago sua pena) morando em determinado bairro, e acontecesse um caso de estupro nessa comunidade, as primeiras suspeitas e as primeiras investigações sobre a autoria do crime recairiam sobre ele, tanto pela acusação popular, como pela desconfiança da polícia responsável pela investigação do caso (mesmo essa pessoa não tendo qualquer envolvimento com o crime em questão).

Becker (2008, p. 26) clarifica muito bem as ambiguidades, os conflitos e as proposições que circundam a esfera da formulação das regras sociais e dos comportamentos que, a partir disso, se rotulam como desviantes. Para ele, desvio é:

(...) antes o produto de um processo que envolve reações de outras pessoas ao comportamento. O mesmo comportamento pode ser uma infração das regras num momento e não em outro; pode ser uma infração quando cometido por uma pessoa, mas não quando cometido por outra; algumas regras são infringidas com impunidade, outras não. Em suma, se um dado ato é desviante ou não, depende em parte da natureza do ato (isto é, se ele viola ou não alguma regra) e em parte do que outras pessoas fazem acerca dele.

Como já mencionado, cada grupo social possui sua classe de regras e definições do que se caracteriza como ato desviante ou não. É certo que essa é uma construção muito singular de cada grupo, que se define enquanto tal a partir de seu processo histórico, de sua língua, de seu desenvolvimento ambiental, de sua tradição *etc.* Por conseguinte, é sabido, segundo Becker (2008), que os grupos tentam impor suas regras a outros grupos, de modo que quem tem mais força, mais armas e mais poder, consegue êxito.

A questão que o autor levanta é que esse movimento de imposição e adequação de regras de um grupo a outro está diretamente ligado ao poder político e econômico vigente dentro dos grupos. A forma como eles se organizam, o entrelaçamento entre as relações de interesse e poder, caracterizam não apenas a força que um grupo exerce sobre o outro, mas também dizem do processo de criação das próprias regras sociais. Dito de outra forma, a criação dessas regras está diretamente ligada às relações de poder que acontecem dentro dos grupos, de modo que eles se utilizam dessa força para criar e impor as regras que devem ser seguidas e acatadas por todos os membros daquela comunidade social.

PARTE II

2 SOBRE A TEMÁTICA DA PROSTITUIÇÃO E O MUNDO DAS ACOMPANHANTES DE LUXO

2.1 Os diversos olhares acerca da prostituição

Apresentamos anteriormente o referencial teórico que orienta nossa leitura nessa pesquisa. Para que o leitor possa acompanhar a análise das narrativas que serão apresentadas no próximo capítulo, parece oportuno que se fale agora sobre algumas investigações sobre a temática da prostituição, de modo que possamos estabelecer um “pano de fundo” sobre o fenômeno.

A prostituição tem sido tema de pesquisa para a Linguística, Filosofia, Psicologia, Ciências Sociais, Design, Educação, Administração, Comunicação, História e Antropologia, originando teses e dissertações de diversos Programas de Pós-Graduação. Frente a uma infinidade de pesquisas que tratavam da temática, selecionamos 14 trabalhos encontrados no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Coletamos, pois, trabalhos que tinham palavras-chave e resumos que indicavam estar relacionados com a presente discussão, servindo assim para ilustrar e comentar como a questão tem sido mais frequentemente abordada pelos pesquisadores.

Esse trabalhos foram:

- 1) *“Que tenhas teu corpo: uma história social da prostituição do Rio de Janeiro nas primeiras décadas republicanas”* (PEREIRA, 2002);
- 2) *“Explorando o negócio do sexo: uma etnografia sobre as relações afetivas e comerciais entre prostitutas e agenciadores em Porto Alegre/RS”* (TEDESCO, 2008);
- 3) *“O lado duro da vida fácil: a exploração sexual de meninas adolescentes da periferia de Fortaleza/CE e o resgate da cidadania”* (COSTA, 2005);
- 4) *“Prostituição e construção de carreira: um estudo sobre o trabalho de prostitutas do centro de Salvador”* (RODRIGUES, 2010);
- 5) *“Estigma e atividade profissional: um olhar sobre o processo de profissionalização da profissão do sexo”* (VALLE, 2011);

- 6) *“Prostitutas mães e a educação de seus filhos: corpo, cena e discurso no centro de Fortaleza”* (SANTOS, 2011a);
- 7) *“Garota de programa: acontecimento discursivo”* (BARBOSA, 2008);
- 8) *“Da pornografia: os diários de Bruna, Marise e Gabriela, as prostitutas letradas”* (BITTENCOURT, 2008);
- 9) *“Prostituição: patologia, trabalho, prazer? O discurso de mulheres prostitutas”* (MENDES, 2007);
- 10) *“O surgimento da marca DASPU e a projeção de sua imagem através da imprensa”* (GEAMMAL, 2009);
- 11) *“Páginas Davida. Um gesto analítico discursivo sobre a prostituição”* (SCHILINDWEIN, 2009);
- 12) *“O estilo interativo das profissionais do sexo de Belo Horizonte: um estudo sobre estratégias linguísticas”* (SANTOS, 2011b);
- 13) *“DASPU e a redefinição da representação social da prostituta nos meios de comunicação de massa no Brasil”* (VALLE, 2011);
- 14) *“Prostitutas entendidas: o que entender?”*(BEZERRA, 2009).
- 15) *Estigma e atividade profissional: Um olhar sobre o processo de profissionalização da profissional do sexo.* (BALDNER, 2011).

A partir da leitura prévia desses materiais, percebemos que poucos abordaram a temática da prostituição de luxo, ou mesmo trataram de conhecer a vida dessas mulheres, das acompanhantes de luxo. Seus universos, suas vidas e o modo de funcionamento desse mercado do sexo de alto nível são assuntos que praticamente não foram abordados nos trabalhos aqui levantados, o que nos instigou ainda mais a querer pesquisar sobre a vida das acompanhantes de luxo.

Outro fato que nos chamou a atenção a partir da leitura desses trabalhos foi perceber a existência de assuntos que frequentemente são abordados, como: a questão da vitimização da mulher prostituída; os constantes trabalhos que tomam como objeto de suas pesquisas prostitutas do baixo meretrício (prostitutas pobres); a discussão acerca dos processos de estigmatização; preconceito; a escolha dessa profissão como única possibilidade; o problema da exploração sexual; questões relativas à regulamentação da profissão; prostituição e acontecimento discursivo, dentre outros. E é sobre essa constância de determinados assuntos e a pouca abordagem de trabalhos que dissertem acerca das acompanhantes de luxo que gostaríamos de discorrer agora.

É recorrente nos trabalhos as discussões acerca da vitimização da mulher prostituída. Alguns autores tomam essas mulheres como vítimas de uma sociedade burguesa e capitalista que tende a tratar todo produto como mercadoria, inclusive os corpos dos sujeitos. Esse posicionamento acerca da prostituição é recorrente, como percebemos no trabalho de Costa (2005), por exemplo. Outros autores, como Rodrigues (2010), vão justamente questionar esse caráter vitimizador que é dado às garotas de programa, argumentado que, através de sua pesquisa, percebeu-se nos trabalhos pesquisados que as próprias prostitutas não se veem como vítimas, querendo inclusive se livrar desse estigma. São diversos os posicionamentos dos autores a esse respeito e essa discordância acreditamos ser importante, pois mostra a diversidade, a multiplicidade e a complexidade dos diversos olhares que se propõem a estudar sobre o fenômeno da prostituição.

Podemos atrelar a essa discussão sobre o processo de vitimização da prostituta outras características, como a estigmatização e o preconceito, como presente no trabalho de Valle (2011), Santos (2011a) e Geammal (2009). Esses dois conceitos não afligem apenas as prostitutas do baixo meretrício, as prostitutas pobres, mas também as que vêm de famílias com melhores condições sociais, como no caso das prostitutas estudadas por Guimarães (2007). Ser profissional do sexo é recorrentemente sofrer com o estigma. Essa questão poderíamos, por exemplo, identificar no trabalho de Bezerra (2009), que falou das formas outras da prostituta se relacionar.

Outro ponto que nos chamou bastante a atenção foi o fato de a maioria dos trabalhos pesquisados tomarem como objeto de pesquisa as prostitutas pobres ou prostitutas do baixo meretrício, como acontece nos trabalhos de Pereira (2002), Tedesco (2008), Rodrigues (2005) e Santos (2011a). De acordo com esses autores, as prostitutas do baixo meretrício são mulheres que, em sua grande maioria, advêm de uma classe social empobrecidas, não tiveram a oportunidade de estudar em boas escolas e tomam a prostituição como o caminho possível para regerem suas vidas.

Visto as condições precárias em que vivem é compreensível entender que o local onde comercializam o sexo são lugares também simples, sem conforto ou segurança adequada. É comum encontrar as mulheres que vivem na prostituição do baixo meretrício “fazendo ponto” na rua, buscando seus clientes em esquinas ou em boates populares, frequentadas em sua maioria por homens de uma classe social também popular.

Por serem em sua maioria mulheres pobres, advindas de famílias humildes e sem muitos recursos financeiros, não têm condições de gastar grande quantidade de dinheiro com roupas de boa qualidade, com salões de beleza ou mesmo com tratamentos estéticos que melhorariam sua aparência e sua performance enquanto profissionais do sexo. Tais características, quando colocadas em prática, valorizam o serviço oferecido pelas prostitutas, possibilitando-as inclusive cobrar um valor mais elevado pelos programas que realizam. É característico da prostituição do baixo meretrício a exposição da mulher prostituída. Frequentemente seus familiares e amigos sabem do modo como ganham dinheiro e sustentam suas famílias. Como seus locais de trabalho muitas vezes são ruas, esquinas, praças, bares, dentre outros, acabam também ficando mais expostas aos perigos da rua.

É importante, entretanto, que se compreenda que não é possível generalizar essa leitura. Leite (1992), que foi uma prostituta do baixo meretrício, por exemplo, tem uma postura crítica e reflexiva acerca das prostitutas e da prostituição. Essa autora tem uma argumentação crítica frente a temáticas comumente discutidas sobre a prostituição: vitimização da prostituição, estigma, preconceito, prostituição como única possibilidade de escolha, aqui apenas listando as mais recorrentes. Ela critica a visão das prostitutas como pobres indefesas que estão se prostituindo por obrigação ou por não terem outra possibilidade de trabalho. Critica também a figura da prostituta como uma mulher estigmatizada, pois essa estigmatização impossibilita que se tenha uma real visão sobre a vida de quem se prostitui, onde se substitui uma realidade concreta por imagens distorcidas construídas pelo preconceito (LEITE, 1992). Para a autora, a prostituição é um trabalho como outro qualquer, da mesma maneira que cada pessoa tem seu instrumento de trabalho, o instrumento de trabalho da prostitua é o seu corpo, sua sexualidade.

Leite (1992), ou Gabriela, como também é chamada, traz considerações importantes acerca da sua vida enquanto prostituta do baixo meretrício e afirma que é feliz com a forma com que ganha a vida, ou seja, é feliz por ser garota de programa. A prostituição para ela além de uma forma de ganhar um bom dinheiro, é também o meio através do qual ela pode expressar sua sexualidade, se divertir e sentir prazer. Esse prazer não se refere apenas ao prazer do ato sexual, mas prazer também pela vida festiva que a prostituição a proporciona, de sair todos os dias, beber todos os dias, conhecer pessoas novas todos os dias. Prazer também em se sentir liberta, sentir que pode fazer o

que quiser com o seu corpo, sentir que pode experimentar sua sexualidade da forma como desejar.

Assim como Leite (1992), Rodrigues (2010) critica a visão vitimizadora acerca da prostituição, bem como argumenta contra o ideário da escolha da prostituição como única alternativa possível. Para eles a mulher é livre para escolher, pois outras opções existem, as mulheres é que não querem trocar a prostituição por outro trabalho onde elas não ganhariam tanto quanto ganham comercializando o sexo e onde não teriam a flexibilidade de horários que a prostituição proporciona.

Apesar desses argumentos, entendemos que não são todos os casos que se configuram dessa forma, como no caso de pessoas que são traficadas para outros estados ou países para se prostituírem sob coerção (MAYORGA, 2009), ou mesmo garotas que são coagidas por outrem, por exemplo, pelos próprios familiares.

Outro assunto recorrente é a questão que aborda a temática da exploração, como abordado nos trabalhos de Costa (2005), Tedesco (2008) e Rodrigues (2010). A exploração pode vir de várias formas, pelos familiares e clientes como defende Costa (2005), ou pelos cafetões como aponta Tedesco (2008). Particularmente acreditamos que tanto existem prostitutas que são exploradas, como menciona Leite (1992) ao falar sobre suas experiências na prostituição; como também existem prostitutas que não o são, como foi percebido por Rodrigues (2010) e por nós no presente trabalho através das narrativas de Mara e Letícia¹⁰.

Schilindwein (2009), Santos (2011b) e Barbosa (2008) tratam o assunto da prostituição a partir do acontecimento discursivo. De uma forma geral, os autores procuram perceber como acontecem as formações discursivas no que se refere às garotas de programa, como isso chega até elas e de que forma essa discursividade, que é construída, influencia suas vidas. Schilindwein (2009), ao fazer uma análise acerca da memória discursiva, toma como pretensão observar como a formação dessa memória afeta a ONG Davida e de que forma, a partir disso, o dizer sobre a prostituta é alterado. Os discursos que rondam o personagem da garota de programa são diversos, e as garotas de programa não são indiferentes a eles, como aponta Santos (2011b). O que se diz sobre as garotas de programa e como se diz atinge diretamente não só o imaginário do que seria uma profissional do sexo, mas também diretamente em suas formas de se portar e de se referenciar sobre elas mesmas.

¹⁰ Nomes fictícios das nossas entrevistadas. Cf. a descrição das entrevistas na Parte III.

Outro tema bastante discutido é a questão da regulamentação da prostituição, como abordado por Tedesco (2008) e Baldner (2011). Ambos os autores argumentam no sentido de conhecer como acontece esse processo de regulamentação da profissão do sexo e como as prostitutas sentem e percebem isso. Atualmente a prostituição não é uma atividade ilegal no país, contudo é ilegal explorar esse serviço, como acontece através dos cafetões e donos de casas de prostituição. Em outras palavras, não se pode incentivar a prostituição nem tirar proveito disso.

Tramita na câmara dos deputados um projeto de lei assinado pelo Deputado Jean Wyllys que defende a regulamentação da profissão do sexo. Segundo ele, ao legalizar as casas de prostituição poderá haver uma fiscalização dessas casas no sentido de assegurar os direitos das prostitutas, como por exemplo, de receberem pelos clientes que atenderam. De acordo com Jean Wyllys, ainda existem muitas casas de prostituição funcionando clandestinamente e dessa maneira exploram mulheres, pagando-lhes muitas vezes um valor inferior ao que poderiam estar recebendo. Regularizar a prostituição acabaria também com a figura do cafetão que agencia mulheres e cobra-lhes altos valores por isso. Assim, a partir desse projeto, as prostitutas iriam estar mais protegidas, com direitos trabalhistas garantidos, sobretudo com direito à dignidade humana, tirando a profissão da marginalidade. Contudo, o projeto ainda está em trâmite e sofre forte resistência por parte da ala conservadora da câmara dos deputados¹¹.

A partir da leitura de textos como os de Leite (1992), Santos (2011a), Bittencourt (2008), Guimarães (2007), é possível perceber que há um desejo social de querer moralizar as prostitutas, de querer torná-las vítimas, pobres sofredoras fruto de uma sociedade machista e capitalista. Em geral os trabalhos querem oficializar o discurso de que a mulher prostituta no fundo não quer se prostituir, que está nessa vida apenas por falta de opções. Enquanto que na realidade existem mulheres, mesmo as de baixo meretrício (BARRETO, 2011), que se prostituem por vontade por própria, porque gostam, porque se realizam através dessa profissão, já que é através da prostituição que essas mulheres conquistam uma boa fonte de renda e se mantêm num patamar econômico relativamente elevado, o que as possibilita manterem um bom padrão de vida, consumirem o que desejam sem pensar no preço dos produtos (porque sabem que no dia seguinte conseguirão novamente o dinheiro que gastaram). As prostitutas podem ser felizes, podem estar felizes com sua profissão, podem gozar e curtir seus programas,

¹¹ Para maiores esclarecimentos acessar: www.camara.gov.br

fato que uma sociedade moralista resiste em aceitar, tentando pregar o contrário (o papel da prostituta sofredora, flagelada, explorada e infeliz); obviamente isso está atrelado às possibilidades e autonomia que cada uma delas consegue desenvolver. No que se refere às acompanhantes de luxo, foco da pesquisa, veremos que o lugar social que essas mulheres ocupam as coloca em um outro nível de discussão.

2.2 Algumas palavras sobre a prostituição de luxo

Para que possamos ter um bom entendimento acerca da vida das acompanhantes de luxo, o que será abordado no terceiro capítulo desta dissertação através das análises das narrativas de história de vida de Mara e Letícia, é interessante que conheçamos um pouco o meio em que elas estão inseridas e a forma como se configura o mundo da prostituição de luxo. Gostaríamos, nesse sentido, de iniciar explanando sobre o que acreditamos se configurar como as principais características quando o assunto é a prostituição de luxo: o anonimato, a pouca recorrência de pesquisas, de textos, de matérias que falem sobre o que seria a prostituição de luxo e sobre quem são as meninas que vivem dessa atividade.

Tive uma dificuldade em identificar trabalhos acadêmicos, livros, matérias de revistas ou de jornal, vídeos ou outro instrumento que me auxiliasse a conhecer melhor o universo das acompanhantes de luxo. Assim como encontrei dificuldade em pesquisar sobre esse tema, também encontrei grande resistência das acompanhantes em quererem falar sobre si, falar sobre suas vidas, contar suas histórias. Isso porque o ponto forte nessa profissão é o anonimato, seja para garantir uma invisibilidade da representação dessa personagem (falaremos disso com maior profundidade na quarta parte) ou ainda para garantir o sigilo sobre o que experienciam nessa profissão.

As acompanhantes de luxo mulheres são profissionais do sexo que, de um modo geral, reúnem as seguintes características: são de classe média e tiveram a oportunidade de estudar em boas escolas particulares; dedicam cuidados especiais a seus corpos; por vezes são ou foram universitárias; cobram a partir de R\$ 350,00 (trezentos e cinquenta reais) por programa; falam no mínimo dois idiomas e frequentam lugares caros, utilizando roupas de grife. Diferente das prostitutas pobres, do baixo meretrício, essas meninas jamais fazem “ponto” na rua e não se expõem. Trabalham em casas discretas ou boates frequentadas por empresários, políticos, jogadores de futebol ou qualquer homem/mulher/casal com um alto poder aquisitivo.

O valor mínimo de R\$ 350,00 por programa pode variar de acordo com as horas trabalhadas, com o nível econômico do cliente, o que se exige do serviço sexual (quando tem sexo anal, por exemplo, o preço é mais caro). Algumas se mostram disponíveis para viajar com seus clientes, como é o caso de Mara, uma das entrevistadas. Nesse caso, o preço para passar o final de semana em outra cidade ou estado pode variar em torno de R\$ 2.000,00 por dia, com todas as despesas da acompanhante sob responsabilidade do cliente. Quando o programa é feito com casal, os valores cobrados são mais elevados.

Outra característica que marca as acompanhantes de luxo é o excessivo cuidado com os cabelos, com a pele, com o corpo, com a higiene íntima, com o uso de preservativo, com a alimentação e com o uso de roupas de boa qualidade. É grande a frequência em salões de beleza, em academias de ginástica, em clínicas para tratamentos estéticos e em lojas que vendem roupas de marcas caras. Isso porque sua aparência é o seu cartão de visita e quanto mais bonitas, bem vestidas e, principalmente, menos aparentarem serem profissionais do sexo, melhor será sua clientela, visto que um dos fatores que as caracterizam como acompanhantes de luxo é justamente não parecerem profissionais do sexo. Todas essas características reunidas supervalorizam o produto oferecido por essas mulheres, o prazer sexual, de modo que se utilizam disso para cobrarem um alto valor pelos serviços que prestam. Como veremos, por exemplo, nas histórias das duas acompanhantes que entrevistamos (Mara e Letícia), ambas fizeram ou irão fazer intervenções cirúrgicas para melhorar suas performances enquanto acompanhantes: Mara na época da entrevista estava se preparando para uma lipoaspiração, Letícia, por sua vez, colocou implante de silicone nos seios e figurou na capa de uma revista masculina.

Um aspecto curioso que observamos a partir das entrevistadas e a partir de matérias divulgadas na *Revista TPM*¹² e no *Jornal de Notícias*¹³, é a maior possibilidade de escolha que elas estabelecem sobre sua clientela. Ao contrário do que comumente acontece com as prostitutas do baixo meretrício, que têm seu poder de escolha mais limitado devido à vulnerabilidade social e econômica em que se encontram, as prostitutas de luxo conseguem negociar melhor as situações, tendo maiores condições de recusar um cliente que não as agrada. Mara comentou isso ao afirmar que se achar o

¹² Acesso à matéria em 22 de novembro de 2013, no seguinte link:
<http://revistatpm.uol.com.br/revista/99/reportagens/garotas-de-programa-de-luxo.html>

¹³ Acesso à matéria em 22 de novembro de 2013, no seguinte link:
http://www.jn.pt/PaginaInicial/Sociedade/Interior.aspx?content_id=1043539

cliente grosseiro ou sujo, não topa o programa. Comentário parecido fez Letícia, que disse já ter dispensado um cliente por ele ter abordado ela de forma grosseira e estúpida. E essa maior possibilidade de escolha das acompanhantes de luxo é um dos fatores que as diferencia das demais prostitutas, pois ao passo que o cliente sabe que se as prostitutas de luxo têm uma maior possibilidade de escolher com quem sair, ele se sente, de certa maneira, privilegiado por entender que ela quis estar com ele e não com outro homem.

Como meio de divulgar seu trabalho, é comum que as acompanhantes de luxo usem para divulgação sites da internet. É comum sites destinados apenas a apresentar garotas de programa de alto luxo, como mencionado no início desse trabalho. Através desses sites as meninas postam fotos e informações pessoais para os clientes entrarem em contato e assim poderem marcar os programas. Nessas fotos as meninas mostram seus corpos, contudo, a grande maioria esconde o rosto, para não se exporem e manterem o anonimato. Muitas delas escondem da família ou do(a) parceiro(a) que se prostituem, bem como não querem ser reconhecidas como garotas de programa.

Os locais que frequentam como restaurantes, bares e festas, não são locais populares como acontece com as prostitutas pobres. Elas vão a restaurantes caros, a bares badalados, a festas onde estão presentes pessoas de alto poder aquisitivo. Além de terem condições financeiras para tal é também uma forma de supervalorizarem os serviços que prestam. Comumente as acompanhantes de luxo possuem veículos próprios, as que não têm costumam usar serviços de táxi para se locomoverem, principalmente quando se trata de atender algum cliente.

Embora estejam disponíveis por meio de sites, não é uma tarefa tão simples encontrar acompanhantes de luxo, ao contrário do que observamos com as prostitutas do baixo meretrício. Isso se dá justamente pelo fato de elas não estarem expostas nas esquinas, nem em casas de prostituição populares que têm letreiro na porta identificando o lugar. As casas que essas meninas frequentam para encontrar seus clientes são casas discretas, onde não há nada que as identifique como casa de prostituição, como se dá com a casa que conhecemos, lugar frequentado por pessoas da alta sociedade que não querem ser reconhecidas enquanto consumidores de serviços sexuais. Também é possível encontrar essas meninas em boates de *strip* sofisticadas, caras e frequentadas também por pessoas com boas condições financeiras. Algumas destas possuem quartos, de modo que o programa sexual acontece ali mesmo. Contudo algumas casas não, de modo que cliente e acompanhante se dirigem para outro lugar.

As acompanhantes atendem em hotéis e motéis caros, luxuosos e sofisticados, nunca dentro de carros ou hotéis baratos, mesmo porque os homens que as procuram, em sua grande maioria, possuem alto poder aquisitivo. Algumas atendem em suas próprias residências ou na residência dos clientes. Em geral, todavia, preferem não ir até a casa dos clientes, visto que eles podem prendê-las no local ou até mesmo para evitar encontrar outras pessoas dentro da casa, como os familiares do cliente.

Outra importante característica das acompanhantes de luxo é o fato de virem de famílias com bom poder aquisitivo, que puderam proporcioná-las o ingresso em boas escolas particulares, melhorando assim seus níveis de instrução. Assim é comum que as acompanhantes tenham além do segundo grau concluído, a fluência em falar pelo menos dois idiomas. A clientela que procura esse tipo de serviço sexual é exigente, querem meninas bonitas, bem instruídas, elegantes, que saibam se portar e conversar, visto que elas não apenas são contratadas para o ato sexual, mas também para acompanhar os clientes em festas, jantares e viagens. Muitas dessas meninas são universitárias e se prostituem para pagar seus cursos na universidade. Há também meninas que são formadas, mas que encontram na prostituição de luxo uma maneira de ganhar uma renda maior do que ganhariam atuando dentro de suas áreas de formação.

Diferente do que ocorre com as prostitutas pobres, a figura do cafetão não é comum na vida das acompanhantes de luxo. Leite (1992) fala sobre a presença do cafetão na prostituição do baixo meretrício, de modo que eles serviriam para manter a segurança das prostitutas, impedindo que fossem agredidas na rua por clientes, ou mesmo garantindo que recebessem seus pagamentos, evitando calotes. Não obstante, muitos mantêm relacionamentos afetivos com elas e em troca essas meninas têm que dar uma grande porcentagem do dinheiro que recebem para esses homens. A figura do cafetão praticamente não existe quando se trata da prostituição de luxo.

As acompanhantes de luxo cuidam de seus próprios negócios, marcam com seus clientes através de telefone ou através das casas que frequentam. Para essas casas elas costumam pagar um valor “x” para continuarem a frequentar o lugar, de modo que a casa não interfere no preço cobrado pela prostituta para a realização do programa. Contudo, ela estabelece um preço mínimo que a garota deve cobrar para trabalhar na casa, isso se deve ao fato de a casa não querer se desvalorizar, mantendo o alto padrão do estabelecimento.

Outro elemento marcante das acompanhantes é o cuidado com a saúde e as frequentes visitas ao ginecologista e demais especialistas. Elas cuidam de si, do corpo,

para poderem oferecer um produto de boa qualidade para seus clientes e assim manterem a valorização de seus serviços e conseqüentemente o alto preço dos programas. Como percebemos no discurso das entrevistadas e através das matérias acima mencionadas, o preservativo é um item indispensável. As acompanhantes têm maior autonomia para se imporem e dizer que não transam sem preservativo, e caso a imposição não seja acatada pelo cliente não se constroem em querer cancelar o negócio.

Na prostituição do baixo meretrício isso já não acontece com tanta frequência, como coloca Costa (2005), principalmente quando as prostitutas são pobres e adolescentes. Os homens acabam impondo a forma como querem manter relações sexuais com essas meninas, e assim, devido à vulnerabilidade socioeconômica a que estão submetidas, a pobreza, a falta de instrução, dentre outros fatores, acabam por aceitar tal imposição.

Santos (2011a) acredita que a prostituição de luxo é um meio para as meninas ganharem uma boa quantia de dinheiro e assim poderem manter um alto padrão de consumo. Contudo, pensamos que não seja apenas esse desejo em consumir que mantém essas meninas no mundo das acompanhantes de luxo. O desejo de comprar roupas caras, acessórios caros, de andarem em carros muitas vezes importados, de estarem semanalmente em salões de beleza e em clínicas de estética, de frequentarem festas e bares badalados, certamente caracteriza acentuadamente a vida dessas mulheres.

A prostituição de luxo parece ser um meio encontrado por essas mulheres para terem um bom padrão de vida, de poderem pagar suas contas e sustentarem suas famílias sem sufoco, restando ainda uma boa quantia para elas guardarem ou gastarem como quiserem. Elas querem comer bem, vestirem-se bem, mobiliar suas casas com bons móveis, ou seja, querem uma vida boa, confortável, de modo a não passarem por necessidades. Querem também conhecer pessoas novas, ir a lugares novos, viajar, aproveitar o que o dinheiro pode proporcionar.

PARTE III

Costurando as colchas de retalhos – As histórias de Mara e de Letícia

3.1 A história de Mara: os perigos de jogar com várias personagens e administrar a invisibilidade

Começo as narrações de histórias de vida com a história de Mara, uma profissional do sexo de luxo, nascida em Fortaleza, que na época da entrevista (janeiro de 2013) estava com 28 anos de idade. Descrevo Mara como uma moça jovem e simpática, que diz se sentir muito bem ocupando esse lugar de acompanhante de luxo. Ela provém de uma família classe média, de modo que seus pais tiveram condições de pagar escola particular para as filhas. O pai é marceneiro, a mãe dona de casa, sendo o pai responsável pelo provimento financeiro de toda a família. Mara tem também uma irmã, contudo, ao narrar sua história, não entrou em detalhes sobre seu relacionamento com ela. Quando pedimos que Mara contasse quem era ela, as seguintes informações foram eleitas como as mais relevantes e utilizadas para falar de si e dar a nós as primeiras impressões sobre si mesma.

Sou Mara, tenho 28 anos, prestes a completar 29 esse mês. Sou acompanhante de luxo, tenho um filho de 11 anos, de um “casamento”, de uma união estável na verdade, que foi forçada, entre aspas a casar porque eu estava grávida, tive que casar. Que mais? E estou bem nessa condição de acompanhante de luxo. Estou prestes a me aposentar, todo ano eu digo que vou sair, vou sair, mas as necessidades financeiras não permitem, que não são necessidades, são luxos financeiros na verdade. Que mais? Só...

Em sua primeira fala, já quer nos mostrar o que ser acompanhante de luxo significa para ela: ter luxos financeiros, viver uma vida confortável. Inicia sua narração de si falando ainda sobre o filho que teve aos 17 anos de idade. Ela namorava o pai de seu filho e, com 16 anos, engravidou. Seu pai, com uma postura moral rígida no que dizia respeito à honra de sua filha, obrigou-a a casar, mesmo contra sua vontade. Mara teve uma união estável, que durou 5 ou 6 anos (ela mesmo não soube especificar uma data). Nesse momento, surge uma nova personagem em sua vida: *Mara mulher casada*.

Com 16 anos eu engravidei, meu pai me colocou para fora de casa entre aspas, disse que eu tinha que casar de qualquer forma e meu namorado foi,

queria casar comigo, e agente foi e tal, e eu continuei estudando, que eu fazia o terceiro ano, e trabalhando.

Eu casei com 16, separei em 2005. Então eu tinha 21? 22? quando eu separei, por aí... separei em 2005... que foi quando eu entrei na faculdade...ai ele pediu para eu escolher ou a faculdade ou ele, eu escolhi a faculdade...

Mesmo vivendo com o companheiro, tentava manter sua independência e entrava em embate constante com o marido, que era muito ciumento e quase nunca gostava de sair de casa. Mara sempre gostou de sair, se divertir com as amigas, beber cerveja, e quando ela marcava algo e ele não queria ir, ela ia mesmo assim – o que muitas vezes o fazia topar a saída para não deixá-la sair só.

Quando eu chamava ele para ir para tal canto, que ele dizia que não queria ir, eu perguntava se ele tinha certeza, porque eu iria sozinha, aí ele mudava de ideia e ia também. Eu nunca deixei ele dizer que a gente não ia, não existe isso. Quando ele dizia que ia para o bar tomar uma cerveja com os amigos, eu ligava para alguma amiga e ia beber também ele ia para um lugar e eu ia para o outro. Acho que era por isso que ele era tão apaixonado por mim, porque eu mantinha essa independência e não queria nem saber.

Sempre tentou preservar sua personagem *mulher independente, mulher não submissa*, aquela que age de acordo com sua vontade. E esse sentimento parece surgir ainda criança, visto que cresceu vendo sua mãe se submeter às vontades de seu pai. A mãe sempre fez tudo o que o pai queria, na hora que ele queria, da forma como ele queria – nunca teve forças para retrucar o marido. Este, que sustentava financeiramente a casa com seu ofício de marceneiro, sempre tentou manter o funcionamento da família ao molde rígido patriarcal. Mara relata, ainda, a presença de diversas amantes na vida de seu pai, outras mulheres que a mãe descobria e nada dizia. Ela sempre se revoltou com as atitudes dele que tentava manter uma moralidade com a esposa e filhas, mas que não praticava em sua vida pessoal. E assim, espelhando-se nesse exemplo, sempre desejou o contrário para sua vida: não queria de forma alguma ser uma mulher submissa que cede à vontade do marido.

Eu tive um pai que sempre foi muito machão, minha mãe sempre foi dona de casa, submissa, sempre fez tudo o que ele quis...ela colocava o almoço dele, se eles tivessem almoçando e ele quisesse alguma coisa ela tinha que se levantar para pegar, porque ele não ia... e ele muito mulherengo, muito, não chegava a ser desrespeitador, mas minha mãe sempre descobria uma coisinha aqui, outra ali. Eu sempre pensei que jamais ia querer isso para a minha vida, jamais ia querer isso para a minha vida, jamais ia querer isso para a minha vida. E eu sempre fui muito revoltada com ele por ele querer

sempre manter uma moralidade em casa que ele não tinha na rua. E eu discutia muito com ele por causa disso.

então aquele modelo de mulher submissa era tudo o que eu fugia, não queria isso de jeito nenhum para mim. Então hoje em dia, essa vida que eu levo de mulher independente...

Mara nunca teve um relacionamento amistoso com o pai, sempre entravam em atrito. Assim, a personagem de *filha do papai* sempre foi representado e perpassado por muitos conflitos. Essa é uma personagem que não parecia interessante a ela desempenhar, embora tivesse que fazê-lo. Dessa forma, percebemos que a identidade da Mara, até esse momento de sua vida, foi construída com base em personagens “difíceis de desempenhar”, ou mesmo “indesejáveis”. Contudo, nesse momento, continua a viver essa vida que lhe é possível e irá vivenciar uma grande mudança.

O filho de Mara sempre morou com sua mãe (a avó do menino), mesmo quando ela ainda vivia com o esposo. Segundo ela, foi mãe muito nova e não sabia cuidar bem da criança. Assim, sua mãe desde cedo assumiu a responsabilidade pela criação do neto. Em sua fala, Mara passa a ideia de que não se responsabilizou pelo filho, pois era muito jovem; contudo, ao que nos parece quando voltamos para sua história, essa recusa à representação da personagem de *mãe* também se fundamenta pela gravidez indesejada, pelo casamento forçado e por ela estar vivendo uma vida que não é a que ela gostaria de viver.

Assim, quando eu separei eu voltei a morar com a minha mãe...quando eu era casada eu morava na casa do meu pai, meu pai comprou uma casa e me deixou morando na casa dele... meu marido saiu da casa, e eu fiquei morando na casa...meu filho sempre morou com a minha mãe né...

Meu pai via os carros indo me pegar direto aí ele dizia “é, tua mãe cuidando do teu filho e tu vivendo na vida de passear...”, e eu dizia “é, fazer o que né, ela quis adotar...”, aí eu sempre brigava com ele...

Mara conseguiu emprego de secretária em um escritório de advocacia na cidade de Fortaleza. Conviver nesse ambiente, sempre cercado de advogados e de processos, despertou seu interesse em ler e estudar os assuntos referentes ao campo do Direito. Dessa maneira, resolveu prestar vestibular para o curso de Direito em uma faculdade particular da mesma cidade. Nessa empreitada obteve total apoio e incentivo de seu chefe, que a ajudou pagando cursinho e sua matrícula na faculdade. Ela fez a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), tirou uma boa nota e conseguiu uma bolsa

de estudos do Programa Universidade para Todos (PROUNI), ingressando então na faculdade.

Esse fato marca uma virada em sua vida, e assim, uma metamorfose de sua identidade, que começa a ganhar novos contornos e novas representações.

O marido de Mara sempre foi contra a companheira estudar, era muito ciumento e não queria que ela se tornasse independente. Em meio a brigas, mandou que escolhesse: ou ele ou os estudos. Mara escolheu a faculdade. A separação foi, portanto, inevitável; e ela, que não era mesmo feliz em seu casamento, encontrou aí uma grande oportunidade de se separar e começar a viver sua vida (a vida que ela queria viver). Suas personagens *filha do papai* e *mulher casada*, que seu pai tanto quis que ela representasse fica para trás, e ela vai assumir uma nova personagem: a de *universitária independente*.

Então eu sempre fui muito independente, eu queria procurar justamente o oposto, então depois que eu separei eu fui procurar o oposto dessa família... não perfeitinha, porque eu acho que a mulher ser submissa ao homem não tá certo, mas uma coisa toda patriarcal que é a minha família, então eu fui para o outro lado, eu fui ser a outra, já fui para o oposto da família, e me sinto muito bem.

Mara foi ser o oposto do que seu pai quis para ela, foi ser *outra*, ou *a outra*. As personagens que antes ela desempenhava passam a não mais representa-la – o que marca a primeira grande guinada na sua identidade. Se antes ela era reconhecida como a *filha do papai* e *a mulher esposada*, agora é reconhecida como a *universitária independente*.

Mara se separa do marido e ele vai embora de casa. Por algum tempo ela continuou a viver nessa mesma casa; contudo, seu pai, que era o proprietário da residência, pediu-a de volta e ela então foi morar com sua mãe. Passou a viver na casa duplex de seus pais, de modo que ficava na parte de cima com a mãe e o pai morava na parte de baixo, onde também funcionava sua marcenaria.

A partir do período em que entrou na faculdade sua vida teve uma grande mudança: ela conheceu pessoas novas, fez novos amigos, foi para festas, baladas – acima de tudo, estava separada. Mara conta sobre a primeira vez que saiu com um homem depois que se separou, era seu colega de trabalho.

Eu tremia dos pés à cabeça, precisei tomar duas doses de whisky caubói para poder ficar bem... ele entendeu, sabia que eu era casada e que nunca

tinha ficado com outro homem que não fosse meu marido. Eu nunca tinha ido para um motel nem com o meu marido. Era a primeira vez que eu estava indo no motel, era a primeira vez que eu estava transando com um homem que não era meu marido...eu tremia, eu tremia...

Foi aos poucos se acostumando com a nova vida, e logo começou a namorar um professor da sua faculdade, um homem que na época tinha 45 anos de idade. Mara fala sobre esse relacionamento deixando transparecer que não sentia amor por esse homem, mas que estava com ele por interesse. Ele sempre a presenteava com bombons, flores, perfumes, sapatos – ela adora sapatos. Assim, foi mantendo o relacionamento até se desinteressar em ganhar tantos presentes. Acredita que um homem mais velho, para namorar com uma menina bem mais jovem, tem que “comparecer” com presentes, caso contrário um rapaz jovem chega e toma a namorada.

E assim que eu separei, eu cheguei a namorar com um professor da faculdade... e por mais que ele não me pagasse pecuniariamente em espécie tinha presentinho, afinal de contas ele já era um cara de 45 anos namorando uma menina de 20, ele já tinha essa noção de que por mais que a companhia dele fosse boa, eles tem que chegar junto com um presentinho porque se não chegam os novinhos, tomam o lugar e eles dançam né.

Quando os presentes deixaram de ser interessantes e pararam de suprir seu desejo, terminou o namoro. Fala ainda que namorar com esse homem teve a desvantagem de ter que fingir gostar dele para continuar ganhando os presentes.

porque presentinho é bom, mas chega uma hora que você não precisa mais de tanto perfume, de tanto sapato, precisa de dinheiro vivo para realizar algumas coisas.

quando você tá em um relacionamento que da presentinhos, que você tem que fingir que tá com o cara porque gosta dele, aí você tem que fingir para ganhar os presentinhos.

Mara conta da experiência com esse namorado. Segundo suas palavras, neste relacionamento já havia uma “tendência” para a vida de prostituição, visto que considerava como se estivesse se “vendendo” para esse namorado, não por dinheiro em espécie, mas por presentes.

Ele mandava um buquê de flores, chocolate, perfume, sapato, eu sou viciada em sapato, ele sabia, então de vez em quando vinha um sapato. Então a gente já se vendia, só que não era em troca de dinheiro, era em troca de presente. Isso acontece muito hoje, e o povo ainda fica com essa de que “aí

se você se vende, você se vende...mas a maioria das pessoas se vendem por outras coisas. Tem menina que se vende por um litro de whisky na festa... “ai tem um cara ali com um litro de whisky Old Par então eu vou ficar com ele na mesa para ele deixar eu beber”. Ai chega no fim da festa você dar para ele porque passou a noite toda bebendo do whisky dele, tem gente que se vende por um whisky, enfim né, cada um tem seu preço.

Antes de entrar na prostituição, diz que já gostava de consumir produtos de alto custo, de namorado que tivesse dinheiro, que pudesse levá-la para passear em carro importado e etc. Algo contrário à vida que levava na época em que era casada, uma vida simples, comum, sem grandes luxos – sempre teve o desejo de ter uma vida mais luxuosa, mais confortável financeiramente.

Antes mesmo de eu seguir essa vida de prostituição, de garota de programa, eu sempre gostei de...todo mundo gosta do que é bom...quem mentir dizendo que prefere andar num varão de uma bicicleta do que andar acompanhada num carro importado tá mentindo. Porque luxo é bom, não tem quem não goste. Por mais que não seja seu, mas se você tem um namorado rico que te proporciona, é diferente do que um namorado liso vai te proporcionar.

Passado algum tempo do fim do namoro com o professor, ela aproximou-se bastante de uma colega de faculdade e percebia que essa nova amiga se comportava de uma forma um pouco “estranha”: ela tinha vários aparelhos de celular, sempre se afastava das amigas para atender as ligações, andava sempre muito bem vestida e em um carro importado (Mara sabia que os pais da amiga não tinham dinheiro para dar um carro importado a filha). Curiosa com esse fato, ela perguntou à amiga o que acontecia, como conseguia ostentar tanto luxo sendo de família humilde. Foi então que essa amiga apresentou para Mara um *outro* mundo, que ia transformar para sempre sua vida: o mundo da prostituição de luxo.

3.1.1 Quando a moça de família decide conhecer e atuar no universo da prostituição de luxo

A amiga de Mara falou sobre seu trabalho, o que fazia para ganhar dinheiro, o porquê de andar sempre com tantos telefones, e perguntou se Mara não queria que ela apresentasse alguns clientes que já tinham se tornado seus “amigos”. Mara inicialmente tomou um grande susto, pois tinha uma ideia socialmente construída da garota de programa como uma pessoa “entregue”, capaz de qualquer coisa por algum dinheiro.

Foi neste momento, então, que a amiga explicou como desempenhava seu trabalho e Mara topou fazer seu primeiro programa.

Ai ela disse [a amiga] que tinha um negócio bom para mim, e eu disse: “sim, o que é?” Ai ela “olha, eu faço programa e tal”. Quando ela me falou foi um baque grande e tal, foi um choque. Porque eu tinha aquela visão que eu acho que a sociedade toda tem né, daquela garota de programa que é ... como eu posso dizer? que é entregue a toda e qualquer pessoa que queira pagar um pouco por aquilo. Ai ela foi e disse “não, não é assim. Eu vou te mostrar uns clientes meus que já são meio que amigos meus, e vou dizer que você está começando agora e tal, que ai eles vão te tratar direitinho”. Eu fui, aí a primeira vez eu tremia toda, eu imaginava o caro dizendo “faça isso, faça aquilo, levante a perna, baixe a perna, levante o braço...”

Nessa fala de Mara, percebemos o quanto um certo discurso socialmente produzido em relação à personagem garota de programa influencia no processo de construção de si mesma. A imagem que tem de si e da sua personagem é fortemente ligada ao que socialmente acostumou-se a ouvir. Assim, Ciampa (1987) nos coloca que

Interiorizamos aquilo que os outros nos atribuem de tal forma que se torna algo nosso. A tendência é nós nos predicarmos coisas que os outros nos atribuem. Até certa fase esta relação é transparente e muito efetiva; depois de algum tempo, torna-se menos direta e visível; torna-se mais seletiva, mas velada (e mais complicada) (p.131).

Prosseguindo com a história de Mara, ela não foi obrigada a fazer nada que não quisesse, muito pelo contrário. O homem foi gentil, levou-a para jantar em um bom restaurante, e depois levou-a para um motel. Ele a deixou bem relaxada, à vontade, de modo que aquele programa parecia um encontro qualquer com um namorado seu (a principal diferença era que o cliente era um homem mais velho).

Eu imaginava que ia ser uma escrava sexual, tinha essa mentalidade... “bem, já que eu estou pagando ela vai fazer o que eu quiser”. E não foi assim, ele me tratou super bem, me levou para jantar, me tratou com todo o respeito do mundo... ai a gente foi pro quarto do motel, e ele me tratou como se eu tivesse saindo com uma pessoa que conhecesse e a gente tivesse namorando, e do namoro rolasse uma transa normal. E depois terminou, e ele disse: “tá aí seu presentinho”, que na época foi 300 reais. Isso em 2005, 300 reais, para uma pessoa que trabalhava 8 horas por dia em um escritório, ganhar 300 reais só pra isso, fazer coisa que eu faço assim normalmente... A única diferença é que eu faria com um novinho, da minha idade, e ele já era... Não é que seja velho, mas já era maduro, na faixa dos 45 anos, por aí...

Da experiência do primeiro cliente surge uma nova personagem: a *acompanhante de luxo*. A identidade de Mara ganha em sua composição uma nova

personagem, uma nova representação, que será mantida em segredo perante seus parentes, seus amigos e seus vizinhos. Poucos sabem dessa nova personagem, e junto com ela surgirá também um novo mundo, que ela tentará não apenas esconder, mas manter em paralelo com seu mundo anteriormente construído. Aparece aqui a distinção: vida pessoal x vida profissional, *filha do papai* e *universitária independente x acompanhante de luxo*.

Interessante perceber que, ao começar a representar a personagem acompanhante de luxo, Mara ganha também uma outra representação para compor sua identidade: seu “nome de guerra”. É comum entre as profissionais do sexo a assunção de outro nome para trabalhar, e com Mara não foi diferente. E esse outro nome faz surgir outra representação de si, que está atrelada diretamente ao seu novo trabalho e à sua nova vida.

Em *A Estória do Severino e a história da Severina*, Ciampa (1987) vai nos falar sobre a importância da representatividade dos nomes que são atribuídos aos sujeitos desde o momento de seu nascimento. Para o autor, “(...) o nome não é a identidade; é uma representação dela. Posso representa-la de outras formas, além de usar nomes próprios: este recém-nascido, o filho de Fulano, etc.” (p. 132).

O que o autor quer que compreendamos é que o nome é umas das possibilidades de representação dos sujeitos. Esse nome que é atribuído a nós desde nosso nascimento não totaliza nossas possibilidades de ser e de existir no mundo, não nos reduz a uma única representação. Ao contrário, representa umas das nossas possibilidades de ser, é apenas uma representação das inúmeras que constituem nossa identidade. Mara então, ao ganhar um novo nome, seu *nome de guerra*, ganha também uma nova representação, que irá ajudar a construir sua identidade.

A identidade, que inicialmente assume a forma de um nome próprio, vai adotando outras formas de predicções, como papeis, especialmente. Porém, a forma *personagem* expressa melhor isso na sua generalidade. Um nome, efetivamente, nomeia uma personagem. No teatro isso fica claro: um ator representa ‘Hamlet’ e poderá dizer que é o seu papel. Um papel, de fato, pelo menos em termos de identidade, designa uma personagem. (CIAMPA, 1987, p. 134)

Retomando à narrativa de Mara, ela ficou impressionada com a quantidade de dinheiro que tinha ganho “só para transar com um homem”. Os 300 reais que ela recebeu pelo programa perfaziam praticamente a metade do valor que ela recebia trabalhando oito horas por dia no escritório de advocacia. A “facilidade” em ganhar

tanto dinheiro em tão pouco tempo a seduziu como ninguém ou nada havia seduzido até então, e ela resolveu que era nesse ramo que ficaria. Ela compara seu namoro com o homem mais velho com o trabalho de acompanhante de luxo e fala das vantagens em ser acompanhante:

Quando eu vi que podia ganhar os presentes em dinheiro, e era praticamente a mesma coisa, o mesmo ramo pela diferenciação de nível social dos clientes...então...a rotatividade é maior, mas você não precisa fingir. Você tá ali com ele, ele sabe que você tá como profissional, você até pode curtir naquela hora, mas você não precisa fingir que tá caindo de amores por ele. Diferente de quando você tá em um relacionamento que dá presentinhos, que você tem que fingir que tá com o cara porque gosta dele, aí você tem que fingir para ganhar os presentinhos.

Quando terminou o programa com o cliente, foi recepcionada pela mesma amiga que a tinha sugerido realizar os serviços sexuais. A amiga foi busca-la no motel e perguntou o que Mara tinha achado – ela respondeu que tinha sido tudo bem e que tinha gostado. Assim, sua amiga passou o contato de mais dois dos seus clientes e Mara entrou de vez no mundo da prostituição de luxo. A amiga sugeriu que colocasse suas fotos em um site que faz divulgação de acompanhantes de luxo, de modo a promover seu trabalho, e explicou como funcionava o negócio. Inicialmente as meninas batem as fotos com um fotógrafo que já trabalha para o próprio site. Depois do ensaio fotográfico feito, o fotógrafo corrige imperfeições das garotas, como manchas e celulites, para que fiquem mais atrativas para os clientes.

Em seguida, as fotos são expostas na internet, assim como alguns dados das garotas: idade, altura, peso, cor dos olhos, cor dos cabelos, telefone de contato, nível de escolaridade, disponibilidade para viagem, dentre outros. O investimento para as fotos custou 300 reais, mesmo valor que deveria ser pago pela mensalidade. Ou seja, as meninas pagam um valor fixo mensal para os administradores do site para manter suas fotos nele, como Mara nos explicou.

Ai eu fui, ela me levou, eu tirei as fotos, pus as fotos no site...e o site funciona da seguinte forma: você põe as suas fotos lá, você põe o número do seu telefone lá... você paga o ensaio, que são as fotos, você paga uma mensalidade para manter aquele seu anúncio lá, aí você paga o anúncio... seu nome fica lá, suas fotos ficam lá... Na época era 300 reais que eles cobram...o preço que você cobra para fazer o babado, que a gente chama, o programa, é o preço que eles cobram tanto para fazer o ensaio como para a mensalidade. Então qual foi o investimento, foi 300 reais do ensaio mais 300 reais da mensalidade. Aí você põe seu número lá, e eles ligam direto para você. Não tem intermediador, não tem ninguém que ganhe em cima de você... é você com você mesma, entendeu?

O uso de sites para divulgação do trabalho como acompanhante de luxo rompe com o habitual esquema de cafetinagem, que ocorre quando terceiros lucram em cima do trabalho da garota de programa, com o argumento de que estariam agenciando as meninas e protegendo-as dos riscos que elas possam correr.

Toda aquela coisa de cafetinagem no site não existe... é tanto que existem muitos sites que lá é permitido, porque o site não tá aliciando ninguém, ele só tá expondo o site dele para você anunciar o que você quiser. Ai você coloca lá seu telefone, o cliente ver suas fotos, você geralmente esconde o rosto para não ser identificada, pede para ele apagar uma tatuagem, uma pinta mais evidente, pede para ele apagar as celulites, as estrias, para ficar mais atrativa né. Ai ele liga para você, combina preço, ai quando é no site a gente combina logo no motel...

Mara investiu em seu novo trabalho e, a partir de então, vários clientes começaram a aparecer. Eles viam suas fotos no site, se interessavam, ligavam combinado o programa e em seguida iam para o encontro, que acontecia geralmente no motel. Mara explica o motivo dos encontros serem marcados diretamente lá.

quando é no site a gente combina logo no motel, para evitar essa coisa de "ai, eu te encontro em tal lugar, tu vai com tal roupa". Ai ele pode muito bem de dentro do carro "ai tá ali ela, será que eu conheço? É, talvez sim, talvez não..." Então para evitar esse tipo de coisa a gente se encontra direto no motel.

Quando o cliente chega no quarto ele liga para a garota, diz a suíte em que está e ela já pega o taxi para se encontrar diretamente no lugar. Quando elas chegam, informam para qual suíte pretendem ir e o funcionário do estabelecimento libera a entrada. Entrando no quarto, Mara afirma que já pede o dinheiro do programa adiantado. Isto é feito para que, caso algum problema ocorra posteriormente, ela já esteja com seu dinheiro garantido. Mara conta que é comum que alguns clientes coloquem dificuldades para pagar o programa depois dele realizado, de modo que eles podem argumentar que não vão pagar porque não gostaram da menina, não gostaram do sexo, ou alguma coisa dessa natureza. Nesse caso a garota vai ter trabalhado em vão, e ficaria no prejuízo. Então, para evitar esse tipo de constrangimento, ela cobra o dinheiro antes de iniciar seu trabalho.

Aí quando chega lá, geralmente a gente pega o dinheiro adiantado, porque uma coisa é eu estar vulnerável por eu ser mulher, e por eu ainda estar numa

posição de ainda de estigmatizada pela sociedade, ou seja, se acontecer alguma coisa, o motel jamais vai intervir por mim...

Por isso que você cobra adiantado porque você não sabe com quem você tá lidando. Eu posso muito bom chegar, depois de tudo, e dizer “ai não gostei não, não vou pagar não”, ai depois como é que eu vou fazer para cobrar né...

As despesas geradas com o taxi das meninas e com o consumo dentro do motel são de responsabilidade do cliente. Segundo Mara, quando o cliente não é econômico, ele paga o valor que elas estipulam e não reclamam. Entretanto, há clientes que pechinham, pedem abatimento e querem ficar no motel até o último minuto a que têm direito. Mara classifica os clientes entre quem tem mais dinheiro e quem tem menos, pois segundo ela os clientes ricos além de não pedirem descontos, ficam no motel apenas para fazer o sexo e quando terminam vão embora.

A gente separa muito por quem tem dinheiro e quem não tem dinheiro. Quem tem dinheiro paga o seu taxi, não pergunta quanto tempo você vai ficar, não é exigente. Quanto menos ele tem dinheiro para gastar mais exigente ele é. A gente fala que ele quer comer até os últimos 10 centavos entendeu? A gente fala que é em média 1:30 / 2h, mas as vezes não tem isso. Quando o cliente é muito rico, muitas vezes é você chegar no motel, fazer o que tem que fazer, e em 30 ou 40 min você vai embora. Agora se for um cara mais “exigente” ele fica lá te alugando e muitas vezes tem que dar uma de psicóloga, fica lá falando...

3.1.2 Os perigos de apresentar-se nos sites

A personagem que Mara representa enquanto acompanhante de luxo se viu ameaçado de ser descoberta quando um dos seus professores da faculdade ligou querendo marcar um programa. Mara reconheceu que a voz era de alguém conhecido, e então perguntou o nome de quem estava ao telefone. Ela aceitou fazer o programa, ficou de retornar a ligação em alguns instantes, e ficou pensando quem era essa pessoa, até que lembrou de seu professor da faculdade. Ligou para uma amiga, contou o que tinha acontecido e pediu que ela fosse em seu lugar fazer o programa, pois não queria que ele descobrisse o que fazia. Pediu ainda que a amiga observasse se esse homem tinha uma tatuagem no braço com uma determinada figura, para que ela tivesse a certeza de que realmente era quem estava pensando. A amiga aceitou e foi em seu lugar. Quando voltou, contou que realmente era quem ela estava pensando. Mara então estava a salvo, sua personagem estava a salvo, seus “mundos” estavam a salvo.

Trabalhar no site é sempre perigoso, pois você nunca sabe quem está do outro lado do telefone. Você nunca viu aquela pessoa, não sabe quem ela é e nem se vai ser bem ou mal tratado, ou se levará ou não um calote – é um risco que se corre, e essa é a grande desvantagem de trabalhar no site para Mara. Logo que entrou no site, ela saiu para fazer programa com um cliente que a telefonou. Quando chegaram no motel, Mara pediu o dinheiro adiantado e ele disse que ainda não tinha sacado, mas que depois saía com ela, ia no caixa eletrônico e sacava. Ela achou um pouco estranho, mas não tinha muito o que ela fizesse, era inexperiente no ramo e confiou nele. Quando acabou o programa, saíram no carro dele para sacar o dinheiro, mas no meio do caminho ele parou o carro e disse que o carro tinha dado defeito. Pediu que Mara descesse e fosse empurrar o carro e quando ela desceu, ele ligou o carro e foi embora. Ela ficou parada, sozinha, sem acreditar no que ele tinha feito. No dia seguinte, quando contou o que tinha acontecido para uma amiga, a moça explicou que esse rapaz era conhecido por dar calote nas garotas e que Mara nunca mais fizesse o programa sem antes receber o dinheiro.

Hoje nunca que eu faço isso. Se ele disser isso eu digo que dou meia hora para ele sair do motel, sacar e voltar. “Eu vou ficar esperando aqui fora...você vai pagar a suíte, vai sair, vai sacar e vai voltar, e eu vou ficar esperando aqui fora. Se você não voltar eu vou embora...” ou então eu já digo pelo telefone “já sacou o dinheiro bebê?” porque tem uns que se fazem de doido, então eu já digo “olhe lembre de passar para sacar o dinheiro, se não tiver dinheiro na carteira passe logo e saque”.

Ai com o tempo você vai inventando umas formas delicadas: “meu amor, tem que dar logo o dinheiro do parquinho antes de brincar”, “como assim?”, “é que você tem que pagar adiantado”, “há, tudo bem”. Quem realmente não tem intenção de fazer nada de errado, vai lá e paga normalmente... com o tempo você vai aprendendo os truquezinhos para desenrolar o negócio...

Trabalhar no site, contudo, também tem suas vantagens, principalmente no que se refere às viagens que se faz quando os clientes convidam – segundo relato de Mara, os convites para viagens são mais comuns quando se trabalha no site (quando trabalha na casa esses convites são menos frequentes). Ela nos conta sobre uma viagem que fez para Natal/RN. Um cliente que reside em Natal viu as fotos dela no site e ligou querendo combinar de passar o fim de semana com ele em sua cidade. Mara explicou que tinha um custo alto para leva-la para lá e perguntou se ele não preferia alguma menina da sua cidade. Foi então que ele disse que tinha gostado dela e queria apenas ela. Acordaram o valor da diária, que foi 1000 reais, totalizando 2000 reais pelo final de

semana (sábado e domingo), afora o pagamento das passagens aéreas, do taxi que ela iria pegar e todas as despesas que iriam aparecer – tudo pago pelo cliente. Ele concordou, comprou a passagem aérea, mandou o bilhete eletrônico para o e-mail de uma amiga de Mara e depositou a metade do valor do programa na conta dessa mesma amiga.

Mara explica que organiza as coisas dessa forma para o cliente nunca associar a menina a seus dados pessoais. Então, mesmo que Mara faça de tudo para manter seu personagem em segredo, é necessário que algumas pessoas perto dela saibam do que faz para ajudar em caso de necessidade. Ela, então, viajou. Mesmo com receio de estar viajando para outro estado com uma pessoa desconhecida, topou ir, e como já estava com as passagens na mão e uma parte do dinheiro depositado, sentiu-se mais segura. Assim, caso algo acontecesse, teria como voltar para casa. Passou o final de semana com o cliente, foi levada aos melhores restaurantes, a passeios turísticos, a compras em feiras de artesanato, etc. Mara fala dessa experiência como um momento bom na sua vida enquanto acompanhante de luxo.

É arriscado, você não sabe quem você vai encontrar, mas é proveitoso, é um dinheiro bacana. As experiências que eu tive foram super válidas...e eles fazem questão... “ai eu vou te levar para conhecer a cidade, vou te levar para conhecer”, e ele te leva para o melhor restaurante da cidade, te leva para o centro de artesanato da cidade, e você faz as suas comprinhas, e agente que não é besta nem nada diz “eu quero aquilo, quero aquilo, quero aquilo” e ele paga... que a gente com o tempo vai aprendendo a botar o povo para pagar né...e até hoje eu ainda não entendi porque tem gente que condena tanto, porque é tão bom, não sei se é porque eu tenho o Dom, nasci para isso, mas é tão bom, eu acho tão bom, tão bacana você... você tá ganhando dinheiro, tá se divertindo, dependendo do cliente você se realiza sexualmente, você se sente a Deusa, porque o cara desembolsou x dinheiro para estar com você, e você ainda é muito bem tratada, ainda volta para casa morta de feliz.

Mara quer se sentir bem, quer aproveitar a vida, ganhar dinheiro, passear, ganhar presentes e quem sabe até se realizar sexualmente. Encontrou na prostituição de luxo o meio para realizar seus anseios, seus desejos, seus fetiches.

Trabalhou no site por dois anos, até que começou a namorar e parou de trabalhar por seis meses. Ela conheceu o referido namorado através de uma amiga, depois começaram a sair e se apaixonaram. Esse homem foi o grande amor de sua vida.

me apaixonei...foi o grande amor da minha vida...não teve marido, não teve namoradinho da infância, não teve ninguém.. fiquei louca...

No início do namoro, Mara conseguia conciliar trabalho e namorado. Contudo, à medida em que o relacionamento foi ficando mais sério, não pôde mais manter as duas coisas. Mara fazia de tudo para não deixar nenhum vestígio que pudesse levar o namorado a descobrir sobre seu trabalho – ela tenta ao máximo preservar sua personagem *acompanhante de luxo*. Em prol do seu relacionamento, decide parar de trabalhar por um tempo, para não correr o risco de ser descoberta. Juntou algum dinheiro na poupança e ficou esse período “de férias”. Com o passar do tempo, o namorado se mostrou uma pessoa muito controladora, possessiva e ciumenta, o que fez Mara ir se decepcionando. Além disso, também se mostrou infiel, e quando descobriu algumas mentiras e traições do namorado, ela resolveu colocar um fim ao relacionamento.

Mesmo com o fim do namoro, Mara continuava apaixonada. Ela se relacionou com outra pessoa após o rompimento, assim como ele começou a namorar outra moça. Mas não o esquecia e eles continuaram se encontrando escondido, traindo então seus respectivos parceiros. Essa foi a melhor fase do relacionamento deles, pois além dela conseguir trabalhar, não havia mais cobranças, brigas, nem desentendimentos, eles apenas aproveitavam o tempo que tinham para ficarem juntos.

O período que marcou o fim do namoro coincidiu com a época em que deixou de trabalhar no site para trabalhar na casa. Ela permaneceu no site por dois anos, até que um dia conheceu uma moça que trabalhava na casa e essa a convidou para conhecer o lugar. Tudo começou quando Mara foi chamada para participar de uma despedida de solteiro, e junto foram convidadas mais quatro meninas que não conhecia e que viu pela primeira vez na hora da festa. Uma dessas meninas trabalhava na casa. Em conversa com Mara, ela perguntou se não tinha interesse em ir lá conhecer. Ficou preocupada com a possibilidade de estar na casa e entrar alguém conhecido, mas a amiga disse que lá era um lugar discreto, frequentado por homens de elevado nível social, e que caso acontecesse de chegar alguém conhecido tinha a possibilidade de ver e ir para dentro se esconder. Mara topou o convite e foi conhecer o lugar. Quando chegou, essa mesma moça a apresentou aos funcionários do lugar e às meninas que estavam por lá. Ficou sentada na mesa com Mara e começou a explicar como era o funcionamento da casa, como fazia em relação à saída com os clientes, qual o preço do programa que ela deveria cobrar, etc. Ela gostou da casa, achou mais vantajoso trabalhar lá e resolveu tirar as fotos do site.

Mara já se incomodava com suas fotos ficarem visíveis na internet justamente pela demasiada exposição de sua imagem, assim como com o excesso de telefonemas que recebia de pessoas passando trote, ou ligando para seu celular tarde da noite. Também viu na casa a vantagem de estar em um local fixo, seguro, cômodo e com uma boa clientela. Assim que começou a frequentar a casa, foi informada de que não poderia cobrar menos de 350 reais por programa, para não baixar o nível do estabelecimento. Ela comenta que outra vantagem de trabalhar lá é a possibilidade que você tem de conhecer previamente o homem com quem vai sair.

Quando a gente tá na casa, o cara chega, senta na mesa com a gente, aí começa a conversar sobre preço e tal... e nessa você filtra quem é mais grosso, quem vai te dar mais trabalho, quem é mais exigente, quem não é... mas na casa que eu trabalho ela tem um público mais diferenciado assim... tem um povo mais maduro, não tem muito menininho novo, é um pessoal mais maduro...

eu achei confortável ir para a casa, trabalhar durante a noite. Você fica lá, sentadinha, e tal, conversando, e na época o movimento da casa era muito bom. Quando eu entrei na casa eu saía normalmente três vezes por noite...era o que eu ganhava no site, só que com o conforto e a segurança de estar numa casa, porque querendo ou não te dar uma segurança. Porque quem frequenta lá, são quase todos os mesmo clientes, o garçom já conhece, já sabe quem é, já diz se é gente boa, se não é... o segurança da porta já sabe quem é...querendo ou não eu acho que você se sente mais segura por saber que tem pessoas ali que já conhecem aquele cliente... e tem menina que já dá o toque, quando já saiu com o cliente “olha esse gosta assim, esse gosta de dedo, gosta assim, gosta assado...” aí eu achei confortável a casa, e comecei a me preocupar com essa coisa de foto em site, e umas ligações que você recebia que era trote e não sei o que... e tem gente que liga e diz “olha, eu te conheço”, só para deixar você com a mente perturbada e tal, aí tirei as fotos do site e fiquei só na casa...

Ela nos conta também o que acontece quando encontra algum de seus clientes na rua...

se você cruzar na rua, como já aconteceu várias vezes comigo, com uma pessoa que você já saiu, ele vai olhar para você porque vai te reconhecer, mas ele jamais vai se manifestar, a não ser que você der abertura para ele...eu já não faço isso, porque pode ser que ele esteja sozinho ali na banquinha, mas pode ser que a mulher dele esteja ali do lado...você não sabe, então eu não vou chegar e dizer “fulano, você tá bem? tá “da onde é que você conhece?” aí você finge que não conhece...isso acontece muito com o pessoal mais maduro, o pessoal mais novo faz é questão de apontar “olha, sai, comi, trabalha assim, assim, assado”... aí é complicado.

Outra característica das acompanhantes de luxo que Mara nos explicou, afora a discrição com seus clientes, foi o pouco atrito que acontece entre as meninas. Geralmente são solícitas uma com a outra, ajudam, dão dicas, conselhos – bem diferente

do que ocorre nos cabarés mais simples, com meninas de um nível econômico mais baixo, que muitas vezes brigam para ver quem vai ficar com o cliente.

porque assim, nessa de prostituição de luxo, não tem a rivalidade que tem nesses cabarés meia boca por ai, que só falta se matar para sair com um cliente... a gente é muito parceira uma da outra, da dica, da contato, ideia de viagem que seja bom viajar, da número de taxi e tudo... porque você sabe, não precisa ter medo das meninas, elas são super gente boa e tudo, a maioria delas são universitárias...querendo ou não, sendo universitária já muda o nível da pessoa, da conversa e tudo...

Percebemos, no decorrer da fala de Mara, que sua personagem *acompanhante de luxo* vai ganhando mais consistência à medida em que vai vivenciando as experiências que esse trabalho proporciona. A personagem *filha do papai e mulher casada* que o pai quis que ela representasse casando com um homem que ela não amava porque estava grávida torna-se progressivamente uma personagem distante, com a qual ela não mais se identifica. A personagem *mulher casada* é também cada vez mais deixada para trás à medida em que vai se aproximando de seu novo “mundo”, de sua nova vida. Ela vai se apropriando das malícias que uma acompanhante de luxo precisa ter para desempenhar com êxito seu papel, e nesse momento de sua história essas apropriações já são bem nítidas, de modo que a personagem *acompanhante de luxo* vai ganhando cada vez mais força e significação em sua vida.

A percepção das diversas personagens que Mara representa ou representou nos leva a retomar aos escritos de Ciampa (1987) quando o mesmo explicará que “(...) uma identidade nos aparece como a articulação de várias personagens, articulação de igualdades e diferenças, constituindo, e constituída por, uma história pessoal”(p.157).

Ela classifica os clientes entre os que precisa fazer muito esforço durante os programas, e aqueles que é “esforço zero”. Os clientes que precisa fazer muito esforço são aqueles exigentes, que querem “conduzir” o ato sexual, que gostam de mandar ela agir de determinada forma, que querem ficar até o último instante do programa e que, durante o ato sexual, adiam o momento do gozo para poderem continuar mantendo relações. O problema é que muitas vezes, ao agirem dessa maneira, eles pensam apenas em seu próprio prazer e esquecem de também agradar suas parceiras. Os clientes que são “esforço zero” são aqueles educados, que conversam com a menina, que deixam-nas a vontade, que não pressionam, que não exigem muito delas, que conduzem o programa de uma forma mais espontânea e que não adiam o momento do prazer.

O cliente bonzinho, que vira até seu amigo, é aquele cliente que chega “e aí? Tudo bom?” conversa um pouquinho, não muito, mas assim, você tá de frente para uma pessoa... “e aí, o que é que você faz, e tal”, pelo menos ter uma interação, antes de você tirar a roupa e, enfim. Esse é o cliente bom, e que te trata bem, que não tá ali só para ser agradado, que quer agradar também. Uma bilateralidade, porque se eu ficar lá que nem um robô não vai ser bom para ele. Então tem cliente que faz questão de deixar a menina a vontade porque aí fica o espelho né. Fica um sexo por esporte, que nem você faz com seus ficantes por aí, você não tá fazendo por obrigação nem tá fazendo porque tá apaixonada por ele, você tá fazendo porque tá curtindo. E o cliente chato é aquele que chega e diz “aí, faça assim, faça assado, não vire assim, vire assado” Porque quando você tá transando com uma pessoa você não fala “faça assim, faça assado”, você meio que guia a pessoa sem precisar tá dando ordem né... esse é o cliente bom, que ele sabe que o que tá ali é uma relação de produto, venda e compra praticamente, mas não precisa ser tão explícito.

Ao representar a personagem *acompanhante de luxo*, Mara parece se preocupar em não mecanizar seus atendimentos, para poder sentir prazer e também proporcioná-lo a seus clientes. Ela chega a comparar o sexo com um cliente com o sexo que faria eventualmente com alguém que conhecesse e saísse. Com essa fala, percebemos a ligação que faz entre prazer e trabalho – não é diversão, é trabalho; mas também não é só trabalho, é também diversão. Mara quer nos passar a mensagem de que, em sua concepção, a comercialização do sexo não precisa ser algo frio, mecânico, isento de divertimento e prazer – mas, ao contrário, é uma via de mão dupla: ela proporciona prazer e também quer que a proporcionem.

O início da vida como acompanhante de luxo rendeu muito dinheiro, muitos passeios, muitas viagens, muitos presentes, e sobretudo muitos gastos com roupas caras, sapatos caros, restaurantes caros, festas caras. E esse dinheiro na época foi gasto sem arrependimento, pois ela sabia que no dia seguinte iria trabalhar e recuperar o valor gasto. O consumo exacerbado era encarado como atitude de “gente rica”.

Porque deslumbra né, você acabou de ganhar dinheiro aqui e sabe que amanhã vai ganhar mais. Você vai direto no shopping, você dá uma de rica, baixa o espírito de rica na sua cabeça, principalmente quando você não teve tanto acesso assim, veio de uma família mais simples...baixa a rica em você e todo dia você tá no shopping cheia de sacola, e comendo do bom e do melhor, e indo para o Mucuripe, pedindo champagne para beber, porque eu sabia que no dia seguinte eu ia trabalhar e ia ganhar dinheiro de novo. Hoje em dia eu me arrependo disso que eu fiz, porque se eu não tivesse gastado tanto, eu tinha comprado muita coisa...mas enfim, você se deslumbra no começo do processo...

Mara se deslumbrou e quis usufruir o máximo que pôde de sua nova condição financeira. Os locais que ela frequentava mudaram, assim como suas companhias para

esses lugares. A Mara acompanhante de luxo constrói dia-a-dia seu novo mundo, sua nova personagem, sua nova vida.

Conta que o uso do preservativo é peça fundamental para a efetivação dos programas, de modo que afirma categoricamente que jamais faria sexo sem preservativo com nenhum cliente, pagasse o preço que fosse. Para ela, sua saúde vem em primeiro lugar, e como tem ciência da rotatividade de homens que passam pela sua vida (e, mais ainda, do fato de que não os conhece), o uso de camisinha torna-se indispensável. Em relação ao sexo oral ela decide se usa ou não o preservativo quando conhece o cliente, diz que se ele é cheiroso, asseado, bem cuidado, ela abre mão da camisinha. Mas, se percebe que o cliente não é muito limpo nem muito cheiroso, exige que use o preservativo.

Se o cara é cheirosinho e bonitinho, se você ver que o cara é cheirosinho, bonitinho e limpinho, você faz o sexo oral sem camisinha. Se você ver que o cara é chato, bronco e tudo, aí você já coloca a camisinha. Por mais que ele reclame, você diz: “meu amor, sexo oral é só com camisinha”. Porque depende muito da assepsia da pessoa...você nota quem é mais limpinho, quem é mais sujinho... e quanto ao sexo em si não tem nem a possibilidade de sexo sem camisinha...por mais que eu ache que ainda tem gente que faz isso...

No que diz respeito ao sexo anal, ela conta que não faz com cliente nenhum, por dinheiro nenhum. Para ela o esforço não vale, pois afirma sentir muita dor durante o ato. Conta que já fez uma vez com um namorado para agradá-lo, mas não faria de novo. Ainda sobre os cuidados de si, outro item indispensável em sua bolsa é o lubrificante, pois fala que:

Hoje em dia é sempre um preservativo e um lubrificante... você não tá ali querendo, você não vai ficar lubrificada, então te machuca, e corre o risco da camisinha rasgar...aí as vezes eles questionam “para que esse lubrificante?” “não meu amor é por causa do ar condicionado que resseca a camisinha...” para eles não se sentirem tão enjeitados por você não estar com tesão neles...

No seu trabalho como acompanhante de luxo, não é sempre que Mara se diverte e sente prazer, muitas vezes seu trabalho tende a se tornar mecânico, obrigatório. O prazer não ocorre sempre, nem a satisfação sexual. Nesse momento parece prevalecer a satisfação financeira.

Eu não viro robô porque modéstia a parte eu sei trabalhar, você tá nesse ramo você tem que aguentar uns sapos para poder manter cliente, você tem

que fidelizar cliente...quanto mais você fidelizar, melhor. Então por mais que o cara seja chato e tudo você tá trancando os dentes por dentro mas você “anrram, tudo bem...” para poder fidelizar cliente...

Mara comenta sobre a grande quantidade de meninas que são universitárias e estão trabalhando como acompanhantes de luxo, e de como esse fato supervaloriza os programas, a casa que frequentam, e até mesmo como isso influencia para um bom relacionamento entre elas. A partir disso, ela nos contou sobre a boa recepção que teve das meninas que já trabalhavam na casa quando chegou para trabalhar.

Ela prossegue nos falando sobre os níveis de casas de prostituição que existem em Fortaleza e sobre os clientes que as frequentam. Mara trabalha numa casa considerada por ela a mais “top” da cidade, frequentada por políticos, empresários, advogados, juízes, dentre outros; e as meninas estão sempre bem vestidas, são bonitas, educadas, e na sua maioria universitárias. O fato das meninas possuírem tais características, de acordo com o que Mara nos falou, já valoriza a casa e os programas. Tem casas de vários tipos em Fortaleza, onde as meninas cobram preços variados.

Tem de todo nível, tem casa de 100, de 150, de 300, de 350...ai volta ao nível social de quem tá procurando né...

A casa que trabalha exige que as meninas cobrem o mínimo 350 reais pelos programas, para manter o “nível” do estabelecimento, como já mencionado anteriormente. Quando chegam clientes querendo oferecer menos que esse valor as meninas dispensam e tomam a proposta como uma ofensa, como um desmerecimento delas e de seu trabalho.

porque eles dão uma média de preço né, hoje em dia tá entre 350 e 400 reais, para manter o nível, porque se baixar demais aí não adianta...se quiser baixar aí você vai para outra casa, se você quiser tem casa aí que cobra 150 reais...que é o que a gente fala para o cliente, porque tem cliente que chega e diz “não eu só tenho 200”...ai chega uma hora que você fica abusada desse povo, ai você diz “meu amor, se você só tem 200 então você não vem para cá..” eu falo na maior hipocrisia do mundo...”você vai para a casa tal, que é no endereço tal, as meninas trabalham assim, assim e assado, se você quiser eu até faço um mapinha para você ir para lá, para você não chegar aqui querendo oferecer 200 reais, porque você oferecendo 200 reais você estar ofendendo a gente...”

Um cliente oferecer menos que 350 reais é, para Mara, uma ofensa, um não reconhecimento de seu trabalho, uma negação de suas qualidades enquanto profissional do sexo, um desmerecimento de seus atributos físicos e também de sua inteligência.

Uma mulher de uma classe social elevada, que cuida do corpo, que estuda, que é universitária, que realiza seu trabalho satisfatoriamente, não pode cobrar barato pelo o que proporciona aos seus clientes – é assim que Mara parece considerar a situação.

3.1.3 A saída da casa da mãe e a resignificação da afetividade

Após algum tempo morando com a mãe, Mara aluga uma casa e passa a morar sozinha. Com o dinheiro que ganha fazendo os programas, paga todas as suas despesas domésticas e vai mobiliando a casa que alugou. Comprou tudo o que precisava: guarda-roupa, cama, geladeira, micro-ondas, enfim, todos os itens para viver confortavelmente. Contudo, ainda gastava muito dinheiro com produtos e serviços mais supérfluos, como sapatos caros, roupas caras, restaurantes caros, etc. Conta que é comum entre as meninas que fazem programa terem uma certa “compulsão” em fazer compras, em gastar muito dinheiro, principalmente no início da vida como acompanhantes de luxo. No caso de Mara, muitas vezes não se preocupava em como iria pagar a conta no final do mês, pois sabia que iria trabalhar e recuperar aquele dinheiro. De certa maneira essa parece ser uma prática recorrente.

eu comecei a cair em mim que não adiantava eu comprar uma blusa de 300 reais se eu não tinha conforto em casa... porque acontece muito isso com as garotas de programa, moram no kitnetzinho que não tem nada, mas andam tudo impecável, com relógio da michelcross original, com mecha no cabelo de 500 reais, com salão toda semana, enfim, gastando toda a grana que ganha com essas coisas supérfluas que não vão trazer conforto de nada, não guarda dinheiro...eu brinco muito com uma menina lá, que ela trabalhou hoje né, trabalhou de dia, ai ela vai e janta no sal e brasa, gasta o dinheiro todinho. Ai amanhã ela não trabalhou, ai janta um miojo em casa, porque não guarda nenhum centavo, não pensa no dia de amanhã, gasta tudo. Como eu vim de uma família simples, depois de um tempo ficou demais, eu não tinha mais onde botar sapato nem nada, ai pensei” não, eu tenho que pensar na minha casa”, ai fui mobiliando a casa, fui comprando umas coisas bacanas, guarda roupa...

Foi quando Mara começou a se aproximar de uma moça que foi se tornando sua grande amiga. Passaram a ficar muito tempo juntas, faziam tudo juntas, de modo que essa amiga estava sempre na casa de Mara, passando a conviver inclusive com seus familiares. Ela até então não sabia da existência da personagem *Mara acompanhante de luxo*, de modo que, para justificar tantas saídas, tantas festas e tantos homens na sua vida, Mara dizia que eram amigos que davam presentes e que a levavam para sair. E assim ia mascarando sua personagem de *acompanhante de luxo* para a amiga. Até que

um dia as duas saíram para uma festa, e em meio a bebedeira acabaram se beijando. Depois desse beijo, o carinho entre as duas só aumentou e elas começaram a namorar.

uma vez eu bebi, a gente foi para uma boate e tal, e eu comecei a dançar, e eu não gosto de mulher, nunca gostei, mas acabei dando um beijo nela, até hoje ela nega né, mas eu não sei se ela já gostava de mim antes, se ela já tinha um interesse que não fosse só amizade. Eu sei que acabou, a gente se beijou... era um carinho grande, a gente ia assistir filme, eu deitava a cabeça no colo dela, e começou a aumentar, aumentar, até que a gente começou a namorar. Como eu não gosto de mulher, tem aquela coisa, eu fico na parte passiva. Ela fica na parte ativa e eu fico na parte passiva. Então eu acho que não é um, como o povo fala, não é um homossexual, é um homoafetivo. Porque assim, eu não tenho desejo em mulher, eu gosto dela, gosto de fazer carinho nela [amiga].

Mara conta que não gosta de se relacionar com mulher, nunca gostou e continua não gostando, mas com essa amiga é diferente. Ela não gosta de mulher em geral, ela gosta dessa menina, de ficar com ela, fazer carinho nela. Ela não se considera homossexual, mas sim uma pessoa que mantém uma (única) relação homoafetiva, visto que seu desejo é direcionado para uma única pessoa.

Nesse momento, vemos nascer uma nova personagem na vida da Mara, ela começa a representar a personagem *mulher que namora outra mulher*. Contudo, mais uma vez, a existência dessa personagem vai ser mantida em sigilo, ninguém pode saber que ela agora namora outra menina. Mara passa a esconder da família esse relacionamento e apresenta sua namorada a todos como uma amiga. Com o avançar do namoro, ela contou o que realmente fazia para ganhar dinheiro. Sua nova namorada entendeu, não a julgou e aceitou. E essa atitude fez com que os laços de afeto se fortalecessem, pois, de acordo com Mara, ela aceita o que um homem dificilmente aceitaria, que é sua companheira ser garota de programa.

O que sua namorada não gosta é quando ela faz programa com casal, pois fica com ciúmes da menina, acha que Mara pode gostar de ficar com ela. Então, não conta para a namorada que sai com casais, para a moça não sentir raiva, muito embora continue fazendo esse tipo de programa para não perder dinheiro.

Percebemos o difícil jogo que Mara faz em sua vida para que as personagens que representa não se choquem, não entrem em conflito. Ela tem que esconder as personagens *acompanhante de luxo* e *mulher que namora com outra mulher* para sua família e seus amigos; ao passo em que tem que esconder da namorada que faz programa também com outras mulheres. É um jogo de esconde-esconde diário, cansativo, mas no qual Mara até agora aparenta estar se saindo bem. Entretanto, essa

namorada parece ser a pessoa que melhor a conhece e que mais está ciente das personagens que ela representa em sua vida.

ela sabe de tudo, me conhece mesmo. Quando eu chego em casa eu digo tudo o que aconteceu, eu não vou ligar de madrugada para contar porque eu vou acordar ela, mas quando eu chego em casa eu conto tudo como é que foi, só não conto quando eu saio com casal, aí eu minto, porque ela ficaria chateada...mas se aparecer só casal para você sair, não tem como eu recusar...

Esse novo relacionamento proporcionou um carinho e um companheirismo que ela não teve antes. Mara gosta de chegar em casa e ter uma pessoa amiga para conversar, para desabafar, para contar sobre o seu dia. E a partir dessa relação vai aprendendo também a ter mais controle sobre seus gastos, organizar melhor suas despesas e cortar produtos supérfluos, como compra excessiva de roupas, sapatos, etc. Começou a controlar a fatura do seu cartão, que sempre vinha muito alta de modo a não sobrar dinheiro para investir em outras coisas.

Ela [a namorada] me fez pensar: “mulher, pensa no teu futuro, vai viver a vida toda gastando todo o dinheiro que tu ganha?” porque na época eu ganhava 4 ou 5 mil reais por mês, mas só de cartão de crédito era 2.500 reais todo mês, entendeu? Ai ela “mulher tu vai passar a vida toda morando em casa alugada?”, “mas meu cartão de crédito não baixa”, “não baixa porque você compra demais!” porque a gente que vive nessa vida, tem essa possibilidade, de se quiser ir no Iguatemi, olhar e querer tal coisa entrar e comprar, não interessa o preço que ela seja, eu sei que amanhã, depois e depois eu vou ter dinheiro para pagar. “Ai esse sapato de 400 reais tá tão lindo, passa o cartão e compra”. Depois a gente se vira para pagar né... e ela dizia “mulher pensa na tua vida, no teu futuro...”

Influenciada pela namorada, Mara passou a ter um maior controle sobre seu dinheiro e sobre seus gastos, até que um dia surgiu a oportunidade de comprar uma casa. Com o apoio da companheira, resolveu seguir a frente com essa ideia. Foi então que saiu conversando com seus clientes em busca de algum que pudesse emprestar o dinheiro que precisava para efetuar a compra, pois não tinha nenhum dinheiro guardado. Em conversa com um de seus clientes, que era bastante rico, explicou a situação. Disse que precisava de 40.000 mil reais emprestados para comprar essa casa, e que poderia ir pagando as prestações do empréstimo. O cliente então, que já era amigo de Mara, topou emprestar o dinheiro e ela efetuou a compra. Ficou pagando mensalmente 1.500 reais do empréstimo. Como tinha esse compromisso a cumprir, passou a ter mais

responsabilidade com seus outros gastos até conseguir se organizar de tal forma a sobrar dinheiro para comprar um meio de transporte.

Ai comprei meu transporte, foi a melhor coisa que eu fiz em toda a minha vida...porque ai eu ia para a casa, voltava, abastecia uma vez por semana, e já entrava mais dinheiro porque não tinha mais que gastar tanto com o taxi... também é bom porque quando tem um babado fora, no porto das dunas por exemplo, eu saio pegando as meninas e quando chega lá o cara me dá o dinheiro da gasolina, porque é mais em conta para ele do que pagar o taxi de todo mundo. E também é bom porque a hora que eu quero ir embora eu vou...ai pronto, paguei a casa, meu transporte, reformei minha casa...

Durante o período que estava pagando as prestações da casa, Mara passou um tempo viajando para outros estados para fazer programas. Quando viaja para fora, vira novidade na cidade, e assim o volume de clientes é bem grande, o que é muito vantajoso. Viajou para Belém, São Luís, Natal, Recife, Teresina, passando cerca de 15 dias em cada lugar. Ao final dessas duas semanas conseguia uma quantia em torno de 5.000 reais, o que ela considera muito bom. Com essa correria de viagens e programas, Mara acabou trancando a faculdade no último semestre, faltando apenas a monografia para terminar o curso de Direito. Apesar de já estar há dois anos com a faculdade trancada, sua família ainda insiste bastante bastante para que ela retome, principalmente sua mãe.

todo mundo fala, eu não aguento mais, de como foi que eu tranquei a faculdade faltando só a monografia para terminar, e eu não posso explicar que eu tranquei para trabalhar...e eu também não posso explicar que eu não vou poder voltar minha faculdade porque é a noite, e a noite eu preciso trabalhar... de qualquer forma eu teria que ficar na faculdade até 10:30 da noite, e na casa tem muito cliente que chega cedo, que já estica direto do trabalho... ai eu sempre digo que vou voltar, vou voltar... minha mãe é quem mais me perturba. Por mais que ela seja super gente boa, super tranquila, ela sempre me perturba, perguntando se eu não vou voltar... “mulher como é que tu entra na faculdade, consegue uma bolsa e tudo, e não termina essa faculdade...”, ai eu digo “não, não é assim não, ainda tem que fazer a monografia, o exame da OAB, né assim não...” próximo semestre eu não garanto, mas em janeiro de 2014 eu tenho que me decidir a me formar, porque não tem como...

Depois de passar algum tempo viajando, acabou ganhando peso, engordando de 18kg em três anos. Sair de seu ritmo diário, de sua casa e de seus hábitos alimentares fez com que engordasse – o que acabou interferindo negativamente no seu trabalho. Na casa ela não era mais uma das primeiras a sair com os clientes, passou a ser quase uma das últimas. Quando percebeu isso de forma mais nítida, começou uma dieta. Conseguiu

perder 7 kg dos 18 kg que ganhou, e na época da entrevista estava com uma cirurgia de lipoaspiração marcada para acontecer em dois meses.

eu estava começando a perder os trabalhos, porque eu estava começando a ficar gordinha...e eu fui reparando que eu não era mais do time das estrelas, porque tem né, toda casa tem as estrelas da casa que são as mais bonitas...tem as medianas, e tem aquelas que só saem depois que todas já saíram, e eu estava vendo que não era mais umas das primeiras a sair... a última eu não era ainda não porque tinha gente pior do que eu, mas... ai eu vi que não estava dando certo, não estava sendo bom para os negócios...

...vou fazer a lipo agora em março, que é para quando eu estiver toda enchutinha de novo, voltar para o time das estrelas, trabalhar, trabalhar, para trocar o carro à vista, construir em cima da minha casa, que ela é só térreo. Quero construir em cima porque quero fazer meu closet gigante, quero colocar tudo o que eu quiser dentro, ai tem que tá bonitinha, magrinha...

A personagem *Mara mulher de negócios* ganha força quando ela percebe que seu peso está interferindo na qualidade de seu trabalho, o que a faz perder clientes e, conseqüentemente, dinheiro. A prostituição, a venda de seu corpo e dos seus serviços sexuais é o seu negócio, é sua fonte de renda, é o que a possibilita ter uma vida financeira confortável e um bom padrão de vida, com casa própria, transporte próprio, etc. Então, Mara tem que dar uma guinada e melhorar seu corpo, ficar mais magra, para que possa recuperar a clientela e voltar a ganhar dinheiro.

Sua família não sabe que ela é acompanhante de luxo; então, para justificar a compra da casa, do transporte, dos móveis, e de todo o resto de suas despesas, ela diz que tem um relacionamento com um homem mais velho que a sustenta. Esse homem serve também para justificar suas constantes saídas de casa, suas viagens, suas festas, etc.

você cria quase uma verdade, eu tenho uma história toda na minha cabeça que é quase uma verdade...o coroa tem nome, tem família, tem cidade onde mora, tem emprego, tem tudo... eu já contei tanto essa história que ele realmente existe.

Nesse momento, podemos identificar mais uma personagem que Mara representa: a de *mulher sustentada por um homem mais velho*. Essa personagem ela representa em sua vida pessoal para tentar encobrir a personagem que representa em sua vida profissional. Interessante notar que Mara sempre quis ser uma mulher independente, que não precisava de marido, que podia resolver suas coisas sozinha. E ela sempre viveu assim, independente, ganhando seu dinheiro sem depender de pai ou

marido para ter suas coisas. Contudo, para a família, representa uma personagem contrária a essa, já que diz para todos que é sustentada por um amante. Mara representa diversas personagens diferentes, todos os dias, em vários momentos de sua vida; personagens estas que têm que ser mantidas cada uma em seu devido lugar, para não correr o risco desses “dois mundos” em que vive se chocarem.

são quase como duas pessoas diferentes. Tem cliente que chega na casa e pergunta meu nome, e eu digo “é Mara”, “não, mas o seu nome verdadeiro”, e eu respondo “não, aqui é Mara, você tá conhecendo a Mara”. E eles perguntam quando vão conhecer a outra pessoa, e eu digo que provavelmente nunca, porque eu sei separar as coisas. Tem uns que querem me deixar em casa, mesmo quando eu andava de taxi eu dizia que não, mandava eles me darem o dinheiro do taxi que eu ia de taxi, que é para de jeito nenhum encontrar esses dois mundos, entendeu? Eu tenho que manter esse personagem dentro de uma redoma que é para não deixar ele entrar na minha vida pessoal... são duas vidas...tem a vida profissional e a vida pessoal.

3.1.4 Os planos para o futuro...

Mara, em alguns momentos de sua narrativa, fala sobre a possibilidade de se aposentar, e em outros momentos diz que não pensa em fazê-lo. No início, diz que está prestes a sair da vida da prostituição e, em seguida, com o avançar da fala e da sua história, diz o contrário.

Estou prestes a me aposentar, todo ano eu digo que vou sair, vou sair, mas as necessidades financeiras não permitem, que não são necessidades, são luxos financeiros na verdade

sair da vida de babado, eu tenho plena certeza que antes da copa não rola...por isso eu estou aperfeiçoando meu inglês, tentando ficar magrinha, bonitinha, para quando chegar a copa eu trabalhar bastante, juntar um dinheiro para quem sabe aposentar né...

as vezes as meninas dizem “eu quero sair, eu quero sair...” e eu não, eu sempre digo que vou ficar até quando der... porque não tem emprego no mundo que me pague 4 ou 5 mil reais por mês para trabalhar sem esforço...porque por mais que eu não saia, você viu lá, você fica sentada, conversando, bebe um whisky, aí chega o cara, conversa, e não sei o que... é sem esforço, a gente ganha dinheiro no mole. Para que vida melhor do que essa? Eu não estou passando o dia inteiro trancada, eu não tenho meta para bater...se eu trabalhar hoje bem, e não trabalhar amanhã, mas no outro dia eu trabalho... tem os clientes fixos que te ligam de vez em quando para sair... e por mais que seja um mês ruim, um mês ruim, você tira pelo menos 2000 reais por mês. Você cobra 300 reais por saída, você sai 2 vezes por semana, já dá um dinheiro bom.

É interessante perceber essas pequenas contradições da fala de Mara. Em um momento ela diz que vai trabalhar e depois da copa do mundo vai parar, em outro diz que vai ficar até quando puder. Talvez essas incertezas venham do fato de ela não ter construído um plano concreto para seu futuro (quando tiver que sair da vida da prostituição), ou até mesmo pode ter colocado as coisas dessa forma por achar que era isso que nós entrevistadores estávamos querendo ouvir. Na verdade, o motivo não tem tanta importância. A importância dessa fala consiste justamente no fato dela nos mostrar esse aspecto conflitivo de sua personagem que, por mais que tente manter distante das outras personagens representadas na sua vida pessoal, familiar, ainda assim faz parte da constituição da sua identidade, do que Mara está sendo nesse momento.

Seu futuro ainda é incerto, mas ela tem vontade de retomar a faculdade para se formar. Contudo, não pretende exercer a advocacia, quer apenas o diploma para poder dizer que se formou. Acredita que quando não puder mais continuar na vida de prostituição (porque uma hora vai ficar mais velha e tem ciência de que não poderá continuar no ramo), vai tentar arrumar emprego em escritório de advocacia, que algum de seus clientes vai conseguir para ela.

A gente tem muitos amigos influentes, então eu penso que quando eu aposentar eu posso arrumar um emprego num escritório...eu não sei se vou conseguir ser advogada, porque como eu te disse eu não gosto de estudar, e para fazer OAB você tem que estudar, porque tá muito difícil... nem que seja para tirar o exame da OAB pra ser advogada só para tá lá dentro do escritório, ou para ficar rodando aí nas audiências... eu tenho amigos que me conseguem um emprego desse assim, então eu não me preocupo tanto, porque você nesse meio você conhece pessoas muito influentes que conseguem, tem como te encaixar...

Porque vai chegar uma hora que vai cair tudo, chega uma hora que você fica muito batida. Tem uma menina lá na casa que não tá indo mais inclusive...desde quando eu conheço ela, há quatro anos atrás, que ela tem 26 anos... a sobrancelha dela já é aqui...os olhos dela já são assim, a boca dela tá assim... ela é toda lipada, cheia de botox..assim, ela é muito bonita, mas você ver que é tudo artificial... ela já tem 38 anos, então eu quero parar antes disso...

Percebemos as mudanças que ocorreram na vida de Mara depois que ela entrou na prostituição e passou a representar a personagem *acompanhante de luxo*. Um dos aspectos de sua vida que sofreu mudanças foi sua relação com o corpo, com o sexo. A *mulher casada* que só fazia sexo com o marido se metamorfoseia para a mulher que faz sexo com vários homens e que não tem pudores com o corpo. Não há problemas em ficar nua na frente de outras pessoas, de modo que até mesmo em casa, ao receber visita

de algum parente, ela permanece muitas vezes apenas de lingerie e com o corpo envolto por uma coberta.

você se desprende de todos os tabus que tem com o sexo, porque vira uma coisa tão normal, você fica nua na frente da outra, conversa, olha uma coisa no corpo da outra, normal...eu nunca tive problema com isso...eu fico só de calcinha lá em casa, pode chegar tia, prima, eu continuo só de calcinha, coloco só um lençol em cima e pronto...minha mãe é que fica mandando eu ir vestir uma roupa, e eu digo que elas tem a mesma coisa que eu tenho...já vira tudo tão tranquilo...

Outro aspecto que sofreu mudanças diz respeito ao modo de se relacionar com os homens. Perdeu a confiança neles e acredita que todos os homens são infiéis, cabendo à mulher que quer manter o casamento “fechar os olhos” e aceitar.

eu não confio mais em homem nenhum, todo homem trai, e a mulher que é inteligente ela tem que fechar os olhos, porque eu acho que é uma necessidade masculina, ele pode não ser apaixonado pela aquela menina, mas ele quer comer ela, e depois esquecer que comeu, então o bom é a mulher fechar os olhos e fingir que não tá vendo nada até dar essa folguinha nele de vez em quando que é para ele não procurar uma namoradinha. É melhor ele procurar uma profissional que ele comeu ali e não vai mais ter contato, do que ele começar a ter romance com aquela menina, começar a encontrar aquela menina, x vezes por semana, e uma hora aquela menina vai querer ser a titular, e aí vai começar a dar dor de cabeça...

Percebemos a descrença que demonstra em relação aos homens e aos relacionamentos monogâmicos entre casais heterossexuais. Não acredita mais na fidelidade, na sinceridade masculina e na possibilidade de um relacionamento saudável com eles. Para ela, os homens sempre a veem como um “pedaço de carne”, como alguém que está ali para proporcionar prazer a eles e nada mais. E Mara precisa de mais do que isso, precisa de algo mais que não prazer carnal, e encontra esse “algo mais” na companhia da namorada. Dessa forma, planeja seu futuro afetivo com ela, já que é assim que obtém companheirismo, carinho, afeto e o suporte emocional que precisa para viver o que considera uma boa vida.

Como fruto da consistência desse relacionamento planeja ter outro filho, mas um filho que ela possa criar, cuidar, dar amor de mãe. Com isso notamos seu desejo em representar a personagem que ela nunca representou, o de mãe. E tudo isso pretende passar ao lado da namorada.

eu quero ter outro filho...porque como eu não cuidei do meu filho, quem cuidou do meu filho foi minha mãe, eu fui mais uma irmã, eu quero ter um

filho, ser mãe mesmo, limpar cocô, dar banho, coisa que eu não fazia... eu era muito porra louca, muito novinha, então quanto mais minha mãe ficasse com ele melhor para mim né...

Ela não sabe ao certo como fará para ter esse filho, não pretende realizar inseminação artificial porque é caro, mas tem a ideia de transar sem camisinha com um cara que tenha dinheiro para garantir o filho e a pensão, ou arrumar um namorado, transar com ele, e quando engravidar terminar o relacionamento. Ela não pretende arrumar um filho para conseguir um marido, mas sim ter um filho para curtir a maternidade. Segundo palavras da própria Mara: “*a ideia é ter um filho quase por produção independente*”.

A relação com seu ex-marido não é muito boa, de modo que ele não deixa que ela vá visitar o filho que tiveram juntos. De tanto proibir Mara de ver a criança, ela teve que entrar na justiça com pedido de regularização de visita para que pudesse ter contato com o filho, visto que nem os telefonemas dela eram passados para o menino (hoje seu filho mora com o pai). Mara acredita que ele ainda gosta dela e por isso a trata dessa maneira. Sabe que ela sai para se divertir, que comprou a casa, que anda de carro importado e fica enciumado afirmando que não a deixa ficar com o filho porque ela vai deixá-lo em casa para sair com outros homens.

Acreditamos que esse mal relacionamento com o marido serve para fortalecer sua reserva em relação aos homens e sua certeza de que a namorada é sua melhor escolha. Desse modo, ter um filho hoje para criá-lo junto a um homem é encarado como uma possibilidade quase inviável, visto as interferências que ele poderia exercer na criação da criança.

então se no meu próximo filho eu puder evitar essa coisa de pai tá se metendo na minha criação é melhor...porque hoje em dia você cria muito bem um filho...

A narrativa da história de vida de Mara nos proporciona visualizar as várias personagens que representa em seu cotidiano, personagens estas que vão se alternando, se sobrepondo e se metamorfoseando. Percebemos os movimentos que acontecem no processo de construção de si mesma e nos personagens que vão emergindo – é a identidade sendo (re)construída.

Em vários momentos ela distingue suas personagens como se habitassem vários mundos diferentes. Mas na verdade, quando analisamos sua história, percebemos que não existem mundos distintos que funcionariam independente um do outro. O que existe

são personagens sendo representados em espaços distintos da sua vida, mas todos eles vivem em um mundo só: o mundo da Mara. Ela tenta ao máximo manter essas personagens que representa distanciadas uma da outra, mas há uma coisa que as une, o fato de ser representado pelo mesmo sujeito: Mara. É isso que se encontra no meio desses “vários mundos” e que os amarra: ser representado por ela. Entretanto, tudo isto acontece no mesmo mundo, com a mesma pessoa.

E o que nos cabia para contar sobre sua história vai se encerrando por aqui - o que vem depois só o tempo (e uma nova pesquisa) dirá...

3.2 A história de Letícia: a articulação da personagem acompanhante de luxo com outras personagens de sua identidade e sua luta por reconhecimento

A segunda história de vida que trago é a história da Letícia, uma mulher que tem como profissão ser acompanhante de luxo. Nascida e criada na cidade do Rio de Janeiro, Letícia pertence a uma família classe média carioca. Seus pais são separados e seu pai casou-se novamente, constituindo uma nova família. Letícia tem duas irmãs, fruto do casamento de seus pais, e um irmão nascido do segundo casamento de seu pai. Assim como as irmãs, sempre estudou em escola particular, visto que seus pais sempre prezaram pela educação das filhas e nunca deixaram que nada faltasse a elas. Seu pai é proprietário de uma loja e sua mãe, que é formada em Economia, sempre trabalhou fora, não se dedicando muito ao marido e às filhas.

Meu nome é Maria Letícia Vinoli Dias, sou descendente de índio, e italiano. Eu sou nascida no rio, não quero falar minha idade.

Minha família sempre deu estudo, eu tenho mais duas irmãs, meus pais separaram e agora tenho um irmão por parte de pai, que agora tá com 15 anos. E eu e mais minhas duas irmãs, eu sou a mais velha, deu estudo igual para todas, colégio particular. Minha mãe sempre quis isso, apesar da minha mãe não ser uma boa mãe, sempre quis que a gente estudasse em colégio particular.

Letícia sempre foi muito caseira, já que seus pais quase nunca costumavam deixar que ela saísse de casa, no máximo podia ir na casa de algum amigo, contanto que voltasse até dez horas da noite para casa. Enquanto adolescente nunca teve a oportunidade de “conhecer o mundo”, passear, viajar, descobrir novas pessoas – ela ficava sempre restrita aos mesmos lugares e as mesmas pessoas.

Eu era muito boba, eu com 17 anos minha mãe não deixava eu sair de casa, nem pro cinema. Eu só podia ir na esquina, e na frente lá de casa falar com um amigo e voltar 10hs da noite. Então eu era bem boba mesmo.

O relacionamento com sua mãe sempre foi muito conturbado, visto que ela não costumava cuidar nem das filhas, nem do marido. Quem sempre dedicou cuidados a Letícia e suas irmãs foi seu pai e uma irmã dele, tia de Letícia. Assim, conta que o amor materno que recebeu não foi de sua mãe, mas sim dessa tia, que sempre se esforçou para ajudar o irmão a cuidar das sobrinhas. Em contrapartida, o relacionamento com o pai sempre foi muito bom, de modo que sente muito carinho e respeito por ele.

E minha mãe na verdade nunca foi mãe, ela nunca ligou, nunca cuidou da gente, ela não liga... só olha para o umbigo dela, enfim... hoje deve ter uns quatro anos que eu não vejo nem falo com minha mãe. Desde quando eu sou criança... não é de agora...

As pessoas falam: nossa, como você fala assim da sua mãe? Na verdade a gente não pode sentir falta de uma coisa que a gente nunca teve. Meu pai e minha tia, irmã do meu pai, que cuidou da gente. Para você ter noção minha mãe largava a gente a semana toda em casa para ir jogar na casa dos amigos e era meu pai que ficava em casa. Meu pai tinha dois empregos... então não dá, ela é assim, é o jeito dela. Ela ficou doente e foi eu que fiquei cuidando dela... não tem problema nenhum, eu não tenho raiva dela, ela é assim.

Letícia terminou o Ensino Médio e, depois disso, resolveu parar de estudar. Nunca gostou de ir para a escola, ficar sentada em uma cadeira, quieta, ouvindo um professor falar e ensinar as coisas para ela – nunca teve muita paciência para isso. Dessa maneira, terminou os estudos no colégio e com 18 anos começou a trabalhar. Antes disso já gostava de ir para a loja do seu pai ajuda-lo, trabalhar com ele. Não gostava de estudar, mas gostava de aprender e de trabalhar. Começou a ler coisas em casa, fazia muitas pesquisas na internet, e assim foi aprendendo algumas coisas, como por exemplo a falar a língua inglesa. Nunca se interessou em cursar uma faculdade, mas seguia trabalhando e levando a vida.

Quando completou 18 anos, arrumou seu primeiro emprego com carteira assinada, trabalhava como auxiliar de escritório e sofria com os constantes assédios do patrão. Até então era tímida e não sabia como reagir diante das investidas do chefe, permanecendo no emprego por alguns meses.

Eu sempre gostei de eu pesquisar e aprender tudo sozinha. Fiz muito mal e porcamente terminei o segundo grau, o básico que eu queria, nunca tive vontade de fazer faculdade de nada, porque nada me interessava.

Com 18 anos comecei a trabalhar... eu sempre gostei de trabalhar. Meu pai ia trabalhar eu ia com ele, ele tinha loja, eu sempre gostei de ter meu dinheirinho e de trabalhar, de tá ocupada. E com 18 anos arrumei meu primeiro emprego de carteira assinada, eu era secretária de uma empresa e o patrão vivia me cantando, e eu não sabia o que fazer, era virgem, bobona, e ficava com medo, enfim.

Interessante perceber que até esse momento de sua vida, Letícia encarna o papel da moça de família tímida, recatada, que não podia nem sair de casa. Tinha que obedecer sua mãe e seu pai, de modo que a personagem *menina bobona* estrutura toda sua infância e adolescência. Contudo, essa personagem sofre uma metamorfose quando Letícia chega à idade adulta e conhece o homem com quem terá sua primeira experiência sexual.

Quando estava com vinte anos de idade conheceu um homem e começaram a namorar. Com vinte e um anos ela perdeu a virgindade e, quando completou vinte dois anos, engravidou. A família dela não aprovava o relacionamento, pois sabia que o rapaz não trabalhava e que provavelmente não iria ter condições de sustentar uma casa e constituir uma família. Letícia então briga com os pais por causa do namorado e se afasta tanto deles como das irmãs. Já grávida, os dois resolvem alugar uma quitinete e vão morar juntos. Foi nesta ocasião que os problemas começaram.

Ai conheci o pai da minha filha, um vagabundo...vagabundo que eu quero dizer assim, não trabalhava na época, eu era virgem, perdi minha virgindade com ele... acabei brigando com meu pai, com minha mãe por causa dele, porque eles falavam que ele não era homem para mim... larguei todo mundo, parei de falar com todo mundo, e fui morar com ele. Ele não trabalhava, eu trabalhava, ai ele arrumou um empreguinho, a gente alugou uma quitinete e começaram os problemas. Ele só sabia me bater. Ai eu vim descobrir muito tempo depois que eu me separei que ele usava droga, cheirava pó. E a primeira vez que ele me bateu eu estava grávida da minha filha de seis meses. Ele me deu um soco, nossa eu me lembro até hoje desse soco, deus me livre. Eu tava na sala, eu rodei, cai de barriga no chão na cozinha. Cortou a boca, foi horrível. E ele era daqueles homens, que eu acho que era doente, que vinha fazia e logo depois pedia desculpa e perdão. Eu tinha parado de falar com meu pai e com minha mãe, não tinha para onde ir, eu achava que eu gostava dele né, eu imaginava que com o homem que eu perdi a virgindade eu ia ficar casada a vida toda.

A vida de casada não foi boa, as brigas eram constantes, assim como as agressões físicas que sofria de seu companheiro. Contudo, acreditava que sua vida devia ser assim mesmo, já que havia perdido a virgindade com esse homem e tido uma filha

com ele. Letícia, que antes representava a personagem *menina bobona* que mal podia sair de casa para se divertir com os amigos, agora encarna a personagem *da mulher casada e mãe de família* que tem que a todo custo manter o casamento. Percebemos que a passagem da personagem *menina bobona* para *mulher casada* já configura, de certa maneira, uma tentativa de libertação frente a uma família que sempre a manteve sob rígido controle. Ela, que sempre obedeceu aos pais, foi capaz de brigar e romper relações com eles em prol de viver a vida que, naquele momento, queria viver. Contudo, o que seria seu ato de liberdade transformou-se em outra prisão – a prisão do casamento falido, marcado por constantes agressões e espancamentos.

A união durou alguns anos até que, já cansada da convivência com o pai de sua filha, resolveu sair de casa. Durante algum tempo ele ainda a procurava para tentar uma reconciliação, mas ela nunca quis e sempre tentava se manter afastada, até o dia em que ele encontrou uma outra companheira e desistiu dela.

Quando quis me separar eu dei um jeito... eu sumia, ele vinha atrás de mim... passou uns bons anos ele me perturbando...

Quando se separou, pôde enfim aproveitar melhor sua vida, conhecer pessoas e lugares que antes não teve a oportunidade de conhecer. A personagem *mulher casada* fica para trás, e ela então reconstrói novamente sua identidade e assume a personagem *mulher separada* e, assim como Mara, passa a aproveitar o que o mundo tem a lhe oferecer.

Ai eu fui viver a minha vida, fui conhecer as coisas que eu não conhecia nada, não sabia nem dançar...

Mas não sabia dançar, não sabia nada... fui conhecer as coisas...

Concomitante às novas experiências que estava vivendo, agora que enfim tinha se tornado uma mulher livre, Letícia começou a experienciar novos relacionamentos. Assim que separou, saiu com alguns homens, mas não teve um relacionamento sério com nenhum deles. Ela passou a ter algumas ressalvas em relação aos homens: tinha medo que fossem fazer com ela a mesma coisa que o ex-marido tinha feito. Assim, durante alguns anos, teve dificuldade em se relacionar – a imagem que tinha do sexo oposto estava comprometida.

Arrumei alguns namorados, mas tinha o pé atrás com os homens... eu achava que os homens iam fazer a mesma coisa que ele fez, então eu acabava me afastando, não ficava com ninguém. Até que depois eu fui vendo que eu não podia generalizar né... mas namoro firme, firme eu não arrumei...

Letícia estava sempre trabalhando, não gostava de ficar parada e nem podia, já que tinha que se manter e sustentar sua filha. Trabalhou em vários empregos, foi secretária, manicure, auxiliar de escritório, promotora de vendas, vendedora de shopping, frentista, telefonista, recepcionista; chegou até a trabalhar em subempregos, como descascadora de alho. Ela fazia qualquer coisa que aparecesse, o importante era não ficar sem trabalhar.

E o que apareceu foi limpar alho. O alho vem com várias peles, e eu tinha que tirar, deixar limpinho para ele ir para o mercado daquele jeito... e aquilo dava uma bolha no dedo...e eu ganhava dois reais para encher um caixote. Eu não conseguia, e dois dias ainda tava enchendo o caixote. Esse foi um sub emprego, e também trabalhei em lava jato, limpando carro. Eu só sei que desempregada eu não ficava. Se precisasse lavar chão na rua, fazer faxina eu fazia. Para mim eu não vejo vergonha nenhuma.

Letícia então começou a trabalhar em um posto de gasolina como frentista, serviço que gostava muito de fazer, muito embora sofresse preconceito e fosse constantemente ofendida por populares que passavam pelo posto. Além das ofensas, ainda tinha que conviver com o constante assédio que sofria por parte dos clientes, que muitas vezes deixavam as esposas dentro dos carros e iam até ela pedir o número de seu telefone.

Uma vez eu trabalhando de frentista, que eu adorava, mas as pessoas passavam chingando... eu vou falar umas palavras aqui oh... eles passavam, eu acordava as 4 da manhã, eu tinha que tá às 6 da manhã no posto, pegar dois ônibus, era um trabalho cansativo, você acordava, ia lá trabalhar, passava os outros te xingando... “vagabunda, piranha...” eu nem era garota, nem sonhava, “prostituta...” e eu lá, ralando, trabalhando, e eu sou muito pavil curto assim, eu não gosto que me ofendam, falando coisa que eu não sou sabe, me estressa assim... eu lembro que peguei uma mangueira de gasolina assim, joguei nos homens, e sai correndo com raiva... “esses filhos da puta, ficam me xingando, eu não fiz nada”, e saia os maridos do carro, lá abastecendo, e dava telefone, e falava no meu ouvido com a mulher dentro do carro...uma chateação.

Certa vez, estava no posto de gasolina e um homem que trabalhava em uma emissora de televisão parou o carro para abastecer. Ele a viu, achou-a bonita, e perguntou se tinha interesse em trabalhar na televisão. Letícia primeiro respondeu que não. O homem, entretanto, insistiu no convite, deu-lhe um cartão e a convidou para ir

até a emissora para fazer alguns trabalhos como figurante, participando de programas humorísticos e novelas. Passados alguns meses, Letícia saiu do posto de gasolina em que trabalhava, então pegou o cartão do homem que a tinha convidado para fazer os trabalhos de figuração e telefonou-lhe. Ele reafirmou a proposta e Letícia começou essa nova atividade.

Ela conta que o trabalho na emissora era tranquilo, porém trabalhava muitas horas para receber pouco dinheiro no final do mês – recebia o valor de cinquenta reais por um dia inteiro de gravação que apenas era pago ao final de cada mês. Ela, então, não estava conseguindo se manter apenas com essa renda e as dívidas começaram a aparecer. Nessa mesma época, emprestou um cheque para uma amiga, já que ela havia garantido que pagaria a dívida em poucos dias. Contudo, a amiga nunca quitou a dívida e o nome de Letícia acabou indo para o SPC (Serviço de proteção ao crédito).

Poxa, estou com meu nome sujo, estou devendo, que eu tinha emprestado o cheque para uma amiga, acho que ninguém deve fazer isso, e aí meu nome sujou, eu estava desempregada, só fazendo esses negocinhos, essas figurações...

Durante o período que estava trabalhando na Emissora, Letícia cogitou a possibilidade de ser atriz e começou a fazer aulas de teatro. Porém, começou a achar essa carreira muito difícil e acabou desistindo.

Na época eu quis fazer teatro, foi quando eu comecei a fazer figuração, fiz teatro, aí pensava em ser atriz, aí fui para a emissora, comecei a fazer umas participações... Desisti, porque lá dentro é meio complicado né.

3.2.1 Em meio às dificuldades, o convite inusitado

A vida estava bem difícil para Letícia: ela tinha muitas contas para pagar, uma filha para sustentar, e o dinheiro que ganhava não estava dando para cobrir todas as despesas. Certo dia estava trabalhando e, em conversa com uma amiga, acabou desabafando sobre seus problemas financeiros. Essa amiga, que já havia saído na capa de uma revista masculina, fez o convite que iria mudar totalmente sua vida.

Ai ela falou “olha Letícia, o meu marido”, ela tinha saído na playboy, na capa com mais duas, ela é de Brasília... “o meu marido tem um amigo que tá abrindo uma Boate”, aí eu já abri o olho, porque tipo, eu não aceitava, eu nunca, nunca seria garota de programa, nunca... “como você ousa falar isso para mim? Eu sempre fui certinha”. Como assim? Eu quase esfolei a cara

dela. Ai ela “calma, só escuta: primeiro a gente vai te pagar passagem, você vai, com um dia lá você consegue...” e eu lá querendo matar ela de raiva... “Aqui você sai para a balada, dá uns beijinhos, e acaba transando, que é o que acaba normalmente acontecendo com todo mundo...você vai fazer a mesma coisa, só que você vai cobrar”. Fui para casa e pensei... no dia seguinte eu “há, vou fazer. Vou ficar uma semana, junto um dinheirinho, e pronto né”.

Assim que ouviu a proposta da amiga, Letícia ficou chateada. Não gostou de ter recebido aquele tipo de sugestão, não podia aceitar jamais, afinal de contas sempre foi uma pessoa séria, respeitável e nunca iria ser garota de programa. Esse foi o primeiro pensamento que veio em sua cabeça, pensamento formando com base em preceitos e preconceitos socialmente construídos, aprendidos não apenas por ela, como também por Mara.

Depois de passar a noite pensando, Letícia resolveu aceitar a sugestão e viajou para Brasília. Inicialmente, ela queria ficar uma semana na cidade, juntar algum dinheiro e voltar, mas não foi isso que aconteceu.

Chegando em Brasília ela foi para a boate sugerida pela amiga: um local amplo, bonito, bem decorado, frequentado por homens de alto poder aquisitivo, como políticos, empresários e jogadores de futebol. Além disso, uma característica marcante do lugar era a presença de mulheres de elevada classe social, bonitas, bem vestidas, e que notoriamente dedicavam muitos cuidados à pele, ao corpo, aos cabelos – eram as acompanhantes de luxo.

Assim que eu cheguei a primeira vez na boate senti a pior sensação do mundo, você sente por causa da sociedade, porque todo mundo falando, você se sente o pior das pessoas, se sente um lixo...você quer se esconder...

Letícia estava nervosa e ansiosa no seu primeiro dia de trabalho. Sabia que estava naquele local com um objetivo: fazer programa e ganhar dinheiro. Ao mesmo tempo, entretanto, estava com medo, com vergonha, e torcia para que nenhum homem se aproximasse dela – os personagens que Letícia aprendeu a desempenhar estavam em conflito, ela estava em conflito. A *menina bobona*, a *mulher casada* e a *batalhadora separada* estavam todas acontecendo ao mesmo tempo, ao passo em que tentavam se sobrepor à nova personagem que estava para ser representada – a Letícia *acompanhante de luxo*.

Eu toda humilde, fiquei lá na boite chique, ai eu sentei lá no cantinho e fiquei pensando “ai tomara que nenhum homem venha em mim, nenhum

homem...”. Olha só, eu tava lá para ganhar dinheiro e não queria que ninguém chegasse (risos), como é que pode né...

Ao pensarmos sobre as personagens que Letícia encarna e que entram em conflito no momento em que sua nova personagem (*acompanhante de luxo*) está na iminência de emergir, lembramos da colocação de Ciampa (1987), quando diz que “são múltiplas personagens que ora se conservam, ora se sucedem; ora coexistem, ora se alternam. Estas diferentes maneiras de estruturar as personagens indicam como que modos de produção da identidade” (p.156).

A identidade de Letícia, assim como a de Mara, está constantemente sendo (re)construída. Quando novas personagens surgem, suas identidades se transformam.

Chegando na boate, Letícia sentou-se em um sofá e ficou observando o movimento. Após algum tempo, percebeu que tinha um homem vindo em sua direção, e o nervosismo começou a se abater sob ela. Era um homem bonito, bem vestido, educado, que aparentava ter uns 45 anos de idade – ele se aproximou e começou a conversar com ela. Assim que a viu, logo percebeu que ela era nova naquele ramo, e procurou ser simpático, tranquilizando-a. Aos poucos, ela foi se sentindo mais confortável.

Até que certa hora vem um cara, devia ter uns 45, bonitão, e ele vinha na minha direção... e eu “não, ele não vai vim falar comigo...” e eu queria me afundar no sofá... ai ele “oi, tudo bem?”. Ai o cara já da noite, acostumado, ele sabe quando a menina é nova, quando não tem experiência... ai ele veio muito educado, e eu “oi, tudo bem”, eu só fazia assim “anham, anham”, só balançava a cabeça, não conseguia nem abrir a boca direito, e eu só pensando “ele não vai falar quanto, ele não vai falar quanto, e se falar eu vou falar bem caro, bem caro, e ele não vai querer sair comigo”. Isso foi a quatro anos atrás... ai ele falou assim “você é da onde?”, “sou do Rio”, ai ele olhou fundo no meu olho e perguntou “você é nova aqui né?” ai eu disse “sou, cheguei hoje aqui”, ai ele “não, você é nova na noite”, e eu disse “é meu primeiro dia”, e ele disse “eu sabia, mas não fica nervosa não, não vai acontecer nada que você não queira” ai ele foi falando de um jeito, e eu fui ficando tranquila. Aquelas coisas que a gente imaginava e pensava, não é nada daquilo - a casa é belíssima, as meninas lindas. E ai chegou a hora fatídica, ele falou assim: “quanto você cobra?” eu levei alguns segundos para responder né, ai falei assim “700 reais”, há quatro anos atrás... ele pegou na minha mão e falou “vamos”. Ai eu falei “seja o que deus quiser, e fomos”.

O cliente saiu com Letícia e foram até um motel, já que na boate em que estavam não existiam quartos e os programas não poderiam acontecer lá. Foram para um motel de luxo e, quando chegaram lá, ele tentou ao máximo deixá-la à vontade e

relaxada. Letícia tranquilizou-se com a postura de seu cliente e, aos poucos, seus medos foram deixados de lado.

Chegou em um motel muito chique, e ele falou assim “Letícia, primeira coisa eu quero que você fique a vontade, a segunda coisa eu não vou te forçar a nada, senta aí, pede alguma coisa para você comer, para a gente jantar, se quiser tomar banho de banheira, a gente fica conversando, eu quero que você fique a vontade”. Ai a gente foi conversando e eu fui percebendo que ele não ia fazer nada demais comigo, e nada que eu não quisesse... então foi assim, ele foi muito legal, aconteceu, fiquei uma hora com ele, depois ele foi e me deixou de volta na boate.

Letícia, então, voltou para a boate e, nessa mesma noite, fez mais dois programas – o que rendeu, ao final de seu primeiro dia de trabalho como acompanhante de luxo, a quantia de 1.500 reais. Nunca tinha recebido tanto dinheiro em tão pouco tempo para fazer “tão pouco”, e isso a seduziu bastante.

E eu fui para Brasília, que foi onde eu comecei... no meu primeiro dia eu fiz 1.500 reais, em três horas... ai eu disse “é aqui mesmo que eu vou ficar”.

Eu voltei para a boate e fiz mais dois, nunca tinha visto tanto dinheiro na minha mão de uma vez... ai eu falei “agora eu não dou mais de graça para ninguém”.

Uma nova personagem aparece na vida de Letícia: *a acompanhante de luxo*. A *menina bobona* se metamorfoseia e a representação de acompanhante vai assumindo uma posição central em sua vida, fato responsável pela guinada no processo de construção de sua identidade. Quando começa a encarnar essa nova personagem, grandes mudanças acontecem em sua vida – ela passa a frequentar lugares que antes não frequentava, faz novas amizades e começa a ter um estilo de vida que antes não tinha.

Letícia, durante o processo de (re)construção de sua identidade, consegue alcançar a condição de expressar seu outro *outro*, que também é ela. Ou seja, ela consegue encarnar uma personagem e superá-la com uma nova representação, sua identidade está se metamorfoseando. Atendo-nos às palavras de Ciampa (1987), ele explica que “essa expressão do outro *outro* que também sou eu consiste na metamorfose da minha identidade, na superação de minha identidade pressuposta” (p.180).

Nossa protagonista permaneceu trabalhando em Brasília por quinze dias e seguiu para São Paulo, onde inicialmente tinha planos de ficar pelo mesmo período. Contudo, os lucros na cidade foram altos e lá ficou por um ano, sempre trabalhando nas melhores casas, frequentadas por homens de alto poder aquisitivo. Ela estabeleceu um foco

quando resolveu entrar na vida da prostituição de luxo: ganhar dinheiro. Quando chegou em São Paulo, fez diversas pesquisas em busca das melhores casas da cidade, procurando por fotos, contatos de pessoas para as quais pudesse ligar e pedir informações, para assim estar segura de que iria frequentar os melhores lugares.

Eu sempre procurei, antes de ir em cada casa, sempre procurei me informar pela internet, ver foto, ver onde que a boate é, ver quem frequentava, para não ir em qualquer lugar. Eu nunca pensei em ir para a rua, ficar lá, nunca, jamais, jamais... eu sempre procurei ir em lugares bons, bonitos, com gente interessante, com dinheiro, porque eu sempre tive foco, que era ganhar dinheiro.

Letícia descobriu na prostituição de luxo o meio para ganhar uma boa quantia de dinheiro e poder viver confortavelmente. Quando entrou no ramo, suas condições financeiras estavam muito ruins, seu nome estava no SPC, não tinha dinheiro para pagar suas despesas, nem condições de sustentar sua filha. Sua situação estava complicada ao ponto de ela não poder comprar o desodorante em aerossol que gostava, pois era caro e tinha que optar por comprar o mais barato. Depois que começou a se prostituir sua vida mudou e sua condição financeira sofreu uma reviravolta.

O dinheiro foi entrando na conta de Letícia e ela pôde, enfim, comprar os produtos que sempre quis ter mas que antes não estava em condições de possuir. Passou a comprar roupas, sapatos, acessórios e começou a frequentar bons salões de beleza, assim como restaurantes caros. No primeiro ano como prostituta ganhou muito dinheiro, como também gastou muito dinheiro. Assim como Mara, Letícia não economizava, comprava sem arrependimentos tudo aquilo que tinha vontade.

Por exemplo, se eu quiser comer um camarão às 4h da manhã eu como, coisa que eu não podia, e muita gente não pode... e viajar, pegar um avião... "há, hoje eu tô de saco cheio de ficar aqui, vou para outro lugar..."

O primeiro ano eu só gastei, eu confesso. O dinheiro que eu ganhei no primeiro ano dava para comprar fácil fácil um apartamento de 200 mil reais a vista, no primeiro ano. Porque era assim, como eu venho de uma condição que eu não tinha nada e de repente em um dia eu conseguia três mil reais em um dia, muita gente não tem isso. Então era um dinheiro que você ganhava e ficava querendo ir pro shopping comprar a melhor geladeira, vou comprar o melhor celular, então no mesmo dia em que você ganhava três mil, no mesmo dia você gastava os três mil., quando você ia ver "cadê o dinheiro?"

Letícia ficou eufórica com a quantidade de dinheiro que estava ganhando e quis aproveitar o tempo perdido, aproveitar o que o dinheiro poderia proporcioná-la, já que

passara por sérias dificuldades financeiras. Entretanto, nesse primeiro ano, ela não apenas esbanjou seu dinheiro com produtos supérfluos, mas também investiu nela e na sua imagem. Como a acompanhante de luxo trabalha com sua imagem, com seu corpo, há que estar sempre bonita, bem cuidada, com a pele bem tratada, com o cabelo arrumado, com as unhas feitas, com o corpo em forma, e tudo isso requer gastos, despesas. Letícia então fez uma intervenção cirúrgica e colocou prótese de silicone nos seios para ficar mais atraente para os clientes; fez também um tratamento capilar para melhorar a aparência de seus cabelos.

Mas no começo eu gastei muito mas eu investia em mim, porque a gente trabalha com a nossa aparência. Eu não tinha perfume francês que hoje eu só uso perfume importado, eu botei mega no cabelo, botei silicone. A gente trabalha com nosso corpo, com nossa imagem, então o homem é exigente, ele quer pagar por uma coisa bonita, ela não vai pagar por porcaria, é o que eles mesmos falam, então eu investi em mim... comprei roupa que eu não tinha, comprei sapato, bolsa... o primeiro ano gasta muito mesmo...

Passada a fase da empolgação com a nova condição financeira, começou a organizar suas contas e seus gastos – passou a juntar dinheiro e a não gastar muito com produtos sem tanta utilidade. Assim, conseguiu comprar um apartamento, um carro importado, pagar a escola do sobrinho, sustentar a filha e, ocasionalmente, enviar dinheiro para as irmãs quando estão precisando.

Letícia nunca se conformou com a vida simples que levava, sempre trabalhava muito, se esforçava muito para no fim do mês conseguir pouco dinheiro. Sempre se considerou uma pessoa honesta, que não prejudicava ninguém, que não bebe, não fuma, não usa droga, e ainda assim levava uma vida difícil. Então, acreditava o mundo era injusto com ela. Quando começou a ganhar dinheiro, portanto, não se preocupou em economizar.

Todas essas experiências fizeram de Letícia uma pessoa mais forte, consciente das dificuldades da vida e com a ideia de que sempre é preciso lutar. Quando entrou no mundo da prostituição de luxo já era uma mulher vivida, experiente, e isso ajudou a ter um bom discernimento e entendimento do que ela devia ou não fazer enquanto acompanhante de luxo. E essa “experiência de vida”, segundo ela, é o que a diferencia de algumas meninas que entram na prostituição muito cedo e acabam não tendo maturidade para distinguir o que ela chama de “o certo e o errado”, caindo muitas vezes em alguns vícios, como o das drogas.

A menina tem que ter a cabeça, por isso que é ruim essa meninas, as meninas hoje espera fazer 18 anos para entrar na noite, então de um certo lado foi bom para mim ter entrado com trinta e poucos anos porque eu já entrei com outra cabeça, já tava madura, experiente, vivida de tudo.

Eu já tinha experiência de vida. A menina com 18 anos o que é que sabe da vida? Não sabe nada, aí começa a se meter com as que já tão a muito tempo, aí começa a usar pó, fumar maconha, ir para Rave e gastar com bala, aí quando dá já tá viciada e aí já era.

Em janeiro de 2010, quando já fazia um ano que estava trabalhando como acompanhante de luxo, resolveu que era a hora de contar para sua família o que estava fazendo para ganhar dinheiro. Primeiro ela quis conversar com a filha, que na época era adolescente e já tinha condições de compreender o que estava acontecendo com a mãe.

Minha filha eu pensei muito em como eu ia falar, mas ela já é grande ela entende. Se ela fosse criança eu não ia contar, porque a bichinha também nem ia entender, mas ela já entende. Então eu tentei falar com ela assim: “filha, você sabe do filme “uma linda mulher””? eu tentei explicar assim, porque a sociedade mostra uma coisa, eu queria que ela visse uma coisa que não era tão bruta... Ai ela “sim mãe, o que é que tem?”, “Então minha filha, assim, você reparou que a mamãe tá melhor de vida, estou podendo te pagar as coisas e tal. E ela “eu sei mãe, eu sei, o que é que tem? Fala logo, o que é?”. Eu acho que ela já estava meio desconfiada... “pois é minha filha, então, no filme ‘uma linda mulher’, a Júlia Roberts, o cara é rico, e ele quer uma companhia para passar a noite, jantar, então, eu estou fazendo isso. Os homens que me contratam eles pagam para eu fazer companhia para eles”. Ai ela “há mãe eu sei, que nem a menina da novela que é garota de programa né?”, “é minha filha, é isso mesmo”. Ela simplesmente falou assim: “mãe não tem problema nenhum, eu não vou deixar de te amar e você não vai deixar de ser a minha mãe por causa disso”.

Letícia tinha receio da reação que poderia ter sua filha, e se preocupou em tentar ao máximo contar o que fazia de uma forma mais serena, para não assustá-la. Letícia faz uma distinção entre o que ela faz enquanto acompanhante e a forma como a sociedade lida com a imagem da profissional do sexo. Para ela, ser acompanhante de luxo não é algo tão duro e cruel como o imaginário popular propaga, e é precisamente esta imagem estereotipada que ela não queria que a filha tivesse.

é, só que quando a gente entra, você ver que não é nada daquilo que você imaginava...

Depois que conversou com a filha, Letícia se preocupou em como contaria para o pai. Com o restante de sua família não se preocupava tanto, e quando contou eles não a discriminaram.

Então, o que me preocupava era ela e meu pai. O meu pai eu não tinha falado, era o único que eu não tinha falado. Eu amo o meu pai demais, e eu fiquei com medo de sei lá ele sofrer do coração, sei lá.

Letícia então não teve coragem de contar ao seu pai, ficou com medo que ele passasse mal, sofresse, ou ficasse magoado com ela. Em 2011, Letícia foi convidada para posar nua em uma revista masculina. Até então, seu pai acreditava que ela fazia trabalho como modelo, figurante e recepcionista de eventos. Quando a revista saiu nas bancas, ele ficou muito feliz de ver a filha trabalhando como modelo e saindo em uma revista de grande circulação no país.

Ele saiu todo feliz quando saiu a revista em 2011. Ai ele foi mostrando “aqui minha filha, tá na revista...” ele me ligou fazendo isso, foi o primeiro a divulgar. E eu “pai que vergonha”, e ele “claro, tem que ver que minha filha tá na revista, minha filha é linda”. E eu morri de vergonha ele falando isso.

Até então ela não se preocupava com o fato de o pai descobrir que ela era acompanhante de luxo, pois achava que ele não iria saber visto que não costuma usar internet, fazer pesquisas no computador, entrar em sites, etc. Contudo, depois que Letícia saiu na revista, um colega de trabalho de seu pai encontrou a página da internet que Letícia fez para divulgar seu trabalho e mostrou para o amigo.

Ai um dos amigos malandrinhos viu na revista lá, Letícia Brasil, e foi mostrar “Olha lá Zé Carlos, tua filha”. Na maldade, para você ver como tem pessoas ruins. Ai mostrou bem no meu site, eu pelada, com relato de cliente que saiu comigo, o que fez, o que não fez, coitado dele.

Foi então que o pai soube o que a filha fazia, mas até hoje eles nunca conversaram sobre o assunto. Na verdade, ele não sabe que Letícia sabe que ele descobriu tudo. O pai prefere não conversar sobre o assunto e ela também prefere não mencionar essa situação. Não trata a filha diferente por saber que ela é profissional do sexo, o que já é o suficiente para ela. Letícia só ficou sabendo do que tinha acontecido porque sua madrasta, que é muito sua amiga, contou o ocorrido.

Mas ele não sabe que eu sei que ele sabe. Porque eu sou muito amiga da esposa dele, eu me dou muito com ela... para você ver como eu sempre me dei bem com ela, eu disse “Kátia, eu preciso te perguntar uma coisa, por favor me responde como toda sinceridade do mundo...” ela olhou assim: “teu pai já sabe o que tu faz”. Eu levei um choque, me deu vontade de chorar, de gritar, de sair correndo, me esconder... E nessa hora no caso eu estava na sala conversando com ela e ele tava lá fora fazendo churrasco com

os amigos. Ai ela “Letícia calma, não adianta ficar nervosa”, ai ela explicou a situação, o que o cara fez... Eu falei: “o que ele falou?” e ela “oh, fazer o que, você é de maior...sabe que você não mudou o seu jeito de ser, não bebe, não fuma, não usa drogas, continua a mesma menina de sempre, então...” E eu “meu deus”, fiquei em estado de choque. E meu pai é daqueles caladão. Lógico, para um pai não deve ser bom ver uma foto minha lá peladona...lógico, ele já tinha me visto na revista, mas até então ele achava que eu fazia trabalho de modelo, recepção de evento, essas coisas, que é o que a maioria das meninas falam que faz né.

Além do trabalho como acompanhante de luxo, Letícia também realiza shows de dança. Ela faz show de striper, de samba, de funk, de axé, dentre outros, dependendo do interesse das boates que a contratam. Ela sempre gostou de dançar, mas apenas começou a utilizar a dança como meio de ganhar dinheiro depois que colocou prótese de silicone nos seios e fez o ensaio fotográfico para a revista masculina. Antes de sair na revista, as boates não a contratavam para fazer os shows, visto que eles exigiam que as meninas tivessem aparecido em alguma revista para fazer a divulgação do evento. Então Letícia aceitou o convite para posar nua não necessariamente por causa do dinheiro que ganharia, mas sobretudo para divulgar seu trabalho e sua imagem, bem como pela repercussão que causa o fato de posar para uma revista masculina.

Botei silicone e sai na revista, porque assim, eu quis sair na revista nem foi pelo dinheiro, porque eles pagam muito mal, uma mixaria, foi mesmo por esse trabalho de modelo, porque as casas, as boites no Brasil só podiam me contratar se eu tivesse em alguma revista, se não como eu ia falar... modelo de que revista vai tá aqui hoje, então...

Quando a revista saiu nas bancas, tanto seu trabalho como acompanhante de luxo ganhou divulgação como também as boates e casas de show começaram a contratá-la para apresentações. Dessa maneira, Letícia não ganha dinheiro apenas pelos programas com os clientes, mas também pelos shows.

Eu comecei a viajar o Brasil todo, isso ai já tá à 2 anos e meio viajando por causa da revista. Que eu viajo e eles contratam: “modelo Letícia Brasil, na casa tal, tal dia”. Ai eles fazem a divulgação, pagam tudo, eu não gasto nada... ai meu show eles pagam 400 reais por dia de show... eu chego lá, danço 10 min e saio. Ou eu vou para o hotel ou eu fico lá para fazer programa. Ai os programas é mais alto quando eu vou contratada como modelo...ai é 1.000 reais, 2.000 reais a hora, a hora.

A vantagem de ter posado para a revista se reflete também no preço dos programas. Enquanto em um dia normal de trabalho, na casa que ela costuma frequentar, o preço da hora do programa costuma variar entre 400 e 500 reais, quando

vai fazer show em alguma boate contratada como modelo que saiu na revista o preço já aumenta consideravelmente, o que é uma grande vantagem para ela.

sim, se eu for como convidada eu ganho duas ou três vezes mais, então é melhor né... na verdade eu tô viajando já desde fevereiro, sem ir em casa. Eu fui primeiro para Cuiabá, fiquei 20 dias, depois fui para Araras, interior de São Paulo, fiquei três dias, depois fui para Teresina, fiquei 20 dias, vim aqui para Fortaleza, 15 dias, vou ficar uma semana em casa e vou para Brasília.

A própria Letícia faz a divulgação de seus shows – não tem empresário, não gosta de ninguém controlando suas coisas, seu dinheiro. Então, ela mesma entra em contato com as casas de show ou boates, divulga que está com a agenda livre para shows durante determinado período, e as casas a contratam. Muitos clientes que veem sua página na internet, ou vídeos e fotos que ela posta nas redes sociais pedem para os donos das boates chamarem para fazer apresentações, e assim vai fazendo a divulgação de seu trabalho.

Quando está em uma cidade contratada para fazer show em alguma boate, já se organiza para trabalhar o máximo que puder e ganhar dinheiro por várias vias. Assim, ganha o dinheiro do show que a boate paga, ganha o dinheiro dos programas que realiza quando a apresentação termina, e ainda ganha pelos programas que faz em decorrências das fotos que posta nos sites de cada cidade em que chega.

Malandramente eu penso em ganhar por todos os lados. Então na cidade que eu tô eu fico duas semanas, quinze dias, eu entro nos sites da cidade, então eu ganho pelo site, o show, e programa.

Eu coloco as fotos, eles cobram 200 reais aqui, e em menos de um dia eu já pago tudo.

No seu trabalho como acompanhante de luxo, Letícia pondera o que ela é capaz e o que ela não é capaz de fazer. Uma das coisas que ela não aceita é fazer programa sem o uso do preservativo. Alguns clientes que saem com ela pedem para ter relações sexuais sem camisinha, proposta que não é aceita em virtude do medo de contrair alguma doença sexualmente transmissível. Outra coisa que ela não aceita é que o cliente peça que ela use drogas no momento do programa, ou que tenha relações sexuais com outras mulheres. Segundo ela, muitas meninas entram na vida da prostituição sem ter vício em drogas ou sem se relacionar sexualmente com mulheres, mas quando começam a se prostituir os clientes pedem e pagam mais se elas aceitarem fazer. Assim, como

muitas não querem perder o cliente, acabam concordando; e, de tanto usarem a droga, acabam se viciando. Letícia afirma não topa tudo pelo dinheiro, não faz o que o cliente quiser só para ganhar algum dinheiro a mais, visto que são coisas que não farão bem a ela. Com base nisso, não aceita fazer programa com casais, pois não quer ter contato íntimo com mulheres.

Eu conheço meninas que trabalham e que tem AIDS em São Paulo. Ninguém diz, a mulher é linda. Eles são loucos [os jogadores de futebol]. Eles dizem que com a gente eles tem coragem de sair sem camisinha, as mulheres da rua não. As normais né, entre aspas. É uma porcentagem grande, eu tenho medo disso. Se o cara me der 10 mil para ir sem camisinha eu não vou de jeito nenhum. Só que as meninas, muitas não querem perder. Por exemplo, tem muita menina que entra na noite que não gosta de mulher, que não usa droga, no caso pó, mas, elas começam a fazer tudo pelo dinheiro. O que acontece? Elas perdem a identidade delas. “Ai eu vou cheirar o pó porque o cliente pediu para eu cheirar e ele me paga mais”. Já vi menina tendo overdose, quase morreu, mas enfim. Então eu sou o contrário, eu não vou fazer tudo pelo dinheiro. Não faço e ponto, não adianta você dar o que você quiser: “há, eu queria ver você com outra mulher, só vou com você se você for com outra mulher, eu quero ver vocês se pegando...”. Eu não faço, eu perco, é uma coisa que não vai me fazer bem.

O programa é só eu e o cliente, quer quer, não quer tchau. Não adianta, isso foi sempre, desde o início. Eu não gosto eu não gosto, eu não faço eu não faço, pode achar ruim, esperar, reclamar, que eu não vou fazer, e essas meninas não... ai elas acabam entrando em depressão, entrando no vício da droga, o cara acostumou, e ela não quer perder dinheiro, e vai e vai, ai fica.

Letícia tenta a todo custo manter sua personagem *acompanhante de luxo* a “salvo” de possíveis caminhos que poderiam desvia-la de seu foco principal: ganhar dinheiro. Essa personagem ocupa um lugar central em sua vida, de modo que é a partir dela que conduz e mantém suas relações pessoais, profissionais e amorosas. Então, com base nisso, é necessário todo um agrupamento de atos, hábitos e condutas para que a personagem *acompanhante de luxo* não sofra lacerações que possa prejudicar sua existência. Outro exemplo disso se mostra no modo como ela se relaciona emocionalmente com os homens. Aquela imagem que outrora tinha (a de que nenhum homem era bom e que todos iriam fazer com ela o que seu ex-marido tinha feito) já não mais se sustenta. Contudo, ela busca manter uma distância emocional deles para não correr o risco de se envolver e, com isso, prejudicar o andamento e a manutenção de seu trabalho.

Não penso mais como eu pensava antigamente... hoje eu me imponho, não tenho mais medo, eles é que ficam meio assim comigo. Aprendi como lidar e ver os homens de outra maneira também, para melhor, coisa que

antigamente eu não via. Eu passei a ver os homens mais frágeis, contando a vida deles...

Eu não penso em arrumar namorado até sair da noite, eu não acho justo. Primeiro que se eu arrumasse o cara ia saber, porque eu não ia mentir. No começo ele podia até aceitar, estava lá curtindo e tal, mas depois começa a ter sentimento ai ele não ia aguentar. Ai ia começar papinho: “não, não vai trabalhar não; não, eu não aguento ver você com outro”, ai ia ter stress, ia brigar, se estressar, então eu prefiro nem ter. E tira foco, namorado tira foco, eu sei como eu sou, quando eu gosto eu gosto mesmo, não ia querer trabalhar, ia ficar pensando no cara, ai não ia entrar dinheiro, ai ia atrasar conta, então não.

A vida de acompanhante de luxo também rende bons e divertidos momentos, quando ela conhece homens bacanas e interessantes, com quem se identifica. Mas não deixa que essas relações ultrapassem a vida profissional. Em uma determinada ocasião, saiu com um cliente e acabou gostando muito de estar com ele, assim como ele gostou muito de estar com ela. Conforme acordado inicialmente, eles ficariam apenas uma hora juntos, mas acabaram ficando três horas. No dia seguinte, ele ligou e eles novamente saíram. Nesse momento, Letícia já estava ficando preocupada com esse envolvimento e, na semana seguinte, quando ele ligou, disse que estava ocupada e que não poderia sair com ele – o que, todavia, não era verdade. Letícia tenta se manter emocionalmente afastada dos homens, por mais que fisicamente esteja sempre bem perto deles. Para ela, não vale à pena se envolver: o trabalho e o dinheiro vêm em primeiro lugar.

É isso que eu falo que eu evito. As meninas vem e ficam me contando né, pedem para eu dar uma ideia, eu vejo elas lá chorando por causa de homem, namorado, e não sei o que...sai com o cliente duas vezes e acha que é dona, quer implicar com as outras meninas, querendo fazer escândalo, só que lá não faz porque a casa é muito chique. “Por isso que eu não arrumo namorado, tá vendo, vocês tem que botar na cabeça, não pode ser garota de programa e arrumar namorado, não pode. Para ficar ai choramingado”, é por isso que eu não quero, porque eu sei que tira foco, atrapalha.

3.2.2 Uma nova forma de pensar os homens...

O contato direto e constante com vários e diferentes homens a fez repensar a imagem negativa que tinha formado a respeito deles. Passou a percebê-los como pessoas frágeis, sensíveis, livrando-os da caricatura que ela os prendia.

A gente vira meio psicóloga deles, é engraçado, você sabia disso? Ele pedem a minha opinião de como falar com a esposa sobre o que eles querem no sexo. Ai eu digo para eles falarem assim, assado... Então assim, a gente passa a ver os homens de outra maneira, que eu não... a gente fica que nem

essas mulheres ai de fora da sociedade que antes pensava: “há, homem é tudo igual, homem não presta”. E não é assim sabe... eles são mais frágeis do que a gente imagina na verdade...

Interessante perceber que as personagens que Letícia encarna estão sempre “à mostra”, explícitos, emaranhados à sua vida pessoal e profissional. Ela não esconde de ninguém o que faz, ela não precisa mentir para poder manter a existência de suas personagens. Estão todas acontecendo a todo momento, em todos lugares; não há um espaço onde ela encarna um papel e um outro espaço em que ela encarna outro papel.

Não, não me escondo não. Inclusive tem uma história engraça, em campinas, uma das poucas vezes que as meninas chamaram para sair, porque eu geralmente não saio... por um motivo bem simples, elas escondem o que fazem. Ai um barzinho de luxo lá em São Paulo, bem caro, e elas chamaram e eu falei “vamos”. Eram 5 meninas, contando comigo. Eu falei “gente, eu vou, quero comer uma pizza e tal, mas gente, os homens vão ver a gente chegando, cinco mulheres bonitas, num carrão, você sabe que os homens vão ficar olhando... então se algum homem chegar na mesa, vier perguntar o que é que eu faço, eu vou falar que eu sou garota de programa. Não vão querer que eu minta, dizer que sou universitária, porque eu não vou mentir não”. “Não, você tá maluca? Não fala isso, a gente diz que é universitária, não faça isso”. “Então, por isso que eu estou falando antes porque eu sabia que vocês não iriam querer. Então eu não vou, não adianta, eu não vou mentir. Mas eu estou falando o que eu faço e não o que vocês fazem, então vocês mesmas tem vergonha né?” Ai elas ficaram assim... Isso é um dos motivos que eu não saí com as amigas, e eu gosto de ficar em casa mesmo, eu sou caseira.

Segundo Letícia, existe um (pre)conceito com as mulheres bonitas que gostam de usar roupas curtas, que mostrem a barriga, ou que realcem os seios. Para ela, quando as pessoas veem mulheres com essas vestimentas andando na rua, já estereotipam e se referem a elas por meio de palavras de baixo calão, como “vagabunda”, “puta”, “vadia”, dentre outros. Esse fato incomoda profundamente Letícia, que vê essas atitudes como atos desrespeitosos, brutais e hipócritas em relação às mulheres.

Antes de eu ser garota, lá no rio, lá é muito quente, como aqui. A gente anda de short, camiseta, barriga de fora...eu tinha a barriga bonitinha, andava com barriga de fora. E eu andava nos lugares assim e a pessoa dizia que era puta, só porque ta com a barriga de fora? E eu nem era, trabalhava na época de promotora de vendas, e eu não posso andar com a barriga de fora que sou puta? Ridículo! Como hoje, se eu quiser botar a barriga de fora e colocar um salto já vão dizer “é puta”!

Trata-se de um preconceito refletido pelas roupas que as mulheres usam, de um estereótipo de que mulher que usa roupas decotada é mulher que não precisa ser

respeitada. Muitas vezes, essas ações se sustentam em bases insólitas, movediças, que se fundamentam pelas aparências.

Cansou de vir quando eu era frentista, porque as pessoas relacionam muito frentista ser vagabunda, infelizmente, não tem nada a ver isso aí. Existe as frentistas que fazem isso como existe a secretária... vou falar uma aqui que talvez vocês nem imaginem, mas aeromoça, várias fazem programa, mas e aí, quem vai falar da aeromoça? Não, imagina.... médico, eu conheço médica que faz, e aí? É um mundo que envolve muita coisas, mas eles só ficam naquele mundinho, achando a gente, olhando em site, se eu vou na boite...ou se eu saio e boto uma roupa com decote, ou com barriga de fora, já falam logo.

Essa fragilidade em relação à imagem da mulher se refletiu também para Letícia na ocasião em que ela foi procurar um emprego de vendedora em uma concessionária de carros. Ela, que na ocasião não tinha experiência nenhuma no ramo, mas era nova e bonita, venceu cinco candidatas que tinham um ótimo currículo, mas que eram mulheres não tão bonitas e mais velhas que ela.

Eu fui trabalhar de auxiliar de escritório numa concessionária Chevrolet no Rio. O dono na época tinha 28 anos, novo, bonito, recém casado, e tinha lá eu para a entrevista e tinha mais cinco. Um coroas, mas com o currículo assim invejável. O meu currículo não tinha nada, e ele me escolheu porque eu era bonita, e já com segundas intenções...ficou cantando e tal. Eu acho isso muito triste, a pessoa não foi contratada porque não é bonita? Muito triste isso. Mas eu também não sou boba, ele me contratou, me deu a oportunidade, então eu procurei aprender o serviço todo, aprendi em uma semana, porque eu aprendo muito rápido. Então foi um lado bom, que me ajudou, mas eu não mereci se for ver né.

Como colocado anteriormente, Letícia tenta ao máximo organizar sua vida de modo a não prejudicar a existência e o desempenho de sua personagem *acompanhante de luxo*. Para isso, realiza um controle de seus horários de trabalho de modo que não sai para fazer programas a qualquer hora do dia. Ela não dorme com o telefone ligado, sempre desliga no máximo às 23 horas. Segundo ela, os homens que ligam tarde da noite para fazer programas estão geralmente bêbados ou drogados, e ela não topa fazer programa com o homem nessas condições. Em contrapartida, acorda cedo, às 8 horas da manhã, e a partir desse horário já começa a receber ligações.

Muitas meninas vão dormir e não desligam o celular, o telefone toca 4, 5, 6 horas da manhã. Eu deixo no máximo até 11h da noite, mas geralmente eu não saio nesse horário não. Então quando dá 10h eu já desligo o celular, não adianta me chamar que eu não vou sair não. Geralmente esses homens da noite estão drogados, muito loucos, aí é mais complicado. Eu acordo cedo, 8h da manhã eu já estou acordada, já pode ligar.

Quem trabalha com prostituição acaba estando exposto(a) a diversos riscos, já que seu trabalho implica sair e manter relações íntimas com pessoas quase sempre desconhecidas. Visto isso, Letícia observa com atenção os homens que se aproximam dela para fazer programas e estabelece algumas regras na hora de fazê-los. Evita ao máximo se envolver com homens que aparentam ter atitudes “suspeitas”, que são grosseiros, que tratem-na mal, ou que façam propostas que ela considere impróprias. Assim, evita passar por situações desagradáveis ou que lhe trariam qualquer risco. Para se preservar e para preservar seu personagem, ela afirma não aceitar fazer qualquer coisa pelo dinheiro.

A fim de ilustrar essa história, Letícia nos contou sobre uma situação que aconteceu quando estava na Bamboa, uma das melhores casas de *striper* de São Paulo. Já era madrugada quando um homem visivelmente bêbado pegou-a pelo braço e, muito grosseiramente, perguntou quanto era o programa. Letícia, que já não havia gostado da forma como aquele homem a abordou, disse que não tinha interesse em fazer o programa. Ele, que não gostou de sua resposta, a chamou de vagabunda e disse que pagaria para sair com ela. Letícia então gostou menos ainda daquele homem, deu as costas para ele e saiu.

E aí eu fui trabalhar a noite esse dia, eu tava precisando de dinheiro para pagar o aluguel, e veio um cara, fim de noite, três horas da manhã, ele chegou “e ai gostosa”, puxando o meu braço, e eu odeio homem que faz isso, não suporto, odeio homem mal educado e bêbado. E ele ficou “vamos sair, vamos sair, quanto é?”, e eu disse que não queria, e sai. E ele disse “o que você tá pensando? Eu vou te pagar sua vagabunda”. E eu “nossa...”, e ele me chamou para ir na casa dele e eu disse que não ia em residência e sai.

O homem, então, chamou outra menina que estava na casa, ela aceitou e eles saíram. No dia seguinte, Letícia não viu a menina na casa e perguntou para suas colegas se alguém a tinha visto, mas ninguém sabia notícias. Passaram alguns dias até que chegou a notícia que tinham encontrado a moça jogada na beira da estrada, nua, e muito machucada. O cliente havia levado esta menina para sua casa e, chegando lá, trancou-a em um quarto com 10 homens amigos dele. Eles estupraram-na várias vezes, bateram nela e, em seguida, a jogaram na estrada juntamente com a quantia de 100 reais. A moça ficou internada em estado grave durante alguns dias, até que se recuperou e recebeu alta. Depois disso, ela ficou tão traumatizada que parou de trabalhar como profissional do sexo.

É isso aí que eu digo dos riscos. Eu analiso primeiro se o cara tá drogado, segundo eu vejo se quer ir para residência, eu não vou generalizar, mas geralmente os cliente que querem é porque já tem câmera em casa pronta filmando, ou vão fazer alguma coisa errada com a menina, porque a partir do momento que você tá no local dele, que você entra no carro dele pronto, já era, ele faz com você o que ele quiser. Então eu procuro evitar, ver esses riscos, não importa se eu vou perder o dinheiro. Então eu ouço muito minha intuição, se eu achar “não vai”, eu não vou.

O problema de trabalhar no site é também esse: marcar com clientes que ela não conhece, o que é sempre um risco. Mas para amenizar isso, ela apenas marca os programas em motel ou hotel, nunca em residência, para caso aconteça alguma coisa ela tenha a quem pedir ajuda. A vantagem de trabalhar na casa é essa: uma vez estando lá, há sempre a oportunidade de ver o homem com quem vai sair e, assim, pode avaliar se aceita ou não ficar com ele.

Quanto a viajar com os clientes, ela menciona que não costuma fazer isso, somente quando já conhece a pessoa e sabe que é de confiança. Além do receio que tem de que possam fazer alguma coisa de ruim, ela também não quer viajar com alguém que não sabe quem é, então prefere evitar. Também não topa participar de festas de despedida de solteiro, pois não gosta da movimentação que acontece nesses lugares. Seus programas funcionam apenas entre ela e um cliente, mais do que isso ela não aceita fazer.

Primeiro que eu não faço despedida, eu não gosto de suruba, não gosto de bagunça. Uma vez o cara me ligou porque ia ter uma festa da empresa e ele não queria ir sozinho, e ele era educado... Pelo telefone você já sabe né, enfim, apenas que ele pode mentir, mas... Mas se for para viajar, passar final de semana sem eu conhecer eu não vou. Ai o cara liga eu digo para ir na boate, pra gente se conhecer, para ver se dar certo, porque se eu não tiver afinidade com o cara na cama como eu vou passar o final de semana com ele? Eu não vou fingir, nem vou beber para esquecer, que eu não bebo, é um favor que eu faço para ele até né.

Na época da entrevista, Letícia estava se preparando para fazer uma turnê pela Europa, apresentando seus shows de dança e de *striper*. O dono de uma rede de boates espalhadas pela Europa entrou em contato com ela, convidando-a para fazer os shows. Ela, inicialmente, não havia aceitado a proposta, mas depois de algum tempo resolveu fazer algumas pesquisas para conhecer tanto o homem que a tinha convidado quanto as boates, entrando também em contato com algumas meninas que já tinham trabalhado para ele. Teve boas referências tanto do dono da boate como dos próprios locais e

resolveu, então, aceitar a proposta. Comprou passagens tanto de ida como de volta, para não ficar na dependência de ninguém e, assim, poder retornar ao Brasil a hora que quisesse.

Funciona assim, ele chama as meninas, não só mulheres, ele trabalha com show de estriper masculino, estriper feminino, show gay, show de samba, que eu faço também, e leva para a Europa toda, não só Espanha, como Itália, Portugal... então é praça que eles falam, eu tenho que ficar 20 dias em cada casa, e ai vai levando. Na casa eu fico hospedada, com moradia, alimentação.

Eu comprei a minha passagem, comprei ida e volta, então se eu não gostar eu pego e venho embora. É isso que eu aconselho as meninas a fazerem, nunca ir tipo “há, deixa que eu pago tua passagem” que nem aconteceu com a novela ai, que realmente acontece. Então eu procurei saber que boite era essa, onde ficava, a cidade, conversei com uma menina que trabalhou lá quatro anos, já conversei com a gerente, já troquei e-mail com ela, então eu não estou indo assim perdida...

3.2.3 Planos para o futuro...

A Letícia acompanhante de luxo também é uma mulher empreendedora, que está sempre trabalhando em prol do seu foco: ganhar dinheiro. Não gosta muito de sair para festas, quando está em alguma cidade trabalhando não costuma ficar passeando, indo em bares. Seu objetivo é estar trabalhando e ganhando dinheiro.

O meu foco é trabalhar, eu não vim para passear, curtir, ficar em balada, nada disso, nunca vão me ver, eu não gosto... até porque eu trabalho na boite, no barulho, então isso já me estressa. Então quando eu saio eu vou no máximo no cinema, teatro eu gosto muito, ou vou na praça de alimentação do shopping, como e vou embora. Você nunca vai me ver em balada, meu foco é só trabalhar e dinheiro.

Não é como essas meninhas que entram e só querem dinheiro para ir para a balada, e não sabe o que quer da vida. E ai passa, tá velha, e já era.

Tem ciência de que não conseguirá ficar no ramo da prostituição de luxo por muito mais tempo e, pensando nisso, está juntando dinheiro para abrir uma loja de roupa e acessórios. Seu plano é viver dos rendimentos desse empreendimento quando não estiver mais trabalhando como acompanhante. Inicialmente, pensa em se aposentar e abrir a loja quando acabar a Copa do Mundo.

Eu quero montar minha loja, viver da minha loja, e mesmo que não seja uma loja grande, eu não penso em ficar rica. Talvez também um salão de beleza, não sei, mas acho que vai ser mesmo uma loja.

Finaliza a entrevista “mandando um recado para sociedade”. Ela não compreende como as pessoas hostilizam as garotas de programa se são os homens que as procuram, e não o contrário. Nesse caso, para ela, se alguém deveria sofrer preconceito, esse alguém seriam os homens, já que parte deles a iniciativa de procurar as meninas. Ela não vai atrás de homem nenhum, eles é que ligam para ela e procuram-na na boate – ela está apenas no seu local de trabalho.

Então, eu queria que as pessoas entendessem que eu não bato “oi seu Zé tudo bem? Oi dona Maria! Seu zé tá aí? É que eu quero fazer um programa com o seu marido”. Eu não bato na casa de ninguém, é o seu Zé que ver lá no site Letícia Brasil e liga, é o seu Zé que vai na boate e chama para fazer programa. Não sou eu que vou na porta de ninguém chamando, eu estou no meu local de trabalho. Quem é que tá errado? Se a sociedade tem que ter preconceito tem que ter com quem contrata nossos trabalhos, e não com a gente. Eu tô lá quieta no meu canto, são os homens que vem até nós, e isso a sociedade não vê. Isso está tão claro, tão nítido, e a sociedade não vê. Tem que ter raiva é dos homens então se tem que ter raiva de alguém. Se eu fosse bater na porta de alguém podia falar “há, essa mulher que fica passando, chamando meu marido”. Eu não estou fazendo nada disso. Eu não estou procurando ninguém, eles é que vem até nós. Elas não tem que ficar com raiva da gente por causa disso. E isso ninguém para pra ver, ou para e ver e não quer acreditar que o marido faça isso né. A coisa mais comum de acontecer é o marido na hora do almoço, diz que vai para uma reunião, vai almoçar, e vem para dar umazinha com a garota de programa. Ai liga “ei Letícia Brasil, quanto é? Vamos na hora do almoço?”. Então as esposas tem que parar de ficar com esse preconceito ridículo, olhando para a gente de cara feia, e tem que saber que é o marido dela, que para ela tá errado, e que eu não acho que é errado, porque contratar garota de programa não tá traindo, na minha opinião, para mim ele tá só se distraindo, e indo melhor para casa, para a esposa. Eu penso assim. Antes eu achava que era errado, que era traição, mas hoje eu acho que não é. E os homens chegam reclamando muito das esposas...então a gente é uma válvula de escape, eles distraem, brincam, conversam...falam da mulher dos filhos...e as mulheres ficam com raiva. Tem que ficar com raiva se arrumar amante, ai eu não acho certo não. Mas fora isso a gente não tem culpa de nada, e se agente existe é por causa deles.

Complementa fazendo uma distinção entre garota de programa e acompanhante de luxo. Ela, que não acha que é garota de programa, mas sim acompanhante, acredita que o termo “garota de programa” ou “prostituta” se enquadra melhor para se referenciar às meninas que trabalham fazendo ponto na rua, que são de uma classe social mais desfavorecida, que cobram barato pelo programa (30 ou 50 reais). Já que pertence a uma elevada classe social, que frequenta boas casas de prostituição, que cobra caro pelos programas (na média 500 reais), que apenas sai com homens de alto poder aquisitivo e que cuida da beleza, dos cabelos e do corpo, ela acredita que seria mais apropriado designá-la com o nome *acompanhante de luxo*.

Eu não gosto dessa palavra garota de programa, eu prefiro acompanhante. Prostituta, eu odeio essa palavra. Eu definiria assim, prostituta é aquelas que ficam na rua, eu não estou menosprezando elas, mas as que ficam na rua, que cobram tipo 30, 50 reais, aí acho que esse nome combina mais com elas, esse nome combina até com ela, eu acho...prostituta. Comigo eu não acho não, sou acompanhante, mas enfim.

Percebemos, na narrativa de Letícia, sua tentativa em se livrar dos estereótipos. Ela tenta se mostrar para além do que socialmente pressupõem sobre sua personagem – uma tentativa de eliminação da identidade pressuposta – e esse movimento marca a alterização da sua identidade. Como Ciampa (1987) assinala:

(...) isso consiste na *alterização* da minha identidade, na eliminação de minha identidade pressuposta (...) e no desenvolvimento de uma identidade posta como metamorfose constante, em que toda humanidade contida em mim se concretiza. Isso permite me representar (...) sempre como diferente de mim mesmo (deixar de presentificar uma apresentação de mim que foi cristalizada em momentos anteriores, deixar de repor uma identidade pressuposta. (p.181).

Por fim, podemos perceber na fala de Letícia não apenas uma distinção entre o que ela considera ser garota de programa e ser acompanhante, mas também um certo preconceito e menosprezo por essas mulheres que estão em uma classe social mais desfavorecida que a sua. Trata-se de uma rejeição, ainda, aos termos utilizados para se referenciar a ela. Pois ela não quer ser chamada de prostituta, de garota de programa; ela diz não acreditar que isto denote o que ela é, pois acredita estar em outro nível social. O que ela se preocupa é em quebrar a imagem cristalizada da acompanhante de luxo e identificar-se a essa (nova) imagem.

PARTE IV

4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – (DES)MONTANDO O QUEBRA-CABEÇAS

4.1 Da relação entre o “pano de fundo” e as histórias de Mara e Letícia

Iniciamos a análise das histórias de vida de Mara e Letícia fazendo um paralelo com os apontamentos trazidos na segunda parte desta Dissertação. Na parte em questão, nos preocupamos em mostrar o que chamamos de “pano de fundo”, ou seja, alguns apontamentos sobre o que consideramos ser um “cenário geral” para caracterizar a prostituição, em especial a prostituição de luxo. Com base nisso, os seguintes questionamentos nos inquietaram: então, em que medida o cenário descrito na primeira parte desse trabalho se relaciona com as histórias de vida da Mara e da Letícia? Quais os paralelos e as reflexões que são possíveis de serem realizados? E enfim, há ou não alguma distinção entre o modo como vivem enquanto acompanhantes de luxo e a forma como vivem as prostitutas do baixo meretrício?

A partir da leitura e da análise das histórias de vida de Mara e Letícia, percebemos elementos em suas histórias que se aproximam do que estamos chamando de prostituição de luxo. Vale ressaltar que esse conceito não pode ser considerado como algo “dado”, que sempre esteve aí presente, mas ao contrário, devemos ter clareza que é um termo fabricado socialmente. Essa fabricação de termos não acontece apenas quando nos referimos à prostituição de luxo, mas também quando tratamos da prostituição do baixo meretrício, e serve para diferenciar esses dois “níveis” de prostituição que ora se aproximam, ora se distanciam.

É perceptível que as mídias sociais criam um certo *glamour* em torno da imagem da acompanhante de luxo e sugerem que elas ocupam um *status* social diferenciado das demais mulheres que vivem da comercialização do sexo. As acompanhantes, por sua vez, para supervalorizarem sua imagem e seu trabalho, tentam empregar esse *glamour* em suas próprias vidas, embora o espaço que ocupem seja estigmatizado e tolerado socialmente, mantendo-se ainda dentro de uma zona de invisibilidade, tal como assinalado por Honneth (2011).

Quando pensamos nas histórias de nossas protagonistas, percebemos essas aproximações e esses afastamentos. Ambos os termos servem para nos dizer que estamos tratando de mulheres que vivem da comercialização do sexo, que pagam suas

contas, que sustentam suas famílias com o dinheiro que ganham ao manterem relações sexuais com vários e diferentes homens. Entretanto, não podemos tomar essa característica como se ela representasse a totalidade da vida dessas mulheres, não podemos usá-la para dizer que todas as mulheres que comercializam o sexo e o prazer são necessariamente semelhantes. Semelhanças entre elas certamente existem, como também há distinções, diferenciações entre os modos como comercializam sexo e o modo como a partir disso regem suas vidas.

Como vimos, Mara e Letícia são mulheres que foram criadas por pais com bom poder aquisitivo e que puderam pagar escola particular para as filhas, proporcionando-lhes assim uma boa educação escolar. O que também as caracteriza é o fato de dedicarem cuidados especiais a seus corpos, cabelos e pele, tudo isso para ficarem mais atraentes para suas clientelas. Ambas possuem pelo menos o segundo grau completo, fato que nos próprios dizeres de nossas entrevistadas já as diferenciam das demais meninas que trabalham com a venda do corpo.

Mara e Letícia enquanto acompanhantes de luxo se dedicam intensamente a cuidados que as façam não apenas estarem bem apresentadas esteticamente, mas também estarem sempre informadas sobre os assuntos que estão sendo discutidos para assim poderem dialogar corretamente com seus clientes. Segundo elas, os homens que as procuram não estão buscando apenas sexo, mas muitas vezes querem uma companhia que tenha um bom papo, que se porte elegantemente em público, que possa acompanhá-lo em festas, e tudo isso não vai depender apenas da aparência física dessas meninas, mas também de um relativo grau de instrução e conhecimento. Assim, o curso de Direito da Mara e os estudos e pesquisas que Letícia frequentemente realiza ajudam a valorizar os serviços por elas prestados.

Os clientes de Mara e Letícia são exigentes, estão pagando caro por um serviço e por isso querem um produto de qualidade, ou seja, querem meninas bem vestidas, que se apresentem bem e saibam se portar. Com isso, ressaltamos outra característica presente na história das entrevistadas e que apontamos na Parte II desse trabalho, que é a discrição. As acompanhantes de luxo, diferente do que percebemos das prostitutas do baixo meretrício, não estão expostas nas ruas, não estão “fazendo ponto” na esquina, não estão trabalhando em casas ou boates populares que têm um letreiro na porta indicando o que funciona ali. Mara e Letícia trabalham em casas discretas, frequentadas por homens de alto poder aquisitivo. Ambas costumam apresentar-se sempre bem

arrumadas e elegantes – afinal, uma das características marcantes das acompanhantes de luxo é justamente não se parecerem com profissionais do sexo.

Um aspecto curioso quando pensamos sobre as acompanhantes é a maior possibilidade de negociar seus programas e, de certa maneira, de se imporem perante os clientes. Mara e Letícia afirmam que não saem com um cliente quando esse não as agrada, e isso se baseia também no fato de elas estarem em uma boa condição financeira e não terem que topiar qualquer coisa para ganhar dinheiro. Entretanto, cabe o questionamento sobre até que ponto elas realmente têm esse poder de escolher o homem com quem vão sair; será que se ela passar cinco dias sem trabalhar e estiver precisando de dinheiro para quitar alguma dívida, ela não sairia com um homem mesmo sem ter gostado dele?

A partir dessa situação pensamos nas prostitutas do baixo meretrício – ao que nos parece essas mulheres têm um poder de escolha mais limitado do que as acompanhantes de luxo, o que possivelmente se origina no fato de virem de uma classe social mais baixa, com famílias sem muitos recursos financeiros e em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Dessa forma, não aceitar um cliente torna-se uma tarefa relativamente mais difícil. Entretanto, não podemos cair no erro da generalização, e não admitir que igualmente existem prostitutas do baixo meretrício que conseguem negociar seus serviços, como a recusa a determinada forma de realizar o sexo ou mesmo não atender clientes que não as agradem, uma generalização que certamente seria um grande equívoco.

O lugar onde os programas são realizados também é uma variante importante quando pensamos nos elementos que distinguem as acompanhantes de luxo das prostitutas do baixo meretrício. Como observamos nas entrevistas de Mara e Letícia, ambas apenas realizam os programas em hotéis, motéis ou, no caso de Mara, na residência dos clientes. As acompanhantes de luxo, segundo o analisado, frequentam lugares requintados, confortáveis, bonitos – nunca realizam seus programas na rua, dentro de carros ou mesmo em hotéis e motéis baratos, populares e pouco confortáveis (é um modo de valorizar seu trabalho e manter a qualidade de seus atendimentos).

Tal fato se deve também ao nível econômico de seus clientes, que são homens com bom poder aquisitivo e com condições de levá-las a lugares de melhor qualidade. Na prostituição do baixo meretrício é mais comum que os programas ocorram em lugares mais baratos, sem muito conforto ou sofisticação – esse apontamento ganha maior significação se pensarmos que se trata de prostitutas pobres, que estão em uma

classe social desprivilegiada. Ao realizar uma pesquisa com prostitutas pobres, Santos (2011b) observou que muitas garotas de programa realizam seus atendimentos na rua, em uma esquina escura ou ainda dentro do carro dos clientes.

4.2 Da relação entre consumo, fetiche da mercadoria e capital

Podemos perceber, através das histórias de nossas protagonistas, a íntima relação que estabelecem com o desejo (e com o ideal) de consumo. Tanto Mara quanto Letícia viviam de forma simples, sem muitos luxos, até tornarem-se acompanhantes e começarem a ganhar uma grande quantidade de dinheiro. Suas vidas então mudaram, passaram a comprar produtos que antes não tinham condições de comprar, frequentaram restaurantes que antes não tinham condições de frequentar, começaram a ir em salões de beleza que antes não tinham condições de pagar, viajaram para lugares que antes não tinham como ir e, além disso, começaram a consumir exacerbadamente produtos sem tanta utilidade. Nossas duas acompanhantes de luxo nos contaram sobre o grande volume de dinheiro gasto no primeiro ano como acompanhantes, quantia essa que era gasta sem “peso na consciência” – elas podiam enfim consumir o que queriam. É possível dizer, concordando com Lima (2005, p. 238), que esse fenômeno ocorra como um sintoma de nosso tempo, onde

(...) a intersubjetividade decorre de novas coordenadas de produção, entre as quais o consumo desempenha um papel crucial, principalmente pelo aspecto da acessibilidade aos produtos, bens e serviços, no sentido de que o ato de consumir utilizado pela lógica sistêmica se reveste da condição de possibilidade para processos de individuação, principalmente no que tange à tradução de determinados valores do desejo, articulando deste modo processos que redundam na identidade individual.

Nesse ponto (como também em outros) percebemos a semelhança entre suas histórias e identificamos também o quanto ambas estão inseridas na lógica do consumo contemporâneo. Elas adquiriram um poder aquisitivo que permite viverem esse consumo. Todavia, questionamos sobre qual é a relação que existe entre o desempenho dessa profissão e a aquisição de bens materiais. A racionalidade capitalista na qual elas estão presas justifica (pelo menos em parte) a “compulsão”, a não economia e o consumo exacerbado de produtos sem uma significativa utilidade – afinal, quanto mais dinheiro ganham, mais gastam.

Um dos elementos primordiais que se mostra quando analisamos a história dessas mulheres e que de certa forma sustenta esse trabalho dentro da prostituição de luxo é justamente a possibilidade de acesso ao consumo e a aquisição de importantes bens materiais que outra profissão ou outra forma de comercialização do sexo possivelmente não daria. Como afirma Mara, ao nos contar sobre sua vida, ela não encontraria outro emprego que pagasse a quantia que ganha trabalhando como acompanhante de luxo; e também na história de Letícia, que já teve inúmeras profissões e nenhuma delas foi capaz de proporcionar o que a prostituição lhe proporcionou. Retomando as palavras da própria Letícia,

E o que apareceu foi limpar alho. O alho vem com várias peles, e eu tinha que tirar, deixar limpinho para ele ir para o mercado daquele jeito... e aquilo dava uma bolha no dedo...e eu ganhava dois reais para encher um caixote. Eu não conseguia, e dois dias ainda tava enchendo o caixote. Esse foi um subemprego, e também trabalhei em lava a jato, limpando carro. Eu só sei que desempregada eu não ficava. Se precisasse lavar chão na rua, fazer faxina eu fazia. Para mim eu não vejo vergonha nenhuma.

O ingresso na prostituição de luxo possibilitou a nossas protagonistas não apenas o acesso ao consumo, aos bens materiais, mas também lhes proporcionou uma mudança (pelo menos aparente) de *status* social. Aparente, porque as relações originadas a partir do capitalismo moderno criam esses *status* sociais e levam os sujeitos a pertencerem (mesmo que momentaneamente) à classe A, B ou C, dependendo do nível socioeconômico em que se encontram. Dessa maneira, levando-se em consideração que esse é um conceito criado socialmente, arriscamo-nos a colocar que essa mudança de *status* não passa de uma situação ilusória. É certo afirmar que depois que começaram a ganhar dinheiro como acompanhantes suas condições financeiras sofreram uma reviravolta, puderam comprar importantes bens materiais como imóveis e automóveis, bem como se mantêm e ajudam a sustentar seus familiares.

Nestas condições, as mercadorias (...) são usadas, consumidas, para marcar diferenças sociais e, assim transmitir mensagens, que moldam a identidade; essas condições, que aparecem como catástrofe de proporções epidêmicas têm uma íntima ligação com as condições do capitalismo. (LIMA, 2005, p. 240).

Temos que ter em mente, entretanto, que esses lugares sociais, esses *status* criados pelo capitalismo são movediços, contraditórios, não se encontram fixos em um único ponto. Um sujeito que hoje ocupa a classe A, pode amanhã ocupar a classe C. Em outras palavras, o capitalismo não sugere que os sujeitos ocupem o ponto X

impreterivelmente porque possui os bens “w, y e z”, mas sim as relações capitalistas criam ondulações que podem constantemente mudar os indivíduos dos lugares sociais que ora ocupam. Se pensarmos nas colegas de Mara que também são acompanhantes de luxo e lembrarmos que muitas delas ganham, por exemplo, a quantia de R\$ 3.000,00 em um dia, gastam tudo, e no dia seguinte se não trabalharem não vão ter o dinheiro nem para almoçar, essa flutuação característica da sociedade capitalista fica compreendida.

Mesmo considerando essas nuances provocadas pelo capitalismo, fica claro a nós o quão a vida financeira de Mara e Letícia mudou. Essa grande quantia de dinheiro recebida possibilita a elas adquirir bens e viver em condições que provavelmente uma prostituta do baixo meretrício jamais teria condições de viver. Letícia nos conta que não se considera uma prostituta, ela acha que “prostituta” são as mulheres que trabalham na rua, com roupas decotadas e que cobram 50 reais pelo programa (preço que ela considera muito baixo). Ela não se considera uma prostituta, e sim acompanhante de luxo. Acredita até que esse termo combina com ela e que a palavra prostituta melhor se encaixa para descrever as que vivem em situação de pobreza. Entretanto, cabe nos perguntarmos: o que Letícia está querendo dizer com isso? Qual a diferença existente entre ela que negocia o sexo dentro de uma boate luxuosa e a mulher que busca clientes nas ruas?

Acredito que um caminho possível para pensarmos essa questão seria pela via do binômio valorização x desvalorização. Letícia, como também Mara, não se sente valorizada se for comparada a uma prostituta que exerce sua profissão nas camadas mais estigmatizadas da sociedade. E isso se dá pelo fato de que por mais que ambas ganhem dinheiro realizando a mesma atividade, comercializando sexo, há uma diferença entre elas, que é a condição socioeconômica em que se encontram. Letícia, que cresceu em uma família com boas condições financeiras, que teve a oportunidade de ser educada em uma boa escola particular, que dedica muitos cuidados ao seu corpo, que vive em uma situação financeira confortável, que tem relações sexuais com seu cliente por uma quantia alta em um luxuoso quarto de motel, não quer ser assemelhada às mulheres pobres que se prostituem por uma pequena quantia de dinheiro, que pertencem a um classe social desfavorecida e não tiveram a oportunidade de estudar em boas escolas e ainda sem condições financeiras para dedicar cuidados ao corpo.

As características acima mencionadas provocam a valorização ou a desvalorização do produto oferecido por essas mulheres. Dessa maneira, é como se as prostitutas pobres fossem desvalorizadas em favor da valorização das acompanhantes de

luxo. A pouca quantia de dinheiro paga pela atividade sexual simboliza a desvalorização do trabalho delas, como nos conta Mara. Assim, aos olhos das acompanhantes, compará-las às demais prostitutas se configuraria como uma ofensa a elas e ao seu trabalho.

Interessante perceber que a condição da prostituição aparece tanto para Mara como para Letícia, em um primeiro momento, como algo errado, humilhante, uma última alternativa. Entretanto, quando começam a perceber que esse negócio pode proporcioná-las jantares caros, aquisição de roupas de alto custo, saídas com homens de alto poder aquisitivo, passam a acreditar que essa condição e esse dinheiro que recebem a diferenciam das demais mulheres que também vivem da comercialização do sexo. E o fetiche do consumo das mercadorias, da representação, da performance, faz com que pareça que elas estão em um outro *status* social. Então, essa diferença que é a abertura para o consumo e que está dentro da lógica capitalista, talvez crie a ilusão de que elas estarão *permanentemente* neste lugar diferenciado.

Nas histórias de nossas protagonistas são identificados elementos que nos fazem compreender o quão difícil pode ser viver dessa profissão, como os riscos aos quais estão expostas – contaminação de algumas doenças sexualmente transmissíveis, dentre outras. Mas ingressar nessa profissão também traz perigos de outra ordem, como uma certa ilusão, alienação de que podem fazer o que quiserem e viver do que quiserem quando saírem do mundo da prostituição. Mara acredita que conseguirá ou engravidar de algum homem rico e conseguir o dinheiro da pensão, ou que algum de seus clientes poderá empregá-la quando não viver mais como acompanhante. Letícia, com planos relativamente mais concretos quanto ao seu futuro, acredita que conseguirá abrir uma loja ou um salão de beleza.

Certamente há várias possibilidades de esses planos se concretizarem, como também existe a possibilidade de não darem certo. O que chama a atenção nessa questão é elas se mostrarem relativamente certas de que o que planejaram se concretizará. Também existe uma ilusão quanto ao fato de elas afirmarem que podem escolher os homens com quem vão sair; como já mencionamos anteriormente – até que ponto de fato elas exercem esse poder de escolha?

Podemos considerar que a entrada na lógica capitalista provoca esse efeito ilusório. O capital cria esses fetiches, e a aderência a tal lógica ajuda a produzir sujeitos capazes de acreditar que as pessoas são melhores ou piores porque adquirem determinado produto que supostamente as colocaria em um determinado “status” social.

Um exemplo que ajuda a visualizar essa colocação é o caso de uma pessoa que compra um *Iphone*¹⁴ e se sente não apenas satisfeita como também melhor do que uma pessoa que tem um celular de baixíssimo custo. É a ilusão de que o *Iphone* coloca o sujeito em outro *status*, o insere em outra categoria social. Por que Letícia fica mais cara quando estampa a capa de uma revista masculina? Ela ficou fetichizada. Trata-se da mesma mulher, que ao posar para a revista se tornou uma mercadoria diferenciada. Entretanto, é importante que tenhamos clareza que toda essa aparência apenas se sustenta por causa das fantasias que são mantidas pelo fetiche capitalista. Lima (2005, p. 243) complementa essa análise ao afirmar que “a sociedade de massas e de consumo, que procura moldar o indivíduo aos interesses do capitalismo, apaga as possibilidades de emancipação”.

A discussão acima mostra alguns dos elementos que relacionam esse trabalho com a perspectiva da Teoria Crítica, que por sua vez busca analisar criticamente as influências causadas pelo capitalismo na vida social, econômica e psíquica dos indivíduos na sociedade moderna, bem como as mudanças culturais que daí emergem. Ao se propor a questionar o dado, questionar o que socialmente foi criado e imposto como única alternativa possível, como analisa Soares (2006), a Teoria Crítica salienta as mudanças sociais como importante ponto de reflexão, buscando compreender em que medida as relações capitalistas interferem e modificam as interações do sujeito na sociedade.

Como colocado na segunda parte desse trabalho, também é de interesse dos autores ligados à Escola de Frankfurt a crítica feita ao caráter fetichista das mercadorias, como discutimos logo acima. Segundo defendido pelos intelectuais frankfurtianos, como menciona Soares (2006) e Lima (2011), a lógica capitalista atribui valor e poder exacerbado às mercadorias, causando a “ilusão” de que tal produto vale mais caso se apresente ao mercado de determinada forma. Assim, podemos considerar que essa “ilusão” combinada à fetichização do produto acarreta no processo de alienação dos indivíduos.

4.3 As diferentes personagens, as diferentes representações e a questão da invisibilidade

¹⁴Aparelho celular de alto custo produzido pela empresa APPLE™.

Pretendemos discutir aqui as diferentes personagens e as respectivas representações que Mara e Letícia assumem em suas vidas. É interessante notar que ambas representam a mesma personagem *acompanhante de luxo*, entretanto, por mais que as representem, elas não são vividas da mesma maneira.

Apesar de Mara e Letícia viverem a personagem acompanhante de luxo de formas distintas – uma a vive de um modo invisível e a outra de forma bem explícita e em busca de reconhecimento –, as duas experienciam fatos parecidos até se tornarem acompanhantes. As duas se casaram muito jovens; tiveram filhos também jovens; viveram com maridos extremamente machistas e que tentavam privá-las de liberdade e de escolha; as duas vivenciaram a sexualidade de modo muito limitado até se tornarem acompanhantes de luxo; são mulheres que depois de passar pela experiência da separação puderam enfim ter liberdade e viver o que anteriormente não viveram – é a personagem “mulher separada” como primeira experiência de liberdade; e são mulheres que entraram na vida da prostituição de luxo já mais maduras, já vividas de algumas experiências e depois de terem passado por novos relacionamentos com outros homens. A maneira como a personagem *acompanhante de luxo* é representada pode variar dependendo da classe social das meninas que as represente.

Na história de Mara, identificamos que à medida que ela representa essa personagem, ela decide não integrá-la ao restante da sua vida, de modo público. Dessa maneira, podemos entender que ela não busca o reconhecimento dessa personagem nos espaços públicos do mundo da vida, visto que carrega consigo todos os preconceitos construídos socialmente contra essa personagem.

Essa invisibilidade, como discutida por Honneth (2011) e essa não busca por reconhecimento está diretamente ligada ao fato de Mara não querer ser vista, reconhecida como profissional do sexo. Como dito acima, não quer sofrer com o preconceito que possivelmente se abateria sobre ela caso sua personagem acompanhante de luxo fosse revelada. Ela aprendeu que as profissionais do sexo são estigmatizadas, são socialmente recriminadas. Assim, seu desejo em se manter numa invisibilidade social se torna compreendido.

Mara tenta corresponder ao que convencionalmente se espera dela, ou seja, uma mulher que tem um emprego socialmente e moralmente reconhecido, que se case com um homem, que tenha filhos, constitua uma relação monogâmica *etc.* Assim, entra em um jogo de representações ao passo que cria várias personagens para tentar esconder a existência da sua personagem acompanhante de luxo.

Interessante perceber que essa personagem representada por Mara que ela tenta a todo custo esconder da família e dos amigos, é vivida de um modo invisível, ou seja, as pessoas que vivem junto com ela, que convivem com ela nos espaços públicos, no mundo da vida, não conhecem essa personagem. Esta invisibilidade, tal como seu sentido nos é revelado em sua entrevista, consiste em uma forma de proteção perante uma série de atitudes sociais de reprovação, humilhação e discriminação.

Essa personagem, entretanto, que não é conhecida e reconhecida socialmente é justamente a personagem que a permite viver várias outras personagens. Aliás, Mara apenas representa a personagem *mulher sustentada por um homem mais velho*, porque tem que justificar as constantes saídas de casa e o dinheiro que a sustenta, e esse personagem foi criado para tentar encobrir sua personagem *acompanhante de luxo*. A outra personagem que aparece na vida de Mara em virtude de sua representação como acompanhante de luxo é a de *mulher que namora com outra mulher*. Podemos pensar nisso se tivermos em mente que Mara começou a se envolver com sua parceira quando já representava a personagem *acompanhante de luxo*.

É curioso notarmos que a personagem que mais possibilita Mara de viver socialmente, a personagem que a faz transitar com frequência nos lugares, que a faz se relacionar e conhecer um grande número de pessoas, que mais a transforma enquanto sujeito, é uma personagem que, por escolha própria, não é reconhecida publicamente. Mara prefere representar essa personagem invisivelmente para não ter que viver e conviver com os estigmas sociais que possivelmente surgiriam se ela assumisse essa representação publicamente.

Nesse sentido ela fala sobre a posição desprivilegiada que se encontra enquanto vivendo a personagem *acompanhante de luxo*, visto que, socialmente, a figura da mulher que vive da comercialização do sexo é tratada com desrespeito, o que as estigmatiza e as colocam à margem não apenas da sociedade, mas também do papel de trabalhadoras que merecem ter seus direitos assegurados, como por exemplo ter a garantia de que receberá pelos serviços prestados aos seus clientes.

É interessante também que percebamos o jogo que Mara vai fazendo com suas personagens. Visualizamos isso quando notamos inclusive que ela prefere criar uma outra personagem, a *mulher sustentada por um homem mais velho*. Uma personagem que, embora não seja representada concretamente, passa a existir para a família, servindo como uma estratégia para encobrir a existência da personagem *acompanhante de luxo*. Curiosamente, embora também possa ser socialmente condenável, para Mara é

melhor representar mesmo que de forma fictícia a personagem *mulher sustentada por um homem mais velho* do que ter que assumir a existência da personagem *acompanhante de luxo*.

Mara desenvolve e representa suas personagens separadamente, em contextos diferentes. A personagem *acompanhante de luxo* é vivida dentro do contexto da casa em que trabalha e quando sai com seus clientes, entretanto não é representada no seu meio familiar. Sua personagem *mulher que namora outra mulher* também é representada de modo invisível, visto que sua família não pode saber que ela tem um relacionamento homoafetivo. Além disso, Mara tem que esconder da companheira que sai com casais e assim, conseqüentemente, que se relaciona sexualmente com outras mulheres, visto que a namorada ficaria chateada. Em outras palavras, a vida de Mara é um constante “jogo de esconde-esconde”. Mara consegue desenvolver e representar a personagem *acompanhante de luxo* em um contexto *outsider* e também esconder essa mesma personagem nos demais espaços públicos onde representa outras personagens. Com isso, é interessante perceber que ela vive e se sustenta justamente dessa personagem que não é reconhecida publicamente.

Mara esconde sua personagem *acompanhante de luxo* para não sofrer com os dilemas, preconceitos e estigmatizações que essa representação poderia acarretar em sua vida. Esconder a existência dessa personagem possibilita a ela não apenas viver as outras personagens que criou, mas também permite ela frequentar os espaços que quer e representar a personagem que couber naquela ocasião.

Depois que Mara passou a representar a personagem *acompanhante de luxo* sua vida sofreu uma série de ressignificações. Ela, que antes nunca tinha se envolvido afetivamente com nenhuma pessoa do mesmo sexo, agora namora uma mulher. Seu envolvimento afetivo com os homens foi abalado quando ela passou a acreditar que os homens não prestavam e que só a viam como um “pedaço de carne”, que só queriam “usar” seu corpo, não respeitando seus sentimentos.

Nesse momento é interessante perceber que Mara, ao assumir essa visão em relação aos homens, reafirma a opinião que sempre teve do pai, a quem sempre criticou. Em contrapartida, Mara também reafirma o lugar da mãe quando diz que se a mulher quiser manter o casamento terá que “fechar os olhos” para as traições do marido, pois segundo ela o homem “traí mesmo” e se a mulher o quiser que aceite e lide com esse fato. Contraditoriamente, Mara que é justamente a *outra* de alguém (o que dizia não

suportar no pai – o fato de ter outras mulheres), diz que as mulheres têm que ser iguais à mãe (a pessoa que ela também criticou e nunca quis seguir o exemplo).

Outra ressignificação ocorrida na vida de Mara foi seu desejo de representar a personagem *mãe*, já que não a representou com seu primeiro filho. E esse desejo surgiu quando passou a se relacionar com a companheira, visto que encontrou nela o carinho e o companheirismo que nunca antes havia tido. A influência da companheira a fez ainda reorganizar sua vida financeira. Ela, que antes gastava todo o dinheiro que ganhava com produtos supérfluos, passou a controlar os gastos de tal modo que conseguiu comprar uma casa e um automóvel.

A representação da personagem *acompanhante de luxo* trouxe, além da autonomia financeira e das ressignificações acima comentadas, a possibilidade de se apropriar da própria sexualidade. Ela, que antes de ser acompanhante só havia mantido relações sexuais com o marido (o qual sempre tentou reprimi-la), teve a oportunidade de conhecer outras pessoas e experimentar outras formas de viver a afetividade. Assim, podemos considerar que mesmo que essa personagem *acompanhante de luxo* traga alguns problemas e conflitos na vida de Mara, ainda assim é uma personagem que também traz alguns ganhos – ganhos esses que, como percebemos, não se baseiam apenas nas conquistas financeiras.

Mara, enquanto acompanhante de luxo, tenta nos passar a imagem de que viver essa representação não é para ela algo tão ruim. Por mais que ela esconda essa personagem para não sofrer as repressões que socialmente poderiam aparecer, e que esse segredo traz alguns conflitos, ainda assim se sente relativamente confortável ocupando esse lugar. Percebemos seu intuito em nos mostrar que o modo como ela exerce a prostituição extrapola o que socialmente se espera de uma prostituta – uma mulher pobre, advinda de uma classe social desfavorecida, capaz de aceitar qualquer coisa pelo dinheiro, alguém humilhada que viveria na escória da sociedade.

A vida de Mara e os personagens que representa são sempre negociados na base do segredo – a família não sabe que ela é acompanhante, nem que ela namora outra mulher; e a parceira não sabe que ela faz programa com casais. Ou seja, podemos perceber que as personagens representadas por Mara são sempre vividas parcialmente e de um modo muito distinto, visto que para cada espaço há uma personagem a ser representada. Afirmamos que essas personagens são vividas parcialmente porque Mara não quer integrá-las e assumi-las publicamente, visto que isso geraria um grande conflito em sua vida. Assim, tem que representar um apenas na proporção que não

atrapalhe a existência do outro – todos têm que estar em segredo já que existe um certo limite para serem representados.

Diferente de Mara, Letícia não vive esse eterno “jogo de esconde-esconde”, não vive tentando esconder todos os personagens que encarna, não baseia as representações de suas personagens em cima de segredos, não vive numa zona de tensão constante com medo que uma ou outra pessoa descubra as personagens que encarna. Todos que estão ao redor de Letícia (e os que não estão também) conhecem sua personagem *acompanhante de luxo* – sua filha, seus amigos, seus pais, seus demais parentes, todos sabem o que ela faz para ganhar a vida. Letícia inclusive tem uma página na *internet* que criou para divulgar seu trabalho, onde em todas as fotos ela aparece mostrando o rosto. Até o nome que usa como acompanhante é seu nome de batismo – Letícia¹⁵. Sua vida está sempre aberta, escancarada, para quem quiser ver e conhecê-la. Nesse sentido justamente podemos colocar Letícia como aquela que encarna seus personagens, pois os vive intensamente e não finge para as demais pessoas que algumas de suas personagens não existem

Percebemos então que Letícia vive a partir da articulação de todas as suas personagens, de modo a integrá-las em torno da representação que ela considera ser a principal – a de *acompanhante de luxo*. Letícia busca publicamente o reconhecimento de suas personagens: quer ser reconhecida pela sua personagem *mãe*, visto que sempre se preocupou com a criação, com o cuidado, com o afeto e com o sustento de sua filha; quer ser reconhecida como a *filha do papai*, já que sempre se preocupou com a imagem que o pai teria dela tentando não magoá-lo nem decepcioná-lo; e busca principalmente ser reconhecida enquanto trabalhadora que merece ser respeitada e tratada tão dignamente quanto qualquer trabalhador que exerça outra profissão.

Letícia busca reconhecimento, reconhecimento da sua dignidade humana, da sua profissão. Quer ser reconhecida como qualquer outra trabalhadora, e isso fica claro quando ela vai “mandar o recado para a sociedade”. Com essa mensagem ela quer mostrar que seu trabalho não é indigno, visto que ela não tem o interesse de prejudicar nem de abalar o casamento de ninguém. Como afirma, ela apenas quer trabalhar e no exercício do seu trabalho não vai atrás de homem nenhum, eles é que a procuram.

A esse respeito Habermas (2004, p. 44), embasando-se em Mead, colocou que “os indivíduos esperam uns dos outros uma igualdade de tratamento, que parte do

¹⁵ Vale ressaltar que Letícia não é um nome fictício, é o nome de batismo da entrevistada. Ela nos autorizou a utilizar seu nome na pesquisa.

princípio de que cada pessoa considere cada uma das outras como ‘um dos nossos’”. Entretanto, essa seria o que podemos chamar de “condição ideal”, o que na realidade não se efetiva. Justamente por causa dessa não efetivação, dessa não igualdade de tratamento e conseqüentemente do não reconhecimento, que se originará as lutas por reconhecimento, como analisado por Honneth (2003).

À medida em que assume a nova personagem acompanhante de luxo, ela vai querer mostrar que todas as suas outras personagens podem ser vividas e amarradas com a de acompanhante de luxo. Dessa maneira, ela pode ser a mãe que também é acompanhante de luxo, pode ser a filha que também é acompanhante de luxo, uma amiga que também é acompanhante de luxo, uma acompanhante de luxo que é empreendedora, e todas essas são a Letícia Brasil. Assim, todos vão ter que reconhecê-la como Letícia Brasil – inclusive se ela começar um novo relacionamento, ele terá que assumir as possíveis conseqüências disso.

Buscar o reconhecimento da sua personagem *acompanhante de luxo*, de um modo *outsider*, é tentar se livrar dos estigmas e dos preconceitos que essa profissão acarreta. Mas Letícia não tem medo de ter que lutar contra essa estigmatização, nem tem vergonha do trabalho que realiza, afinal, o dinheiro que ganha é fruto do seu esforço e do seu trabalho e é a partir dele que organiza sua vida, se sustenta e ajuda a família.

Um aspecto marcante na narração de Letícia é sua preocupação em hipervalorizar a imagem da sua personagem *Letícia acompanhante de luxo*. Seu interesse maior é preservar e valorizar essa nova personagem para assim continuar a manter uma imagem positiva dos serviços que presta. Essa assertiva fica clara ao retornarmos para o início da história de Letícia: quando vai se apresentar ao entrevistador, fornece sem constrangimento seu nome completo, mas se nega a dizer sua idade. Talvez essa seja uma tentativa de preservar a imagem da sua personagem, já que nesse meio social os clientes dão preferência para estar com meninas mais jovens. Letícia não quis prejudicar sua personagem, não quis prejudicar seu trabalho, não quis administrar uma fragmentação de sua identidade.

4.4 A acompanhante de luxo como *Outsider*

Ao retomar às contribuições de Becker (2008), podemos pensar em Letícia como a representação da figura do *outsider*, como “alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo” (BECKER, 2008, p. 15). Letícia não se

considera um sujeito que trabalha com algo errado ou que vive sua vida de um modo impróprio, ilegal – considera-se uma mulher que trabalha, ganha seu dinheiro, sustenta financeiramente sua vida, e tudo isso como resultado do fruto do seu esforço e do seu empenho em querer viver uma vida melhor. Letícia vive fora do esperado, do padrão, e está ligada à ideia de *outsider* justamente porque encarna a personagem central de sua vida, a de acompanhante de luxo, publicamente, buscando inclusive o reconhecimento da sua dignidade. Diferentemente de Mara, que vive a personagem acompanhante de luxo de modo invisível, sem buscar o reconhecimento dessa representação.

Mara não quer viver de um modo *outsider*, não quer que a reconheçam como o diferente, como aquela que se desvia das regras socialmente impostas. Ela não quer correr o risco das suas personagens serem descobertas para não ter que (re)configurar sua vida e para não ter que assumir publicamente uma personagem que ainda sofre com o preconceito e com o estigma. Ela vive de um modo que poderíamos chamar de convencional, visto que publicamente ela quer manter sua personagem *acompanhante de luxo* na invisibilidade e ser reconhecida apenas como aquela que é universitária e que é sustentada por um homem mais velho.

Nesse contexto podemos colocar Letícia como um sujeito que se apresenta e se representa publicamente de um modo pós-convencional, visto que ela vive a representação dessa personagem fugindo das convenções que fazem com que a prostituição seja mantida sempre na invisibilidade. Ela assume que vive da venda do corpo, apresenta-se socialmente dessa forma, tentando tirar sua personagem *acompanhante de luxo* de um lugar obscuro e invisível, buscando reconhecimento da dignidade de sua identidade.

Pensar a história de Letícia como a expressão de uma identidade pós-convencional fortalece as proposições de Ciampa (1987), que acredita que esse tipo de representação de si-mesmo expressa um conteúdo emancipatório, expressa uma “identidade não *determinada* previamente nos seus conteúdos e *independente* de organizações específicas” (HABERMAS, 1983, p. 103). É uma identidade que antecipa uma forma de vida com valores e normas ainda não estabelecidos. Ainda sobre esse assunto, Habermas (1990, p. 220) coloca que

agora se articula uma identidade-eu através de uma pretensão incondicionada de singularidade e de insubstituibilidade, a qual não se prende mais exclusivamente ao ‘tipo social’, sendo, pois, pós-convencional, também desta vez entra em jogo um momento de idealização. Esse momento não se refere somente ao círculo virtual que abrange todos os destinatários, a comunidade

ilimitada de comunicação, mas à própria pretensão de individualidade; ele diz respeito à garantia que eu assumo conscientemente em relação à continuidade de minha história de vida, à luz de um projeto de vida individual e refletido.

A postura de Letícia é o que podemos chamar de um modo não cínico de viver no mundo da vida, visto que ela está lá para realizar esse trabalho, todos sabem disso, e se quiserem procurá-la sabem onde encontrar. Ela assume essa representação e as consequências que isso pode gerar, não cria outras personagens para encobrir a existência da *Letícia acompanhante de luxo*, pelo contrário, articula-a com todas as outras que também fazem parte de sua identidade.

Ciampa (1987, p. 241) nos fala sobre a importância de novos projetos identitários, identidades que fujam ao pré-estabelecido, ao pressuposto. Assim, analisa que

só a ampla discussão e reflexão sobre o que merece ser vivido nos levará a formular projetos de identidade, cujos conteúdos não estejam prévia e autoritariamente definidos. Identidades que se definam pela aprendizagem de novos valores, novas normas, produzidas no próprio processo em que a identidade está sendo produzida, como mesmidade de aprender (pensar) e ser (agir).

Lima (2005) complementa as colocações de Ciampa (1987) e fala sobre a guinada no conceito de identidade-metamorfose para a expressão identidade-metamorfose-emancipação. Sobre essa prerrogativa, Lima (2005, p. 233) nos fala que a partir de então

a identidade passa a ser entendida como metamorfose humana em busca de emancipação, que pode ser conquistada ou não, na medida em que está sujeita ao desenvolvimento das Identidades Pós-Convencionais, que por sua vez estão sujeitas ao desenvolvimento da sociedade.

Letícia reconfigura sua vida, seu modo de ser, seu modo de se relacionar e de estar no mundo a partir do seu trabalho como acompanhante de luxo. Dessa forma, tem também a clareza de que não poderá exercer essa profissão para sempre. Por isso estabelece como plano de futuro abrir uma loja de produtos ligados a sexualidade e sensualidade e se manter dos seus rendimentos que esta proporcionar, pois acredita que o mercado tem espaço para esse tipo de empreendimento.

Por outro lado, de um modo convencional, Mara tem soluções menos claras quanto a seus planos futuros – pretende ou engravidar de alguém para conseguir uma pensão, ou arrumar um emprego com algum de seus clientes influentes, uma vez que

sabe de seus segredos. O segredo perpassa toda a vida de Mara e deixa claro também uma invisibilidade que ao mesmo tempo mantém um certo poder, tensiona a realidade em que vive.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme abordamos no início desse trabalho, são várias as perspectivas que podemos adotar ao pensar sobre a temática da prostituição. Vários autores se propuseram a pesquisar e analisar os vários aspectos que circundam a vida dessas mulheres que utilizam a comercialização do sexo como meio de se manterem e sustentarem suas famílias. Ao discutir essa temática, vários questionamentos podem surgir: afinal, como vivem essas mulheres? Como regem suas vidas a partir da venda do corpo? O que significa para elas serem profissionais do sexo?

Como vimos, essas mulheres ocupam um lugar social ainda marcado pelo preconceito, pela estigmatização e pela exclusão social. São mulheres que vivem de uma forma invisível, que são *vistas através de*, como nos coloca Honneth (2011). Socialmente se tenta fingir que elas não estão aí, que não são pessoas portadoras de direito, de dignidade e reconhecimento. Tanto as mulheres das camadas mais baixas da sociedade que vivem da prostituição, como aquelas de elevada classe social que comercializam o sexo nas camadas mais abastadas da sociedade, vivem em espaços excluídos socialmente, bem como sofrem ainda com a discriminação.

Nesse trabalho fizemos uma investigação sobre como vivem as acompanhantes de luxo, mulheres de classe média e classe média alta que tomaram como profissão a prostituição de luxo. Para isso, entrevistamos duas acompanhantes de luxo, Mara e Letícia, e buscamos a partir da narrativa de suas histórias de vida tentar compreender como se dá o conflituoso processo de (re)construção de suas identidades e quais as nuances que ocorreram no decorrer desse processo.

Para nos ajudar a compreender e analisar tais histórias, recorremos a autores que trabalham e dialogam com a perspectiva de uma Psicologia Social Crítica. Utilizamos a teoria de identidade e a ideia de metamorfose tal como desenvolvida por Ciampa (1987); seguindo essa linha, foi importante a contribuição de Lima (2010) ao afirmar que toda identidade é metamorfose em busca de reconhecimento, o que nos impulsionou a recorrer aos escritos de Honneth (2003), para assim tentarmos entender não apenas o conceito de reconhecimento, mas também como ele se relaciona com as histórias de nossas duas protagonistas. Atrelada a essa discussão, procuramos discutir também o conceito de invisibilidade trazido por Honneth, bem como a teoria do desvio tal como formulada por Becker (2008), tentando a partir desse aparato teórico compreender as histórias que nos foram contadas.

Mara e Letícia são duas acompanhantes de luxo, mulheres que por mais que representem uma mesma personagem, vivem-na de formas completamente diferentes. Mara, de uma forma mais invisível, negocia sua vida sempre na base do segredo. Criou várias outras personagens para tentar mascarar a existência de sua personagem *acompanhante de luxo*. Não assume essa representação com medo do preconceito e da discriminação que poderia sofrer – não quer ser reconhecida enquanto profissional do sexo, não quer ser reconhecida como uma anamorfose, como uma distorção do que se espera socialmente de uma mulher.

Letícia, por sua vez, vive sua personagem acompanhante de luxo de uma forma bem distinta da de Mara. Ela assume publicamente essa representação, que por ser a principal de sua vida, tenta articulá-la com suas outras personagens. Ela é uma mãe que também é acompanhante, uma filha que também é acompanhante, uma amiga que também é acompanhante, ou seja, ela articula todas as personagens em torno da sua principal representação: a de acompanhante de luxo. Letícia não vive de um modo invisível, pelo contrário. Ela busca o reconhecimento de suas personagens, busca ser reconhecida enquanto uma profissional e uma mulher com livre direito de escolha. Mas não apenas isso, busca o reconhecimento da sua dignidade humana. Podemos afirmar ainda que ela vive de um modo *outsider*, como uma anamorfose, uma distorção do que convencionalmente se espera de uma mulher.

Foi possível perceber a partir das narrativas de Mara e Letícia que uma personagem que se expressa de uma forma estigmatizada, não necessariamente vai ser vivida por determinado sujeito de um modo estigmatizante. Dependendo do contexto, o sujeito pode trabalhar em cima de determinada personagem e buscar o reconhecimento desta na esfera pública; como no caso da Letícia, que incorpora essa personagem em sua vida, e embora estigmatizante, é a personagem que disponibiliza recursos para ela viver confortavelmente, que lhe dá dignidade, que a faz poder articular várias outras personagens, ao invés de segregá-las.

No caso de Mara, essa mesma personagem estigmatizada, embora tenha lhe proporcionado mais ganhos em sua vida do que qualquer outra representação que tenha desempenhado, ainda assim ela não consegue assumir publicamente a representação dessa personagem, pois lhe parece que tal personagem é muito pior do que qualquer outra que ela pudesse representar.

Percebemos com as narrativas de história de vida das nossas protagonistas que em alguns casos, por mais que a personagem estigmatizada garanta ganhos em suas

vidas, proporcione viverem uma vida confortável, muitas vezes pode-se preferir manter essa personagem na invisibilidade, com isso tendo que criar várias estratégias para que as demais pessoas não saibam da existência dessa personagem como a principal, como foi o caso de Mara.

Podemos refletir no sentido de que muitos sujeitos podem não querer serem reconhecidos como diferentes. Por mais que o sujeito possa conseguir alguns ganhos representando uma personagem estigmatizada, nos espaços públicos ele pode querer se manter no anonimato e ser reconhecido por outra coisa, menos por aquela personagem. Em outros casos, podemos perceber sujeitos que vão querer se apropriar da personagem estigmatizada e vão colocá-la como sua representação principal, lutando por reconhecimento; buscando ainda o direito de viver essa personagem estigmatizada na esfera pública, forçando a própria sociedade a transformar a maneira como lida com ela.

Para finalizar, acreditamos que seja de extrema importância ressaltar que as considerações feitas até esse momento não são únicas, taxativas, estáticas, e acima de tudo, não é uma verdade absoluta sobre a vida dessas mulheres. As possibilidades de ser, de estar, de viver, de representar são muito maiores que as linhas escritas nesse trabalho. Mais do que fazer um fechamento, uma conclusão sobre as histórias de vida dessas mulheres, nosso intuito foi mostrar quão múltiplas são as nossas possibilidades de existência.

Tentei considerar aspectos que por ora me pareceram mais relevantes de serem discutidos, entretanto, isso não impossibilita outros olhares, outras análises, outras considerações sobre as histórias aqui contadas. Afinal, como aprendi com meu orientador, uma dissertação, mais do que responder perguntas, deve ser capaz de formular novos questionamentos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. A. M. de. **Sobre a Anamorfose: Identidade e Emancipação na velhice.** 2005. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- BARBOSA, R. M. de S. **Garota de programa: acontecimento discursivo.** 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2008.
- BARRETO, D. R. D. **“Eu não esqueço, eu faço que esqueço”:** um estudo acerca das narrativas de história de vida de prostitutas pobres. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2011.
- BALDNER, D. C. **Estigma e atividade profissional: Um olhar sobre o processo de profissionalização da profissional do sexo.** 2011. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.
- BECKER, H. S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BEZERRA, D. M. **Prostitutas entendidas: o que entender?.** 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.
- BITTENCOURT, G. H. F. **Da pornografia: os diários de Bruna, Marise e Gabriela. As prostitutas letradas.** 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.
- BOUILLOUD, J. P. A autobiografia – Um desafio epistemológico. In: TAKEUTI, N. M.; NIEWIADOMSKI, C. (Orgs). **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas.** Porto Alegre: Sulina, 2009. p.33-58.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.
- CIAMPA, A. C. **A Estória do Severino e a História da Severina: Um ensaio de Psicologia Social.** São Paulo, Brasiliense, 1987.
- COSTA, N. C. **O lado duro da vida fácil: a exploração sexual de meninas adolescentes da periferia de Fortaleza.** Dissertação (Mestrado em Educação em Saúde) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2005.
- FOUCAULT, M. Nietzsche, Freud e Marx. In: _____. **Ditos e Escritos – Vol. II.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p.40-55.

- GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GEAMMAL, J. T. **O surgimento da marca Daspu e a projeção de sua imagem através da imprensa**. 2009. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- GUIMARAES, R. M. **Prostituição: patologia, trabalho, prazer? O discurso de mulheres prostitutas**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.
- HABERMAS, J. **Para a Reconstrução do Materialismo Histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- HABERMAS, J. **Pensamento Pós-Metafísico: estudos filosóficos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- HABERMAS, J. **A inclusão do outro: estudos de teoria política**. São Paulo: Loyola, 2004.
- HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução de Luiz Repa; apresentação de Marcos Nobre. São Paulo: Editora 34, 2003.
- HONNETH, A. Invisibilidad: sobre la epistemología moral del reconocimiento. In: **La sociedad del desprecio**. Madrid: Editorial Trotta, 2011.
- HONNETH, A. Recognition or Redistribution? Changing Perspectives on the Moral Order of Society. **Theory, Culture & Society**, London, v. 18, n. 2-3, p. 43-55, June, 2011.
- HOUAISS. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KOFES, S. **Uma trajetória, em narrativas**. Campinas, São Paulo: Mercado de letras, 2001.
- KOLYNIK, H. M. R.; CIAMPA, A. C. Corporeidade e Dramaturgia do cotidiano. **Discorpo**, n. 2. (março), 1994.
- LARROSA, J. Tecnologias do Eu e Educação. In: Silva, T. (Org.) **O sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 35-86.
- LEITE, G. S. **Eu, mulher da vida**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- LIMA, A. F. **A dependência de drogas como um problema de identidade: possibilidades de apresentação do Eu por meio de oficina terapêutica de teatro**. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

- LIMA, A. F. **Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso**: a Identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. São Paulo: FAPESP: EDUC, 2010.
- LIMA, A. F. Sobre a crítica de Jürgen Habermas ao projeto frankfurtiano: separação epistemológica ou continuidade de uma tradição? **Revista Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 181-196, 2011.
- LIMA, A. F.; LIMA, M. S. A teoria crítica de Axel Honneth: uma (breve) discussão sobre a teoria do Reconhecimento e seus desdobramentos. In: **Psicologia Social Crítica**: paralaxes do contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, p. 51-66, 2012.
- MATOS, O. **A escola de Frankfurt**: luzes e sombras do iluminismo. São Paulo: Editora Moderna, 1993.
- MAYORGA, C. El tráfico de mujeres como problema: colonialismo y patriarcado. **Revista Electrónica de Psicología Política** (En línea), v. n. 21, p. 74-102, 2009.
- MENDONÇA, R. F. Reconhecimento em Debate: os modelos de Honneth e Fraser em sua relação com o legado habermasiano. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, n. 29, p. 169-185, nov. 2007.
- MENDONÇA, R. F. A dimensão intersubjetiva da auto-realização: em defesa da teoria do reconhecimento. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, n. 70, p. 143-154, 2009.
- MONTEIRO, M.; MONTENEGRO, M. Critical psychology in Venezuela. **Annual Review of Critical Psychology**, v.5, 2006. p. 257-268.
- MORAES, A. F. **Mulheres da vila**: prostituição, identidade social e movimento associativo. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- NOBRE, M. Apresentação: luta por reconhecimento. Axel Honneth e a teoria crítica. In: HONNETH, A. **Luta por reconhecimento**. São Paulo: Editora 34, 2003.
- OLIVEIRA, V. **100 segredos de uma garota de programa**. Tudo o que você queria saber sobre homens, sexo e a profissão. 2. ed. São Paulo: Matrix, 2007.
- OLIVEIRA, V. **O diário de Marise**: a vida real de uma garota de programa. São Paulo: Matrix, 2006.
- PEREIRA, C. S. **Que tenhas teu corpo**: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas. 2002. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- RICOEUR, P. **O percurso do reconhecimento**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- RODRIGUES, R. M. **Prostituição e construção de carreira**: um estudo sobre o trabalho de prostituta do centro de Salvador. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

- ROSENFELD, C. L.; SAAVEDRA, G. A. Reconhecimento, teoria crítica e sociedade: sobre desenvolvimento da obra de Axel Honneth e os desafios da sua aplicação no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 15, n. 33, p. 14-54, mai./ago. 2013.
- SANTOS, V. G. **Prostitutas mães e a educação de seus filhos**: corpo, cena e discurso no Centro de Fortaleza – CE. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011a.
- SANTOS, G. B. **O estilo interativo das profissionais do sexo de Belo Horizonte**: Um estudo sobre estratégias linguísticas. 2011. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011b.
- SCHLINDWEIN, A. F. **Páginas Davida**. Um gesto analítico discursivo sobre a prostituição. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- SCOTT, J. W. Tornando-se visível. In: SILVA, A. L.; LAGO, M. C. S.; RAMOS, T. R. O. (Orgs). **Falas de gênero**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 21-55.
- SCOTT, J. A mulher trabalhadora. **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento, 1990.
- SOARES, J. C. **Escola de Frankfurt**: unindo materialismo e psicanálise na construção de uma psicologia social marginal. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. L.; PORTUGAL, F. T. (Orgs.). **História da Psicologia** – rumos e percursos. Rio de Janeiro: NAU, 2006. p. 473-501.
- TEDESCO, L. L. **Explorando o negócio do Sexo**: uma etnografia sobre as relações afetivas e comerciais entre prostitutas e agenciadores em Porto Alegre/RS. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PortoAlegre, 2008.
- VALLE, L. D. **Daspu e a redefinição da representação social da prostituta nos meios de comunicação de massa do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2010.
- VENTURA, T. Luta social por reconhecimento: dilemas e impasses na articulação pública do desrespeito. **Revista de Sociologia e Política**, v. 19, n. 40. P. 159-170, 2011.
- WERLE, D. L.; MELO, R. S. Teoria Crítica, teorias da justiça e a “reatualização” de Hegel. In: HONNETH, A. **Sufrimento de indeterminação**: uma reatualização da “Filosofia do direito” de Hegel. São Paulo: Editora Singular, 2003. p. 7-44.